

FRAGMENTOS DO MORAR:

Ecos de uma tragédia em Maceió- AL



Karina Mendonça Tenório de Magalhães Oliveira

FRAGMENTOS DO MORAR: Ecos de uma tragédia em Maceió- AL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como exame de qualificação para à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Linha de pesquisa: Percepção, Conceituação e Representação do Espaço Habitado.

Orientadora: Maria Angélica da Silva

Maceió. Alagoas
2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Jone Sidney Alves de Oliveira – CRB-4 – 1485

- O48f Oliveira, Karina Mendonça Tenório de Magalhães.
Fragmentos do morar: ecos de uma tragédia em Maceió-AL. / Karina
Mendonça Tenório de Magalhães Oliveira. – 2024.
164 f. : il. color.
- Orientadora: Maria Angélica da Silva.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de
Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2024.
- Bibliografia: f. 161-164.
1. Casas – Tragédia. 2. Fragmentos. 3. Habitar, 4. Autobiografia. I. Título.
- CDU: 72:316(813.5)

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que habitam em meu morar interior – me acolhem, afagam, dividem.

Aos que cruzaram meus caminhos no construir dessa casa dissertação.

Aos moradores do Pinheiro e de todos os bairros afetados por essa tragédia.

Tenho em mim um fragmento de cada um.

“O importante não é a casa onde moramos,
mas onde, em nós, a casa mora”

Mia Couto

RESUMO

Essa dissertação se constrói a partir de fragmentos. A partir de narrativas autobiográficas, reúne fotografias, experiências em campo e experimentos corpóreos e audiovisuais, nos quais busca explorar a relação de ex moradores do bairro Pinheiro e suas casas, diante do crime socioambiental que os atravessa. Em 2018, a cidade de Maceió foi atingida pela subsidência do solo, em uma área central e predominantemente residencial, a partir da exploração de Salgema pela indústria Braskem, acometendo a desapropriação de toda a região. Milhares de pessoas foram desapropriadas. Casas desabitadas em um bairro em ruínas. Aqui, me coloco enquanto pesquisadora e vivente de todo esse processo. Mesmo sem o corpo pulsante, vivo, humano, esses espaços se fazem habitados?

Palavras chaves: Fragmentos; Habitar; Casas; Tragédia; Autobiografia.

ABSTRACT

This dissertation is built from fragments. Based on autobiographical narratives, it brings together photographs, field experiences and tangible and audiovisual experiments, in which it seeks to explore the relationship of former residents of the Pinheiro neighborhood and their homes, in the face of the socio-environmental crime that crosses them. In 2018, the city of Maceió was hit by subsidence of the soil, in a central and predominantly residential area, as a result of the exploration of Salgema by the Braskem industry, affecting the expropriation of the entire region. Thousands of people were dispossessed. Uninhabited houses in a dilapidated neighborhood. Here, I place myself as a researcher and experiencer of this whole process. Even without the pulsating, living, human body, are these spaces inhabited?

Keywords: Fragments; Inhabit; Houses; Tragedy; Autobiography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Experimento audiovisual NÃO LUGAR. Acervo pessoal, 2020

Figura 02. Mapa de Maceió com os bairros atingidos pelo crime Socioambiental causado pela mineradora Braskem. Acervo pessoal, 2022

Figura 03. Montagem fotográfica. O antes e depois da tragédia. Google Street View, 2022

Figura 04. Montagem fotográfica – INRC. Acervo pessoal, 2016

Figura 05. Montagem fotográfica - TFG. Acervo pessoal, 2018

Figura 06. Montagem fotográfica – Álbum de família. Acervo pessoal, s/d

Figura 07. Casas que conversei. Google Maps - modificado, 2022

Figura 08. Barbárie. Acervo pessoal, 2020

Figura 09. Barbárie. Acervo pessoal, 2020

Figura 10. Barbárie. Acervo pessoal, 2021

Figura 11. Barbárie. Acervo pessoal, 2021

Figura 12. Barbárie. Acervo pessoal, 2021

Figura 13. Barbárie. Acervo pessoal, 2021

Figura 14. Barbárie. Acervo pessoal, 2020

Figura 15. Barbárie. Acervo pessoal, 2021

Figura 16. Barbárie. Acervo pessoal, 2021

Figura 17. Barbárie. Acervo pessoal, 2022

Figura 18. Barbárie. Acervo pessoal, 2022

Figura 19. Barbárie. Acervo pessoal, 2022

Figura 20. Barbárie. Acervo pessoal, 2021

Figura 21. Barbárie. Acervo pessoal, 2022

Figura 22. Barbárie. Acervo pessoal, 2022

Figura 23. Barbárie. Acervo pessoal, 2021

Figura 24. Barbárie. Acervo pessoal, 2020

Figura 25. Barbárie. Acervo pessoal, 2021

Figura 26. Barbárie. Acervo pessoal, 2021

Figura 27. Barbárie. Acervo pessoal, 2020

Figura 28. Barbárie. Acervo pessoal, 2020

Figura 29. Barbárie. Acervo pessoal, 2020

Figura 30. Barbárie. Acervo pessoal, 2020

Figura 31. Barbárie. Acervo pessoal, 2020

Figura 32. Barbárie. Acervo pessoal, 2021

Figura 33. Barbárie. Acervo pessoal, 2022

Figura 34. Barbárie. Acervo pessoal, 2022

Figura 35. Barbárie. Acervo pessoal, 2021

Figura 36. Barbárie. Acervo pessoal, 2021

Figura 37. Corpo ferido. Acervo pessoal, 2021

Figura 38. Corpo ferido. Acervo pessoal, 2021

Figura 39. Corpo ferido. Acervo pessoal, 2021

Figura 40. Fotografias dos fragmentos da minha casa. Acervo pessoal, s/d

Figura 41. Fotografias dos álbuns de família. Acervo pessoal, s/d

Figura 42. Fotografias dos fragmentos da minha casa. Acervo pessoal, s/d

Figura 43. Fotografias dos fragmentos da minha casa. Acervo pessoal, s/d

Figura 44. Fotografias enviada pelos entrevistados. Acervo dos entrevistados, s/d

Figura 45. Fotografias enviada pelos entrevistados. Acervo dos entrevistados, s/d

Figura 46. Fotografias enviada pelos entrevistados. Acervo dos entrevistados, s/d

Figura 47. Experimento corpóreo CORPO CASA. Fonte: Acervo pessoal, 2021

Sumário

ME DESFAZENDO	8
1- FRAGMENTO 01.....	9
2- FRAGMENTO 02.....	12
3- FRAGMENTO 03.....	27
4- FRAGMENTO 04.....	31
5- FRAGMENTO 05.....	34
6- FRAGMENTO 06.....	42
BARBÁRIE	48
RASCUNHOS DE UM BAIRRO.....	51
OUTROS PASSOS.....	71
RE-CAMINHO.....	79
FERIDAS	107
MOSAICOS DE SI	112
RE - FRAGMENTAR-SE.....	156
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	161

ME DESFAZENDO

Esse trabalho se constrói a partir de fragmentos. Pedacos de histórias, de sentidos, de verdades - cada uma à sua maneira. Busca dialogar com a multiplicidade do morar, atravessada por um crime socioambiental que levou milhares de famílias a deixarem suas casas, ocorrido na cidade de Maceió, estado de Alagoas, em 2018, a partir da subsidência de uma área predominantemente residencial, cujo subterrâneo estava sendo usado pela indústria de exploração de sal-gema Braskem.

Através do caminhar, do sentir, do ouvir, espacializo vivências em palavras. Palavras escritas, faladas e muitas delas mudas - tradução de uma inquietude, de uma parte que falta, ausente. Esses escritos surgem como uma tentativa de agrupar rastros, restos, sentimentos, imaginários e memórias.

Versam sobre o morar. Sobre a casa e indubitavelmente sobre a cidade, sobre as narrativas do habitar, sobre a nossa forma de estar no mundo. Mas um morar dilacerado, arruinado, que se desmorona. Na exasperação da lembrança de uma tragédia surgem ainda testemunhos - o que se faz dor, também se constrói em afetos, caminhos, saudades.

Se um dia avistássemos o desaparecimento de nossa casa? Se tivéssemos que presenciar seu súbito desmonte, sua ruína? Qual seria a nossa reação? nossos sentimentos? Para onde iríamos? O que faríamos com todas as nossas lembranças? Casas desabitadas em um bairro em ruínas. Mesmo sem o corpo pulsante, vivo, humano, esses espaços se fazem habitados? Nesse lugar oco, ainda se faz possível desvelar um habitar? Um habitar diante dos restos? Dos fragmentos? Das ausências?

Quando falo de testemunhos, apresento, diante de tudo, o meu. A partir de uma relação íntima, pessoal, me vi nessa pesquisa. Digo que não escolhi a temática como quem analisa minuciosamente suas possibilidades, traça seus objetivos, seus métodos. Trata-se de um trabalho construído a partir do meu sentir, e quando declaro isso, digo que sua construção se deu pelo meu corpo diante de cada sentença, cada passo, cada gesto.

Antes de adentrarmos nessa profusão, acredito que se faz necessário declarar ao leitor as linhas que me conectam a este trabalho, desvelando assim as razões que me fizeram encontrá-lo.

De antemão, revelo que em alguns instantes essa narrativa se construirá como um grande emaranhado de acontecimentos, os quais destaco com cores distintas, mas peço que se permitam, para que posteriormente possam entender sua razão de ser.

1- FRAGMENTO 01

(UM PEDAÇO DE MIM)

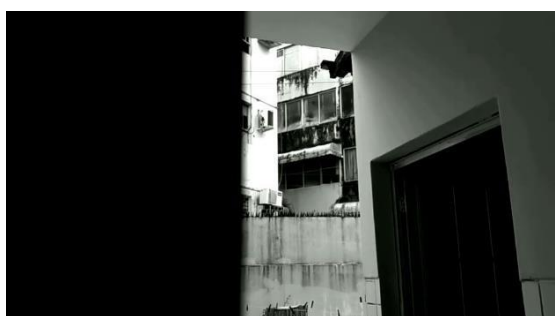
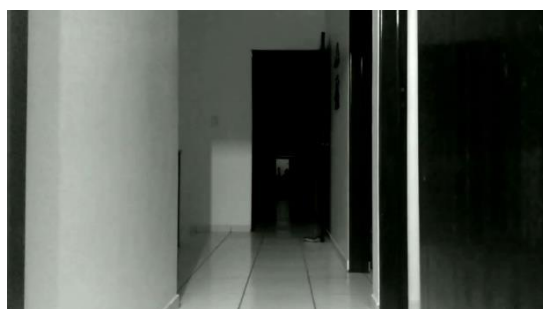
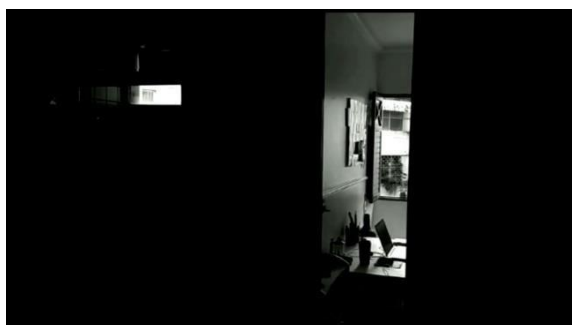


Figura 01. Experimento audiovisual NÃO LUGAR. Fonte: acervo pessoal, 2020

Essas imagens se construíram a partir da casa em que habito hoje. Esse espaço arquitetônico me causava – e confesso que por vezes ainda me causa –, uma certa estranheza, um sentimento de não pertencimento. Em 2019 havíamos acabado de nos mudar, eu e minha família, e esse não reconhecimento tocava o fato de que, pela primeira vez, diante daquilo que se faz lembrança, eu buscava construir relações com um “espaço casa”.

Rememorando o fato, precisamente no dia 09 de abril, eu saí da MINHA casa. Essa palavra destacada tem sua razão de ser, pois desagrego em minha mente o meu habitar na casa em que morei durante toda a vida e a casa em que moro hoje. A primeira se faz a casa da minha infância, onde cresci e me construí. Nossas relações simplesmente existiram, em consonância. Eu e a casa. Deixá-la foi uma decisão familiar difícil, mas necessária, me colocando dentro de outra perspectiva – a busca por um novo lugar de pertencimento.

Essa ideia de pertencer toca ao que para mim se constitui enquanto entrega, de se sentir parte do todo, da mutualidade e da confiança. É como quando pensamos em uma relação, quando nos apaixonamos. Nos entregamos, sentimos essa troca, nos pertencemos. Buscava em uma nova casa essa paixão.

Quando me mudei, esbarrei em uma casa bonita e bem dividida. Possuía três suítes, mas não tinha espaço para jardim. O sol invadia de maneira tão forte suas aberturas que era muito difícil conseguirmos permanecer na sala de estar por muito tempo durante a tarde. Os objetos permaneceram encaixotados por bastante tempo, porque os armários não eram suficientes, e a dimensão de seus cômodos não nos permitiam adicionar novos móveis de apoio.

Era uma casa alugada, impedia grandes modificações. Mas o que mais me incomodava é que sabíamos que era provisório. Desde que meus pés tocaram aquele chão, eu sabia que aquela casa não iria ficar por tanto tempo.

Após um ano nessa estranheza, nos mudamos para outra casa. Mesmo bairro, mesma rua. Apesar da árvore frondosa que sombreava toda a área externa, ainda possuía a mesma configuração da antiga. Uma nova casa alugada, que me trazia a sensação de que não perduraria.

É nela que moro ainda hoje. Aqui construí essas imagens em preto e branco. As imagens de uma casa não lugar. Entendo que adequamos nossa casa ao nosso modo de viver. Talvez esse espaço alugado me impedisse de ter essa liberdade. Talvez fosse a pandemia¹ que eclodiu naquele momento, nos fazendo conviver – eu e a casa –, a cada instante. Talvez fosse o tempo. A falta dele. Uma relação prematura, sufocante, imediata. Não havíamos criado laços, vínculos, nos deixando afetar uma à outra. Talvez...

Nos encontramos há quase 2 meses.
 Uma relação juvenil, de olhares e toques que ainda estão se conectando,
 tentando buscar o encaixe.
 Ainda não existe confiança, entrega, memórias construídas.
 Ainda existem vazios entre nós...

não preenchidos e sobrepostos por necessidades e vontades outras.
 Os olhos duros que te cercam, me intimidam, confrontam minha privacidade
 e minha vontade de ficar,
 de construir e reconstruir lugares,
 de lhe pertencer.
 Mas trago pertences.
 Nem todos desvelados ou
 Esparramados,
 uma estranheza, como se não fizessem parte desse cenário.
 Talvez seja esse tempo,
 esse clima hostil,
 essa ideia de voltar para dentro de si,
 de mim, ou de outros tantos não lugares.
 Mas vivenciamos e coexistimos aqui, nesse momento. Esperando
 esses dias chuvosos passarem.²

¹ Em 2020 o mundo foi parou diante da pandemia de COVID- 19, desencadeada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Milhões de pessoas foram infectadas e muitas perderam suas vidas. Restrições e medidas de saúde pública foram implementadas para conter a propagação do vírus, além do acelerado trabalho científico para a produção de vacinas eficazes.

² Esses versos, bem como as imagens apresentadas no início deste fragmento, foram produzidos em forma de vídeo a partir da disciplina “O espaço habitado e a contemporaneidade”, ministrada pela Professora Juliana Michaello, nos fazendo pensar um não lugar da casa em que moramos – a partir da leitura do texto de Marc Augé, principalmente diante da pandemia que nos atravessava. Para mim, o não lugar se fez por toda a casa.

É um sentimento que ainda não tenho certeza de como se traduzia, mas foi a partir dele e da construção desse experimento visual, que me transporte para a minha casa. Aquela que considero como a primeira morada, a casa no bairro do Pinheiro, número 52.

2- FRAGMENTO 02

(DESMANCHE)

Estou no meu lugar. Sentada na cama, pós almoço em família, dou início ao meu ritual diário de leitura. Hábito. Práticas do meu dia a dia. Do silêncio surge um inesperado tremor. Sinto os objetos da minha estante vibrarem, a trepidação leve no meu corpo inerte.

Saio do quarto, caminho entre os cômodos em busca de algo estranho. Vovó estava em seu quarto vendo televisão.

— Sentiu isso?

— Uma tremedeira, não foi? Deve ter sido algo na rua, alguma batida forte.

- Pode ser alguma obra aqui perto, vó!

Não demos, de certo, a devida importância. Cada uma retomou seu mundo, de volta ao quarto, o dia segue.

Era 03 de Março de 2018. Nesse dia, eu não imaginava que essa breve oscilação, que me fez, por alguns minutos, irromper minha rotina, pudesse reverberar por tanto tempo. E ainda reverbera... hoje, no tempo, e no amanhã, através da memória.

Eu tenho uma relação especial com o bairro do Pinheiro³. Se constrói em mim como uma bonita lembrança de infância e adolescência, de uma época onde as memórias vão se enraizando em nossa mente com maior nitidez, acompanhando nosso crescimento.

Digo que cresci na rua Artur Acioly, número 52. Rua de Paralelepípedos, casas de muro alto, vizinhança tranquila, mas por vezes um pouco barulhenta. Adoravam fazer festas que se estendiam até o passar das horas, mas eram bastante simpáticos e cordiais.

Quando pisei nessa rua pela primeira vez, tinha quatro anos. Eu me recordo da existência de um pinheiro, uma árvore de grande porte que fincava raízes bem ao centro do alpendre

³ Bairro localizado na cidade de Maceió – Alagoas e que será palco para os percursos dessa dissertação.

da casa e espalhava pinhas pela rua e por todo o jardim frontal. Era uma das minhas brincadeiras preferidas juntar cada uma delas.

A árvore era tão frondosa que ao percorrer aquela região de carro, voltando para casa, já sabia quando estávamos próximos, pois o cume do Pinheiro destoava, distante. Nesta época, recordo que o bairro era conhecido como Farol, sendo anos depois transformado em Pinheiro.

Nesse período, acreditava que o nome novo do bairro era uma homenagem à frondosa árvore que habitava meu jardim. Com o passar dos anos, o pinheiro foi perdendo suas folhas, e por questões de segurança, minha família foi orientada a arrancá-lo, pois corria risco de desabamento.

No dia em que cortaram a árvore, lembro de indagar confusa “como a gente mora no Pinheiro se cortaram ele?”

Sempre foi um bairro bastante familiar, sendo possível conhecer os moradores e comerciantes da região. Stella, dona da papelaria, e Letícia, a funcionária da loja, sempre me davam papel e caneta, me esparramando pelo chão frio e espalhando meus rabiscos enquanto mamãe comprava o material escolar. Na padaria, dona Arlene separava pães doces todos os dias, no fim da tarde, pois sabia que era o horário que eu costumava frequentar com vovó.

Ainda lembro de Zey, Célia, Agnes e Adelaide, as cabelereiras que sempre cuidavam dos cabelos de cada pessoa da casa, cada uma com seu estilo. Ester, a professora de piano da vovó, Dona Nena, nossa vizinha mais simpática, que adorava compartilhar plantas, Henrique, o dono da academia, o mercadinho Pilar, a Padaria Belo Horizonte, o Ballet da tia Eliana, a adega de vinhos do Rico, a floricultura da mãe de Victor, o bolo de chocolate do Produtos do Sítio.

Lugares tão diversos, pessoas tão distintas.

Rememorar cada um deles é um passeio por entre os caminhos que percorri. É fácil ouvir dos moradores do bairro sobre sua vivacidade, sobre como era possível percorrer suas ruas e encontrar praças repletas de pessoas circulando, barraquinhas de comida, conversas, brincadeiras de criança.

Hoje, após ter passado 20 anos habitando essa região, reconheço várias amizades que foram formadas nesse processo de pertencimento e vivência desses espaços. E posso, inclusive, rememorar aqueles que nunca conversei diretamente. O Pinheiro era essa profusão de pessoas que se conheciam com o olhar, que se reconheciam, mesmo distante, mesmo sem saber o nome, o endereço. Sabia quem pertencia aquele lugar e isso trazia uma sensação de segurança, de tranquilidade, de casa.

“Eu vou contar uma coisa que aconteceu comigo e resume um pouco do que eu sinto. Abriu uma loja de alguma coisa, dessas ‘xing ling’, em frente à sorveteria do Belo Monte ali. Aí eu fui e tava vendo um cabo pra compra pro celular, só que eu tava sem dinheiro, e aí tava precisando do cabo e tal. Aí disse “oh moço, tava precisando desse cabo... Eu sou neto do Seu Teixeira. Aí ‘Ahh, você é neto do Seu Teixeira, pode levar, pode levar, depois eu passo na sua casa.’ Era assim, sabe. Tipo, todo mundo conhecia, sabe? Onde eu fosse tinha alguém pra conversar, tinha alguém pra olhar, tinha o povo do galetto, e antes do povo do galetto tinha o pessoal da farmácia e aí a chave da minha casa ficava uma cópia na farmácia, porque se chegasse alguém e tivesse sem chave, ia lá na farmácia pegar, tinha padaria que conhecia tipo o dono, os donos nos conheciam, e os funcionários todos conversavam e tal, tinha a galera do jogo do bicho que ficava lá [risos] o Dal, o Quinho. Todo mundo me conhecia, conhecia meu pai, conhecia todo mundo assim, sabe. Pivete, tinha a Pingos Games, e eu ficava jogando vídeo game lá na locadora, ficava jogando muito, por muito tempo.” (Artur Brasil, 2021)⁴

O tempo passou e toda esse sistema vivo do bairro não foi suficiente para a permanência da minha família na região. De fato, havia grande proximidade da nossa casa com uma das avenidas principais da cidade, e esta foi atraindo um maior número de estabelecimentos comerciais. Começávamos a perceber a mudança ao nosso redor, pois,

⁴ Trecho extraído de entrevistas gravadas, realizadas em 2021 para a produção dessa dissertação.

com a ampliação do comércio, o bairro ia anoitecendo mais cedo e com ele, a escuridão e o silêncio próximo à casa 52 começava a incomodar.

É engraçado pensar nisso hoje. Acredito que essa calma pode ser algo que buscávamos em nossa vizinhança, uma certa tranquilidade. Mas esse silenciamento esbarrava no caminhar em ruas vazias, com pouca iluminação até nossa casa. Incomodava o meu corpo de mulher, me trazia uma certa vulnerabilidade. De fato, isso não era algo que transbordava por todo o bairro, sei que em outras regiões o anoitecer pulsava e as trocas aconteciam. Mas ali, no meu entorno, essas mudanças me inquietavam.

Lembro que esse processo nos fazia conjecturar, eu e minha família, sobre uma possibilidade de mudança. Mas existia um apego ao bairro, e principalmente à nossa casa, aos vínculos que ali foram construídos por tanto tempo.

Por anos, esquecemos esses anseios. Acredito que essa ligação, esse elo que tínhamos era tão forte que nos impedia de sair – as custas de cerca elétrica, muro alto e vigilantes.

Mas junto do tempo, veio o esvaziamento da nossa casa. São as dinâmicas da família que vão acontecendo, onde cada um vai escolhendo um novo lugar para pousar. Restamos eu, mamãe e vovó, numa grande casa, na nossa casa, mas que talvez, naquele instante, já não estivesse mais contemplando os nossos interesses.

O desejo pela mudança se reacendeu. Aquele crescimento comercial que se expandia ao nosso redor, se espalhava ainda mais, principalmente após a mudança de alguns vizinhos que alugaram suas propriedades para estabelecimentos comerciais, e agora, aquela casa, grande e acolhedora, já nos deixava perdidas em sua imensidão.

Lembro do dia em que acordei bem cedo com uma forte chuva que caía na cidade. Era possível ver a água transbordar a rua e entrar com urgência das frestas dos portões da nossa casa.

É bem verdade que a nossa rua nunca apresentou um bom sistema de drenagem, e os alagamentos eram algo recorrentes em períodos de chuva intensa. Mas especialmente nesse dia, mesmo com a abertura das valas por alguns moradores, o volume de água nos invadiu, cessando tempos depois com o fim da tempestade.

Diversas ruas e avenidas de Maceió ficaram alagadas nesta quinta-feira (15) devido às fortes chuvas que caíram na capital durante a madrugada. (G1 AL, 2018) ⁵

Eram essas as manchetes que se espalhavam nos jornais locais. As consequências não tardaram em chegar, e logo mais, o alívio pelo fim das fortes chuvas foi arrematado com um cenário preocupante e desolador. O solo e algumas casas no bairro do Pinheiro começaram a apresentar grandes rachaduras, sendo necessário o afastamento de alguns moradores em áreas consideradas de risco.

Diversas rachaduras surgiram no bairro do Pinheiro, em Maceió, após as fortes chuvas que atingiram a capital alagoana durante a madrugada e a manhã desta quinta-feira (15). O afundamento do chão que intriga a Defesa Civil atinge aproximadamente três quarteirões.

Por conta do risco que as rachaduras apresentam para quem mora nos locais afetados, o órgão recomendou que todos saíssem das casas e prédios até que cesse o período de chuvas.

O medo das pessoas que foram surpreendidas com as rachaduras é de que o asfalto afunde, forme uma cratera e derrube parte da estrutura das casas. Para que isso não aconteça, a Defesa Civil chamou um geólogo para identificar a origem do problema. (G1 AL, 2018) ⁶

TEMPO.

Acredito que esse caso tenha caído no esquecimento após um mês do ocorrido. Como moradora, não recorro da sua repercussão na região e acredito que com impacto da chuva e seus alagamentos se colocou como uma pedra nesse grande problema.

Um mês depois, retomo ao dia 03 de março.

A manhã repetiu o cenário chuvoso, mas a tarde ensolarada dava tranquilidade para um fim de dia menos conturbado.

Como surpresa, foi o dia em que senti o tremor.

O terremoto que assustou a população maceioense na tarde do último sábado (3) foi medido como de leve intensidade e como resultado da acomodação de terra em camadas profundas abaixo da superfície. Segundo o Laboratório Sismológico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (LabSisUFRN) o tremor de terra em

⁵ Trecho de reportagem produzida pelo portal G1 Alagoas, Disponível em: <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/chuva-forte-provoca-alagamentos-em-ruas-e-avenidas-de-maceio.ghtml>> Acesso: 21/08/2021

⁶ Trecho de reportagem produzida pelo portal G1 Alagoas, Disponível em: <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/rachaduras-surgem-apos-fortes-chuvas-e-intrigam-defesa-civil-de-maceio.ghtml>> Acesso: 21/08/2021

Maceió (AL) teve magnitude preliminar estimada em 2,5 pontos na escala Richter, que vai de 0 a 10.14 (Diário do poder, 2018)⁷

Ao assistir o jornal, no fim do dia, várias notícias constataram que o tremor tinha percorrido outras regiões, inclusive em bairros mais distantes, como Serraria, e várias rachaduras surgiram nas ruas e em casas do Pinheiro. Inicialmente, nenhuma explicação foi dada, mas antes que a história pudesse ser esquecida, novos relatos de rachadura nas moradias foram surgindo.

Na academia em que eu costumava frequentar, as senhoras de idade mais avançada comentavam sobre o caso e suas inquietações. A cada fissura, o medo ia se perpetuando, e era fácil ouvir o questionamento “O que vai nos acontecer?”.

“Logo na semana que teve esse abalo, a minha casa teve uma fissurazinha dentro da sala, na parede lá. Na sala que passa pelo mezanino. Teve essa! Foi a única. Porque antes de 2018, do tremor, já tinha uma rachadura no muro, e a gente mandava fazer o reparo, e ela voltava. E por coincidência, ou não, quando teve o tremor, ela abriu mais e é... é... a localização dela é bem onde passa aquela fenda, onde dizem que tem. Se você pegar e ver, você vai ver que ela corta bem em cima [abaixo] do terreno lá de casa. Aí eu não sei se é coincidência ou...” (Arthur Lins, 2021)

"Foi até meio engraçado esse negócio do tremor, eu tava em casa, tinha sido pouco tempo de terminar a reforma e voltar pra casa então eu fazia questão de ficar em casa o maior tempo possível, pra aproveitar a casa [risos], aí eu tava dormindo acordei meio sonolento e senti, achei que era até uma tontura, uma vertigenzinha [risos] deixei por isso, né. Aí uma hora depois é que eu vi nas redes sociais. Aí quando isso tomou uma grande proporção eu perguntei ao porteiro né, e ele disse ‘Marlon desceu um

⁷ Trecho de reportagem produzida pelo portal Diário do poder, Disponível em: <<https://diariodopoder.com.br/uncategorized/terremoto-em-maceio-foi-leve-e-causado-por-acao-de-temporal-em-fissuras>> Acesso: 21/08/2021

monte de gente aqui do prédio' [risos]. Mas teve gente muito assustada, no prédio vizinho teve gente que ficou chorando assustada." (Marlon Hans, 2021)

"Eu tava em casa me arrumando pra sair, era final de semana, depois do almoço, era um sábado coisa assim, eu tava passando um rímel até e a gente sentiu deslizando. E a gente achava que alguém tinha caído da escada ou derrubado algo, foi quando a gente saiu na rua, o prédio inteiro saiu, eu nem dei muita bola no primeiro momento, eu achei que era um explosão em algum lugar... a última coisa que eu ia pensar era que eu ia me mudar... e a gente foi pra rua, e como meu prédio é caixão a gente não sentiu tanto, mas o prédio do lado que é de pilotis, sentiu muito, o pessoal desceu desesperado. Desceu com cachorro, com menino pequeno, com a roupa que tava, tava todo mundo na porta 'tremeu aí, tremeu aí?' muita gente no começo da rua querendo saber o que tinha acontecido. E aí foi aquele blá blá blá, 10 min na porta e não encontrou nada e todo mundo voltou pra suas casas." (Maria Clara, 2021)⁸

É bem verdade que muitas pessoas levaram o caso com descrença, sem imaginar as proporções que ele tomaria. Eu me lembro bem do dia em que Stella, dona da papelaria, comentou assustada que a piscina de sua casa estava secando rapidamente e que uma pequena rachadura começava a surgir no fundo. Essa rachadura, com o passar dos dias, se transformou em uma enorme fenda, dividindo sua piscina ao meio.

Vovó gosta de dizer que esse clima de incertezas e as tantas rachaduras que foram surgindo nas casas de amigos da região, não foi um fator que nos levou a empacotar todos os móveis e sair da casa o quanto antes, mas lembro que, com o passar dos dias, ela relatava sobre o medo de ficar sozinha em casa.

⁸ Trechos extraídos de entrevistas gravadas, realizadas em 2021 para a produção desta dissertação.

Frequentemente destaco que esses escritos se engendram para além de uma tragédia. Mas antes que possa sê-lo, ei de caminhar na superfície desse caso para que possamos entender cada nó que se entrelaça ao longo dessa tecitura emaranhada.

De início, o evento se consolidou enquanto caso Pinheiro. O meu bairro, esse da minha história, virou cenário do que se colocava enquanto catástrofe.

O tremor de terra sentido por mim e por tantos outros moradores da cidade de Maceió se instaurou como um terremoto de magnitude 2,5 na escala Richter em 20189. Rachaduras nas ruas, fendas nas casas e estabelecimentos comerciais, afundamento de solo, grandes crateras. Essas foram as consequências, à primeira vista, do fenômeno geológico que impactou a região.

As incertezas da causa nos deixavam – eu, enquanto moradora –, apreensivos. Terremoto em Maceió? Surgiram as primeiras hipóteses, como uma possível acomodação natural do solo, ou até mesmo uma antiga estrutura de esgotamento sanitário que estaria causando os danos da superfície.

O caso com o nome da árvore que um dia espalhou raízes em minha casa, atingiu outras regiões. À primeira vista, os bairros do Mutange, geograficamente localizado abaixo do Pinheiro e as margens da Lagoa Mundaú, que conforma uma parte do delineamento geográfico da cidade de Maceió, e o histórico bairro do Bebedouro. Em seguida o bairro do Bom Parto culminou em rachaduras, bem como parte do bairro do Farol.¹⁰

Já não se constituía mais Caso do Pinheiro, agora estávamos diante do Caso dos Bairros em afundamento.

Diversos estudos foram feitos nas regiões atingidas, buscando encontrar as razões para o ocorrido. Era um grande clima de incerteza. O Serviço Geológico do Brasil, que conduzia as pesquisas, constatou a improbabilidade de um fenômeno naturalmente geológico, abrindo margem para múltiplas interpretações, cujos resultados eram aguardados pelos moradores aflitos.

⁹ Conforme informações emitidas pelo Ministério Público Federal, disponível em: <<https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-pinheiro/arquivos/entenda-o-caso>>.

¹⁰ Destaco que, esses bairros estão localizados em uma região central na cidade e conformam usos e populações distintas em termos sociais, culturais e econômicos.

Após um ano do ocorrido e com base em diversos estudos e análises aprofundadas, com o envolvimento direto de 52 pesquisadores, o Serviço Geológico apresentou, em audiência pública, a conclusão do caso, apontando a extração mineral de sal-gema pela empresa petroquímica Braskem, como a responsável pela subsidência do solo, ou seja, pelo rebaixamento da superfície de um terreno, diante de alterações no suporte subterrâneo.

Esse processo geológico já estava acontecendo há muito tempo, mas ele era tão sutil, os afundamentos, que pouca gente fez a correlação com o que estava acontecendo naquele momento, e que veio a ter uma extensão imensa nos bairros de Pinheiro, Mutange, Bom Parto... (Gardênia Nascimento, 2021)¹¹

Buscando um melhor entendimento, se faz necessário levantarmos alguns contextos históricos diante da expansão urbana da cidade de Maceió e sua formação geomorfológica. Segundo Japiassú (2015):

Maceió compõe-se por quatro formas de relevo: planície litorânea- lagunar (a parte baixa da cidade), tabuleiro costeiro ou platô (a parte alta da cidade), encostas que ligam a planície ao platô e grotas que cortam o platô [...] A planície apresenta as menores altitudes, variando de 0 a 10 metros [...] pode ser litorânea, limítrofe ao Oceano Atlântico, ou lagunar, limítrofe à Lagoa Mundaú [...] O platô corresponde à maior área da cidade e sua altitude varia entre 45 e 100 m. A maior parte de sua superfície é plana com suaves ondulações, excetuando-se os cortes transversais correspondentes aos vales dos rios, as grotas, que também funcionam como um sistema de drenagem natural das águas pluviais. (JAPIASSÚ, 2015, p.50-52).

A cidade tem seu povoamento urbano mais consistente datado ao final do século XVIII com ocupações situadas nas planícies litorâneas e lagunar, mas também em um platô onde se localiza hoje o centro da cidade. As planícies se colocaram como base do desenvolvimento da cidade, através da inserção portuária no bairro de Jaraguá, responsável pelo escoamento de mercadorias. Concomitantemente, alguns historiadores destacam a formação de pequenas vilas de pescadores. (BULHÕES, 2022)

A ocupação dos platôs se deu a partir da abertura e pavimentação de sistemas viários em direção à chamada parte alta da cidade, modificando a forma em que cidade crescia, acompanhando as novas vias e do parcelamento do solo urbano em espaços vazios da cidade, estimulando o processo de periferação e espraiamento. (ARAÚJO; CALDEIRA; TORRES, 2019)

¹¹ Depoimento retirado a partir da transcrição da Teia: Saudades do meu vizinho, a partir da fala da arquiteta e urbanista Gardênia Nascimento Santos, 2021.

A região lagunar começa a ser modificada a partir da década de 1970, com a implantação da Sal-gema Indústrias Químicas S.A – atual Braskem, no bairro Pontal da Barra, localizada entre as margens da Lagoa Mundaú e o mar. Portanto, não muito distante, em termos geográficos, da área atingida.

A inserção da indústria química foi tema de grandes debates, devido a instalação ocorrer dentro de uma área urbana e de fragilidade ambiental, ao tempo em que a cidade construía o seu polo industrial, justamente para abrigar empresas como a Salgema.

Essa região da cidade é uma área ambientalmente frágil, área de restinga, portanto, geologicamente recente, foz de um complexo estuarino lagunar, berçário da vida. É nessa região onde é implantada a indústria Sal-gema e onde foi previsto o aterramento da lagoa. (DUARTE, 2012, p.9)

Além do impacto causado anos atrás diante de sua implantação, foram perfurados, ao longo de décadas, 35 poços para a exploração de Sal-gema (sal mineral).

Grandes quantidades de sal-gema foram encontradas no subsolo de Maceió na década de 1960, e, em 1976, a empresa Sal-gema começou a cavar minas na região, com anuência das autoridades locais. Para chegar aos depósitos de sal, é preciso cavar até uma profundidade de, aproximadamente, mil metros. (METRÓPOLES, 2021)

Aquele tremor de terra que senti em 2018 se deu a partir do colapso dessas minas, que desabaram sobre si mesmas, fazendo o solo acima delas se movimentar.

Estudos do Serviço Geológico Brasileiro mostraram que o chão vinha cedendo em Maceió mesmo antes do tremor. Casas, prédios e ruas já haviam rachado por causa do colapso de cavernas subterrâneas de algumas das 35 minas de sal-gema que a petroquímica Braskem explorava no subsolo da área urbana da capital do estado.

A partir desse instante, aquilo que se fazia caso de bairros que desmoronavam, se consolidou como o maior crime ambiental em núcleo urbano do mundo¹². A Braskem virou ré diante desse processo, e nós moradores, junto a cidade, nos colocávamos como as verdadeiras vítimas dessa grande fissura que nos atravessava.

Inicialmente, como forma imediata de contenção, os moradores do bairro de Mutange, próximo ao Pinheiro, foram removidos, sendo considerada a região com risco iminente –

¹² Fonte: <https://ufal.br/ufal/noticias/2023/3/tragedia-ambiental-em-maceio-vira-pesquisa-da-ufal-em-parceria-com-unb-e-ufpe#:~:text=De%20l%C3%A1%20para%20c%C3%A1%20se,sal%2Dgema%20da%20empresa%20Braskem.>

pela subsidência e possível deslizamento de terra, tratando-se de uma área de encosta -, além da precariedade das casas, com estruturas fragilizadas.¹³

Esse processo desapropriatório se estendeu aos outros bairros, atingindo mais de 55 mil pessoas, que deixaram suas casas, além daqueles que foram afetados indiretamente, como as regiões do Flexal de Cima e de Baixo¹⁴, isolados socialmente, sem acesso a comércio ou serviços públicos, cercados apenas por bairros fantasmas.

Quase um ano depois desse tremor, e com a situação do bairro se agravando e agora se estendendo para outros bairros adjacentes, no dia 13 de abril de 2019, nós, eu e minha família, saímos do Pinheiro, deixando nossa casa para trás. Esse processo foi bem difícil, e resultou que todas as casas que encontrávamos não nos satisfazia - “Mas aqui é tão ruim pegar ônibus pra você ir até a UFAL, né? No Pinheiro era ótimo!” “Ah, mas aqui é distante de supermercado e de alguns serviços essenciais... no Pinheiro era tão fácil de resolver tudo”, “essa casa não tem aquele espaço que a gente gosta, pra receber as pessoas, plantar nosso jardim”. Mas apesar dos diversos empecilhos, a mudança ocorreu. Hoje, moramos em uma casa no bairro da Serraria, como já relatado, mas nossa casa no Pinheiro continua lá, nossa. Nenhuma rachadura surgiu e até o momento, diante de todas as atualizações dos mapas de risco fornecidos pela Braskem, a casa não foi diretamente atingida.

Durante o processo de desapropriação dos imóveis da região, muitos moradores, apegados e resistentes a sair do bairro, nos forneceram valores para alugar o espaço. Foram obrigados a deixar suas casas, mas não queriam deixar o bairro para trás. Após um tempo, a vizinha, dona Adna, pediu que alugássemos a casa para seu filho e sua família. Até o momento, nossa casa cumpre essa função.

"Momentaneamente, quando a gente soube que ia ter que sair, foi bem aliviante, na verdade, porque a gente já tinha sentido os tremores, a gente não tinha noção de quem ia...a gente soube que ia sair quando teve o primeiro mapa né... quando teve do tremor pro primeiro mapa, acho que ficou

¹³ Pelo caráter informal de suas construções, essa população recebeu valor da indenizatório de 81 mil reais por casa, incluindo os danos materiais e morais. Não houve acordo entre moradores e mineradora.

¹⁴ Comunidades localizadas no bairro de Bebedouro. Informações sobre o isolamento destas comunidades foram acessadas em reportagens e jornais locais como: <https://tribunahoje.com/noticias/cidades/2022/09/15/109172-comissoes-da-oabal-fazem-vistoria-em-area-afetada-pela-mineracao-nos-flexais>. Acesso em: 25 de setembro, 2022.

uns 4/5 meses no limbo, ainda demorou pra poder a gente saber assim que ia sair. Pessoal começou a estudar a área, começou a olhar tudo direitinho.

Foi muita gente do serviço geológico olhar se o prédio tinha rachadura, eu lembro que a defesa civil foi lá e passou a parte de treinamento, então assim, o treinamento de evacuação é uma coisa assim, que eu nunca vou esquecer, foi uma coisa assustadora...

A gente tinha inquilina que já tinha vindo do Jardim Acácia, ela tinha acabado de ter neném e ela chegou desesperada, a gente botou a placa ela ligou desesperada dizendo - olha, eu tenho um filho pequeno e tava dormindo com uma rachadura em cima da minha cabeça, eu preciso sair daqui com ele -, e quando a gente teve a notícia de que ia ter que desocupar o prédio, a gente botou a mão na cabeça, então deu aquele alívio de que a gente ia desocupar, certamente ia sair todo mundo com vida, graças a Deus, mas como é que a gente vai passar isso pra essa mãe, que chegou aqui com filho pequeno, já fugida de outra rachadura? Como a gente vai falar isso pra minha vizinha de cima, que é ela e o... o filho dele é casado com o dono do apartamento de baixo... vai ter que sair todo mundo daqui um casal de idosos, o cara que morava no terceiro andar, morava sozinho, foi o último a desocupar o prédio. A gente dizia assim:

- Seu Emael, a gente precisa desocupar o prédio. E ele ficou até um dia antes da gente sair.

A gente ficou quase botando ele pra fora - não pode mais, o prédio vai fechar! E ele dizia que não, não vai afundar, tá tudo bem. E ele trabalhava na esquina, perto da casa da ex-esposa, as filhas dele iam sempre lá... e tem que sair, a defesa civil interditou meu prédio e disse que a gente tinha até março pra desocupar tudo. Então era uma situação delicadíssima... emocionalmente foi muito pesado em dizer isso, dizer que você vai ter que sair da sua casa...dizer que você tem 20 dias pra sair..." (Maria Clara, 2021)¹⁵

¹⁵ Trechos extraídos de entrevistas gravadas, realizadas em 2021

“Eu vi com meus próprios olhos a ação demoníaca do “capetalismo”. São cerca de 60 mil pessoas desalojadas de suas casas, três quilômetros de orla lagunar (do complexo de lagoas do Mundaú e Manguaba) e 78 hectares de terra que englobam os bairros de Pinheiro, Bom Parto, Mutange, Bebedouro e parte do Farol que estão totalmente desabitados.” (Dos Anjos, 2022)¹⁶

Achei interessante esse recorte. A analogia de uma ação demoníaca, do cap(e)italismo que nos atravessa, fere, dilacera a nossa pele, invade o nosso corpo, toma conta, como uma possessão. Diante desse caso e da relação que tenho com o bairro e principalmente com a minha casa, transporte essa dor para todos aqueles que precisaram deixar para trás suas histórias. Foi um caminho interrompido abruptamente.

Refletindo sobre esse tempo, sobre a construção desse lugar de acolhimento, de vivências, entendo que esse bairro, para mim, se constituía como um primeiro universo, um referencial em relação à cidade, o meu canto no mundo. E ao tomar minhas lembranças, quando acredito ao me perder entre as ruas e avistar, de longe, o frondoso pinheiro destoante sobre os telhados das casas, compreendo que Pinheiro, esse lugar, era, para mim, a minha própria casa.

É nesse espaço onde ocorreram as primeiras relações, as primeiras noções de espaço, onde cresci, acumulei memórias, construí pensamentos e desejos.

Compreendo a casa como um lugar de tecedura, pois enquanto nos projetamos neste espaço em que habitamos - povoado por experiências, sonhos e desejos - ele também se projeta em nós. Eu saí da casa do Pinheiro, mas ela sempre irá me pertencer.

Essa mudança espontânea, causada por certos acontecimentos e rumos que a vida provoca, me transportou para um novo bairro, uma nova casa. Como já dito, o processo de adaptação foi bastante lento e por quase um ano eu ainda via esse espaço como um não lugar. Me causava estranheza não entender tão bem a ideia de casa, misturada a uma sensação de estar em um lugar que não me pertencia.

¹⁶ Trecho de reportagem produzida pelo portal Carta Capital, Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/a-maldicao-da-braskem-em-maceio/>> Acesso: 25/08/2022

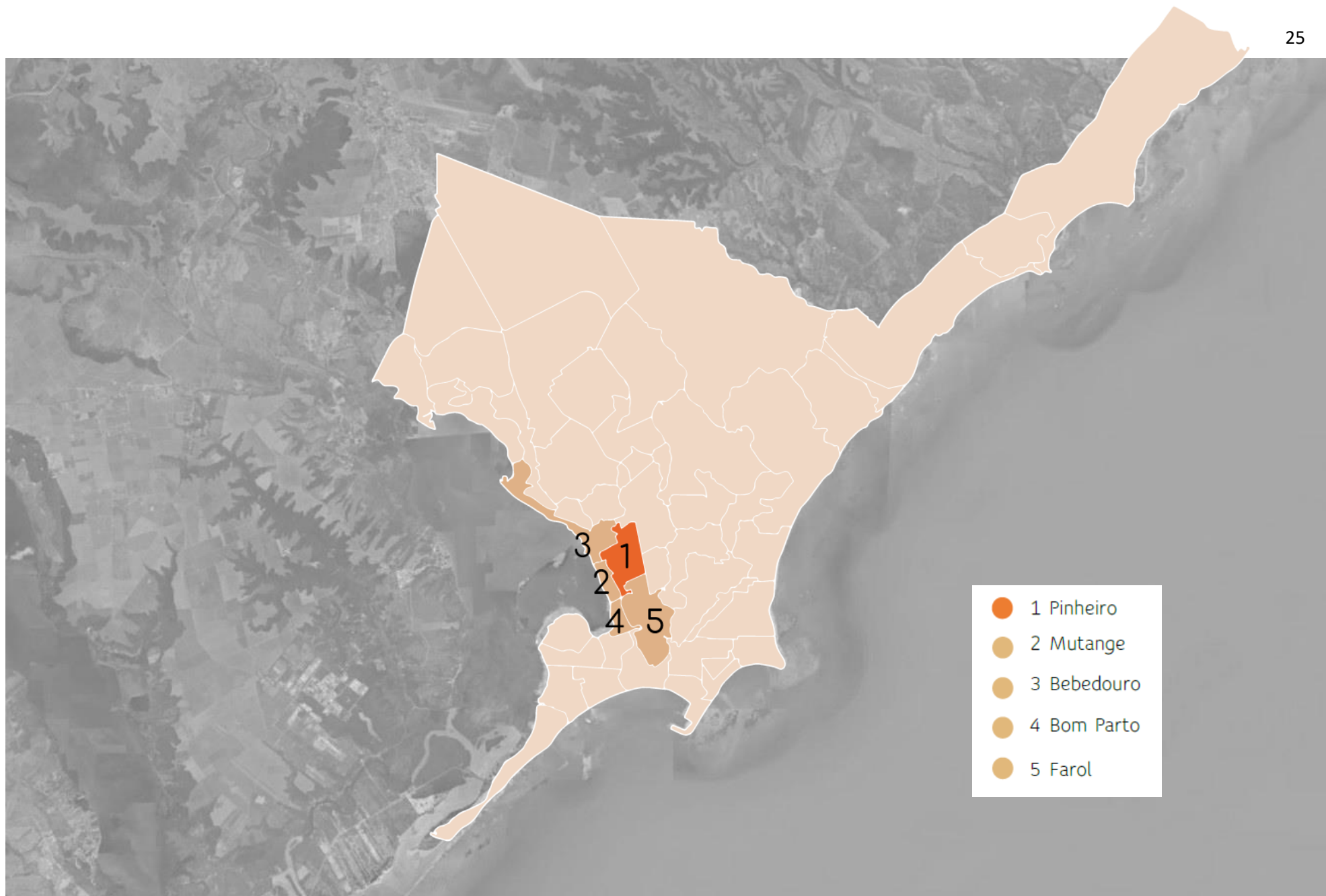


Figura 02 Mapa de Maceió com os bairros atingidos pelo crime Socioambiental causado pela mineradora Braskem. Fonte: acervo pessoal, 2022

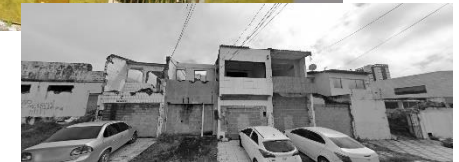
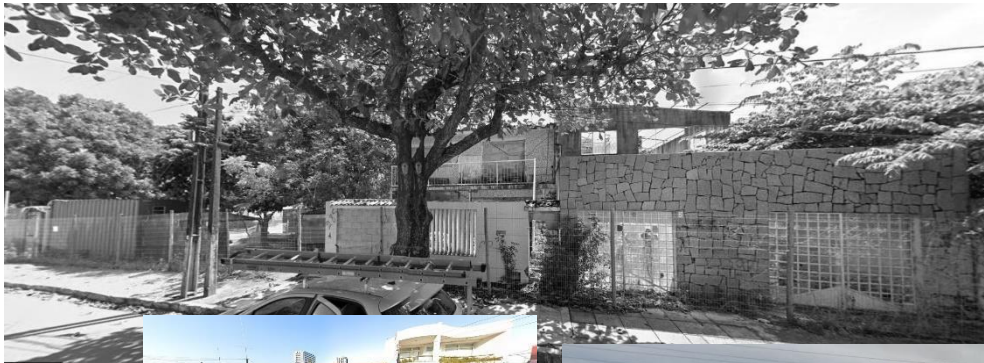


Figura 03 Montagem fotográfica. O antes e depois da tragédia. Fonte: Google Street View, 2022

3- FRAGMENTO 03

(OUTROS CAMINHOS)

Como relatado, esses escritos se constroem a partir do morar, e me fazem perceber que enquanto pesquisadora, meu caminho sempre foi atravessado por essa curiosidade em entender nossas formas de existir e habitar. Falo aqui dos fragmentos e trajetos que me compõem, de uma forma que se imbricaram tanto na minha forma de produzir pesquisa, que com o tempo, perpassaram pelas minhas formas de investigar, ouvir, descobrir e ser.

Escolhi o curso de arquitetura e urbanismo porque gostava de história. Talvez tenha sido incoerente, mas de certo foi surpreendente constatar que foi através desse percurso que mergulhei em tantas histórias e estórias. Em 2013 ingressei no Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. E retomando as intenções de escrever sobre o morar, tenho, através desse Grupo e do que ele representa, um espaço casa – lugar que me acolheu e que, ao longo dos anos, me fez descobrir muita coisa, inclusive a mim mesma.

Esse meu ímpeto curioso de experimentação se colocou diante do cartaz “Você gosta de viajar?”. Eram viagens entre lugares, percorrendo caminhos, cidades, mas também viagens internas, mentais. Traduzir espaços em palavras, sentimentos em invólucros, experiências em diários. Era essa a oportunidade oferecida pelo Grupo e que aceitei acolher ingressando como Pibic.

Através do Estudos da Paisagem eu tive o privilégio de participar de um projeto que surgiu a partir de uma demanda do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e que tinha como meta, aplicar a metodologia do INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais (2015), para o contexto de todo o estado de Alagoas.¹⁷ Assim, percorri diversas cidades em busca daquilo que sempre me moveu – histórias, relações. Nesse caminho, pude ver de perto as diferentes formas e sentidos de existir e habitar o mundo – mergulhando naquilo que as fazem crer, trabalhar, brincar, gritar, dançar, pulsar.

¹⁷ “O projeto foi denominado “Salvaguarda do Patrimônio Imaterial em Alagoas” e se refere à primeira etapa do inventário, o Levantamento Preliminar, consistindo na coleta de referências culturais em todos os 102 municípios de Alagoas. Com aportes financeiros do Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em convênio com a Secult-AL – Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas,” (CERQUEIRA, 2020, p.31)



Figura 04: Montagem fotográfica - INRC. Fonte: Acervo pessoal, 2016

E foi nesse processo que redescobri uma forma de me expressar – a fotografia. Um escrever através do meu olhar. Uma prática que lembrava o meu avô na infância - um apaixonado por viagens e fotografia. Como nos coloca Samain (2012) a máquina fotográfica “nos permite questionar, pensar, sonhar com o real.” (p.155) Através do Inventário, consegui exercitar essa prática, e perceber que aqueles registros transbordavam para além daquele instante, contavam, também eles, histórias.

Com o tempo, as inquietações cresceram, se cruzaram. Seguindo em minha trajetória acadêmica, construí o trabalho final de graduação “Sobre (R)emoções e (Re)começos: O Caso do Residencial Vila dos Pescadores - Maceió/AL”, mergulhando em um processo de desapropriação, de dor, de famílias pesqueiras de baixa renda que residiam o bairro histórico de Jaraguá, em Maceió. Resistiram, mas perderam a luta, sendo removidas e inseridas em um novo morar, longe das suas dinâmicas, suas raízes, suas histórias.

Lembrei-me do INRC, dos pescadores que encontrei em campo e sua relação com a natureza, com o lugar, a cidade, com as dinâmicas nas feiras, da importância desse ofício para o sustento de muitas famílias. Desejei ouvi-los, senti-los, entendê-los. Durante o processo de investigação, perpassei por seus caminhos, adentrei suas casas, conversei com eles. Me envolvi com seus (Re)começos, absorvendo através de conversas e de um olhar atento ao novo espaço de moradia, de como essa comunidade continuou resistindo e, acima de tudo, reconstruindo suas formas de habitar. Eles se moldaram ao espaço, mas também o modificaram diante daquilo que os moviam.

As imagens, através do meu olhar, voltaram a pulsar nessa pesquisa. A cada visita de campo, cada conversa com os moradores, eu fotografava os instantes, retratava aquilo que meus olhos se demoravam por mais tempo. Minhas fotografias contavam histórias, meu olhar percorria sempre pequenos detalhes, fragmentos, marcas, gestos.



Figura 05: Montagem fotográfica - TFG. Fonte: Acervo pessoal, 2018

Seguindo meu caminho enquanto pesquisadora, em 2020 pensei em dar continuidade nos estudos sobre histórias de vida, e me envolver com outras comunidades pesqueiras, principalmente essas ameaçadas e resistentes ao crescimento das grandes cidades.

A remoção da comunidade no Jaraguá despertou minha vontade de ouvir pescadores que ainda estavam vivendo a iminência de um processo, por vezes, predatório de expansão urbana, e me fez atravessar para a outra ponta geográfica de Maceió, em busca de comunidades pesqueiras que vivem em regiões mais afastadas do centro urbano, mas que ao longo dos anos vem sofrendo com os avanços de grandes empreendimentos imobiliários. Através dessa pesquisa, buscava cartografar essas relações, as formas de viver à beira mar destas comunidades. Adentrar suas moradias, entender a construção e a importância do ofício da pesca, me atentar aos impactos que as mudanças neste cenário iriam causar na forma que esses corpos habitavam esse lugar.

A pesquisa permeava os bairros do litoral norte de Maceió, e de início, rememoro uma lembrança que, de fato, nunca presenciei, mas que vivi e ouvi durante toda minha

infância. Minha família habitou uma casa em Riacho Doce, bairro pesqueiro que compõe esse cenário paradisíaco que vem sendo transformado ao longo dos anos.

É a casa que carregava a memória viva de meu avô. E rememorar essa casa, me colocava dentro das relações familiares, perpassando seus portões e invadindo uma relação de bairro e suas vivacidades. Foi através da casa que me aproximei desse estudo.



Figura 06: Montagem fotográfica – Álbum de família. Fonte: Acervo pessoal, s/d

Mas nesse ano de 2020 tudo mudou. E a construção desse percurso de pesquisadora, já no mestrado, foi atravessado pela inimaginável pandemia do COVID-19. O mundo buscou seu enfrentamento, apesar de um tanto inconsequente no Brasil, através do afastamento dos corpos, do toque, do uso de máscaras que nos cobrem o rosto, a limpeza das mãos, o excesso de cautela, de medo. Esses processos alteraram a rotina da nossa sociedade, nos atravessando dolorosamente, modificando nossa forma de existir, de interagir, de permanecer no mundo.

A vida de pesquisadora colidiu com esses efeitos. Como nos colocar diante de uma cidade paralisada?

Reajuste de cronograma, busca por novas alternativas. Como cartografar relações sem vivenciar esses espaços? Como me aproximar de pessoas que por vezes não têm acesso aos meios digitais, nossa única forma segura de interação? Como criar vínculos?

A ordem se fazia: FIQUE EM CASA!

Minha rotina se reduziu a esse espaço, em uma casa que se fazia novidade em minha vida já que residia ali há pouco tempo, e que, até então, não se comunicava afetivamente comigo. Uma convivência sufocante.

Havia saído da casa em que morei a vida inteira e caí em um novo lugar, sendo agora atravessada por uma reclusão. Restamos eu e ela.

A partir da clausura, retomo em minha memória a casa que se coloca, para mim, como espaço de libertação. Meu imaginário reconstrói a casa no bairro do Pinheiro, número 52.

4- FRAGMENTO 04

(PARTES DO MORAR)

Essa pesquisa traz em seu título – este será aprofundado no próximo fragmento –, a ideia do morar, e busco aqui perpassar um pouco da complexidade e do caráter multidimensional que essa ação, seus sujeitos e objetos possuem. Resgatar a confluência entre corpos, casas e seus efeitos – propondo uma costura com os enredos que constroem essa dissertação.

A palavra “casa” se apoia em múltiplos significados. Enquanto arquiteta e urbanista imbricado, talvez, pelo senso comum que compõe o imaginário da minha profissão – daquele que “faz/constrói” –, há de se considerar a representação dos dicionários mais tradicionais: Um edifício de formatos e tamanhos variados, de um ou dois andares, destinado à habitação.

A precisão desta definição se amplia a partir da conexão que se faz da casa enquanto lar, quebrando os limites dos andares, ampliando-se a tudo aquilo que habitam corpos, ou como ainda nos coloca as linhas dos dicionários “os conjuntos de membros de uma família.” Não irei aqui me aprofundar na multiplicidade daquilo que se compõe enquanto família, mas quero trazer aqui, essa conceituação da casa a partir da sua materialidade.

Freitas (2001) a coloca como um ponto referencial da cidade, do bairro, da rua, e que de certo permite a comunicação entre aquilo que é público e privado – um limite sutil,

produto das práticas sociais e culturais, atribuídos através dos valores e significados que as pessoas constroem naquilo que se diz moradia e no que se apresenta em seu exterior. A partir do seu caráter arquitetônico, Huiguchi (2003) nos diz que a casa é capaz de comunicar ao espaço da rua ideias como a renda familiar, grau de escolaridade, formas de ocupação.

Sobre isso, retomo o caso do crime socioambiental que atravessa as casas dessa pesquisa. O bairro do Pinheiro, em sua maioria, se constituía de casas dispostas em grandes terrenos, de alto e médio padrão – principalmente as construídas em meados dos anos de 1970 -, sendo muitas delas projetadas por arquitetos e engenheiros conceituados à época.

A forma que as casas tomavam, a partir da sua materialidade, expressavam socialmente o Pinheiro como uma região de “classe média”. De fato, a tragédia criminosa da Braskem teve início a partir de rachaduras nas casas da região, trazendo ao caso o nome do bairro enquanto referencial, mas posteriormente, com o surgimento de novos casos que tomavam os bairros vizinhos, há de se questionar a permanência do “Caso Pinheiro” enquanto enfoque do desastre que atinge toda a cidade.

A casa surge ainda como um espaço de abrigo e proteção frente às intempéries e ameaças externas, além de buscar suprir as necessidades básicas como dormir e comer, por exemplo, além de outras condições que auxiliem nas atividades diárias de seus moradores, como uma boa iluminação, ventilação.

Mas para além de uma mera casca que comunica ao mundo um posicionamento territorial, um corpo material assentado, ela também se constitui enquanto símbolos, gestos e trocas. A casa se faz a partir de “um mundo de significados, onde espaço e tempo se misturam” Tuan (1983, p.198), adquire um caráter movente, mutável. Para ele, o lugar da casa é construído a partir de “uma experiência íntima” (p.151), e é interessante perceber que nem sempre estamos conscientes delas.

Primeiro, nos afeiçãoamos a este lugar a medida em que o vivenciamos (tempo), através dos gestos, dos sons, dos cheiros. Segundo Tuan nos coloca a ideia do lugar enquanto pausa, descanso, e por fim, surge o lembrar, a memória, o imaginário. À medida que o tempo passa, cada acontecimento – dado a sua devida importância -, se conecta aos objetos e aos espaços da casa.

Construo, desta forma, a perspectiva da casa para além de suas paredes de alvenaria. Como coloca Brandão (2002) “esquecer a arquitetura”, essa arquitetura de caráter construtivo, comercial e mercadológico. Tomar a casa como multiplicidade. “Por mais enraizada, encravada num solo, cercada por muros, definida por paredes (...) o dentro parece encerrar mundos tão intensos, quanto o próprio mundo-fora” (ibid, p.35). Suas funções não são preexistentes e nem ao menos determinantes – poderia fazermos da casa um conceito?

“O alcance dos espaços construídos vai então bem além de suas estruturas visíveis e funcionais. São essencialmente máquinas, máquinas de sentido, de sensação, máquinas abstratas [...] máquinas portadoras de universos incorporais que não são, todavia, universais, mas que podem trabalhar tanto no sentido de um esmagamento uniformizador quanto no de uma re-singularização libertadora da subjetividade individual e coletiva” (GUATARRI, 1994, p.158)

Parto para essa casa produtora de sentido, de sensações. A casa onde Bachelard (1957) já nos falava ser tomada como um instrumento de análise para a alma humana, porque nossa alma é uma morada e a casa é “nosso canto do mundo.” Ele toma a forma dessa casa enquanto refúgio e proteção, uma casa poética que se constrói em nosso imaginário quase que como uma extensão de nosso próprio corpo. Para mim, essa casa primeira é a minha casa no bairro do Pinheiro, aquela que moldou a minha forma de habitar.

“A casa é um ser de sensação, composto de *perceptos* e *afectos*, que emerge dessa *bricolage* material e imaterial, dessa conjunção de elementos heterogêneos de toda ordem” (Brandão, 2002, p.65). Nos colocamos diante dessa casa enquanto ato territorializante, mas entendendo o território enquanto lugar de passagem, enquanto lugar de transformação para novos agenciamentos, inclusive desterritorializante (Deleuze e Guatarri, 1995).

Essa conceituação se esbarra em um bairro e a grande fissura que o atravessa. Falo da minha casa onírica enquanto a casa do Pinheiro, me construo, espacializo meu corpo, territorializo aquilo que me constrói nesse lugar. Mas ao recordar minha casa primeira, me coloco diante de uma catástrofe, pois o bairro onde ela está localizada se encontra arruinado por um dos maiores crimes socioambientais do Brasil.

O meu habitar me fez percorrer o caminho da tragédia. E quero dizer que essa dissertação não se construiu a partir desse lugar arruinado, mas se encontrou diante dele. Falar dessa casa, desse lugar que me ensinou a crescer, me faz pensar em um bairro que, nesse

momento, também se desfaz a partir das desapropriações, vazios e silenciamentos. É retomar essa casa (e as outras que as atravessam), desterritorializando-a.

Essa dissertação busca dialogar diante dessa multiplicidade do habitar, costurando histórias de vida que, assim como eu, fincaram raízes no bairro do Pinheiro através de suas casas, suas vivências, suas memórias. Fragmentos. Escolhi esse bairro pois é a partir da minha história nesse lugar que desenhei minha concepção de lar e foi a partir da minha casa que rescendi o desejo de vasculhar esse caso e mergulhar nessa profusão.

5- FRAGMENTO 05

(CAMINHOS)

Quando saí da casa 52 tomei como escolha não me aprofundar nas minúcias e toda a profundidade que esse crime socioambiental tomou, pois entendia que esse processo me causaria incômodo. Busquei perpassar por outros caminhos dentro do mestrado como fuga, mas como já ressaltai, o Pinheiro me (RE)tomou a partir da minha casa, e senti, diante disso, que talvez, falar sobre aquilo que poucas pessoas querem falar, sobre esse ponto que fere e machuca, a partir de um olhar de quem um dia o desbravou, seria enriquecedor.

Como saí do bairro em 2019, não o percorri desde então. Em tempos atravessados pela pandemia, meu único contato com todo o caso se fez diante dos noticiários que, à época, acompanhava a contragosto. Era o descaso, a dor do outro, mas de certo me tomava a incerteza de encontrar a minha casa em algum mapa de desapropriação – apesar de não a habitar em sua materialidade, a tenho em mim, e seu desmanche me causaria uma grande tristeza.

Esse distanciamento me fez tomar, como primeiro passo dessa pesquisa, assumir esse reencontro. Enfrentar aquela estranheza de caminhar por um lugar conhecido, mas que já não mais reconhecia. Um olhar inquieto que buscava a todo instante entender o que me envolvia naquele momento. Um jogo dos erros entre o presente e a memória.

Fui sem pretensões, sem estratégias. Apenas o meu corpo em campo tateando tantas incertezas naquele lugar. Mas, chegando, senti vontade de percorrer mais. Tinha muito a ser visto, explorado. Mesmo com essa multiplicidade de possibilidades que meu olhar

poderia percorrer, com ruas, comércios, edifícios devastados, meu corpo sempre se encontrava diante das casas. As visitas se repetiram e a cada campo buscava adentrá-las, questioná-las, entende-las. Quem as habitou? Como elas se constituíam antes de tudo? Como se faziam suas dinâmicas? Como eram seus interiores, móveis, objetos? O que se foi e o que ficou?

Dentro dessas casas era possível encontrar restos, pequenos fragmentos do morar. As pessoas deixaram muitas coisas para trás e isso me intrigava. Tinha lixo, materiais desgastados, quebrados, mas também tinham livros, lembranças, móveis conservados, álbuns de fotografias.

Muitos questionamentos permeavam nesse habitar, que talvez possa chamá-lo de ausente, nessas casas vazias. Era como se elas pudessem conversar comigo. Acredito que esse meu olhar curioso diante dessas habitações e seus restos, se deu a partir do meu vínculo com o lugar. O bairro Pinheiro, para mim, representava a casa, o espaço que me fez retornar. Adentra-las me fazia senti-lo vivo novamente, como uma reconstrução daquilo que ele foi e ainda o é na minha memória.

Esses caminhos de campo foram registrados através de diários e fotografias. Os primeiros, foram sendo construídos sempre após as visitas, e era interessante perceber como era possível descrever o que foi visto, sentido, mas também aquilo que surgia na memória, como um grande emaranhado de lembranças, perpassadas pelo imaginário. Já os registros imagéticos surgiam como uma outra narrativa, e dentro do meu percurso em campo, eles tocam aquilo que fazia meu coração acelerar durante o caminho – seus restos.

“Ver através dos rastros o inimaginável”. (NOVA, 2014, p.67) Registro os fragmentos das casas, como a experiência de Didi Huberman em ver as coisas debaixo do nariz “as coisas chãs”. (2017, p.28) São pequenas peças desse quebra cabeça do morar, como se fosse possível reconstruir o habitar a partir do que ficou para trás. Nas palavras de SAMAIN (2012), as fotografias são como tecidos, malhas de silêncios e de ruídos. São memórias, histórias escritas nelas, sobre elas, dentro delas, com elas. E diante de tudo, precisam de nós para que sejam desdobrados seus segredos. Através das imagens, buscava desvelar a essência do que um dia constituiu aquelas casas. Fragmentos fotográficos desses fragmentos do morar.

Coloco-as aqui, dispostas dentre tantas palavras, para que o leitor possa, como remete Didi Huberman (2006), “inquietar-se diante delas”, prolongando o olhar, encontrando as camadas de suas profundidades. “É necessário abrir a imagem, desdobrar a imagem” SAMAIN (2012, p.159). Proponho um perder-se em; uma errância diante das camadas dessa narrativa. Não as lendo – talvez uma contraversão as normas acadêmicas -, pois as quero “silenciosas”.

Sylvain Maresca (2012) apontava o sofrimento constante das imagens que se propõem a ficar em silêncio a partir da indicação de suas legendas, como um indicativo daquilo que se deve ler. “lemos a legenda antes de olhar a foto e, assim, temos a tendência de ‘reconhecer’ nela (sem por vezes nos darmos conta disso) o que esse texto liminar nos incita a ver.” (p.37) Espero que elas sejam contempladas a partir do seu silêncio ensurdecedor, mas que interpeladas por outras formas de narrativa, gritem sobre cada um dos fragmentos que as compõem.

Muito se deixou para trás. Para além dessa materialidade, desses objetos que restaram, a casa desabitada, vazia, me fazia questionar: Mesmo sem o corpo pulsante, vivo, humano, esses espaços se fazem habitados? Nesse lugar oco, é possível desvelar esse habitar das ausências? Um habitar diante dos restos?

Nesse instante, me debrucei em encontrar vozes que me fizessem entender sobre essas formas de permanecer, nesse morar intangível. Queria ouvir as histórias dos corpos que ali habitaram e de seus cruzamentos com as casas – sobre o que foi, o que restou e o que ainda é.

Me desafiei a acessar essas pessoas. Morei no Pinheiro por muitos anos, e acreditava que esse processo seria um pouco mais fácil, devido aos laços que construí durante esse tempo, mas não foi assim. Primeiro que, eu já havia mudado há alguns anos e a região estava praticamente desabitada. Alguns contatos e amizades construídas se fizeram naquele espaço e necessitavam dele para perdurar. Era o olhar do dia a dia, as caminhadas e conversas na padaria, nas praças, nas barracas de alimentos. Relações momentâneas que eram preenchidas por um certo conforto em entender que, por mais que o tempo mudasse tudo, e o carrinho de tapioca talvez não perdurasse na região nos próximos anos, por exemplo, esses encontros seriam desfeitos de uma forma que nosso corpo fosse sendo acostumado com sua ausência, mas preenchida pela presença de outros. E mesmo que

meu corpo fosse o que escolhesse percorrer novos caminhos, eu sabia que, se retornasse, conseguiria reconhecer ao menos algum aspecto resgatado da memória.

O caminho das entrevistas e conversa com esses moradores foi difícil de construir, porque um dia saí do bairro Pinheiro e no outro caminhei em seus restos. Ainda assim, contatei aqueles mais próximos, amigos e familiares pelas vias digitais. Entre esses contatos, a dificuldade se fazia agora na fala, na exposição de sentimentos, em compartilhar essa relação íntima de seus corpos e sua casa diante dessa catástrofe.

Um constante “Quero esquecer tudo o que passei”, “não consigo! Se eu falar sobre isso eu vou chorar!”. Talvez pela angústia de algo ainda recente, latente, ou pela tristeza da perda da casa. Essas portas estavam fechadas para mim nesse momento, pois era difícil revisitar esse processo, rememorar os momentos vividos nessa casa, porque ainda doía. Histórias vividas em um lugar que hoje se fazia tristeza.

Busquei então o contato com vozes por mim desconhecidas. Através de um perfil aberto no Twitter, escrevi uma publicação, com poucos detalhes, convidando os antigos moradores para uma conversa. Não expliquei o contexto, deixei abertura para aqueles que se sentissem confortáveis em rememorar esse espaço de alguma forma. Gradualmente, esse convite se fez bastante acessado e compartilhado. Pessoas desconhecidas repassavam a mensagem para outros tantos, até que fui contatada por aqueles interessados em conversar. Muitos questionavam “É pra falar sobre o quê? Sobre a tragédia?”.

“Quero conversar sobre a sua casa no Pinheiro. Como você a enxerga?”

Meu desafio, nesse momento, era me conectar com essas pessoas. A pandemia não permitia que as conversas fossem feitas pessoalmente, o que dificultava a aproximação do toque, dos olhares, de uma forma que eu pudesse me mostrar aberta a ouvi-los e acolher seus relatos. Porque quando falo da casa, falo de um lugar que reserva nossa intimidade. Como eu, pessoa alheia, conseguiria acessar depoimentos pessoais tão rapidamente e a distância?

O contato foi difícil. Algumas pessoas, de idade mais avançada, não conseguiam acessar determinadas tecnologias como o Google Meet, por exemplo, e as conversas acabavam acontecendo através de ligações tradicionais, dificultando a absorção das reações, dos olhares, dos gestos.

Outro ponto foi o compromisso na conversa. Muitos marcaram horário, mas desapareceram após esse primeiro contato, outros remarcaram por diversas vezes - talvez por falta de tempo, talvez por desconfiança, sem concluir o processo.

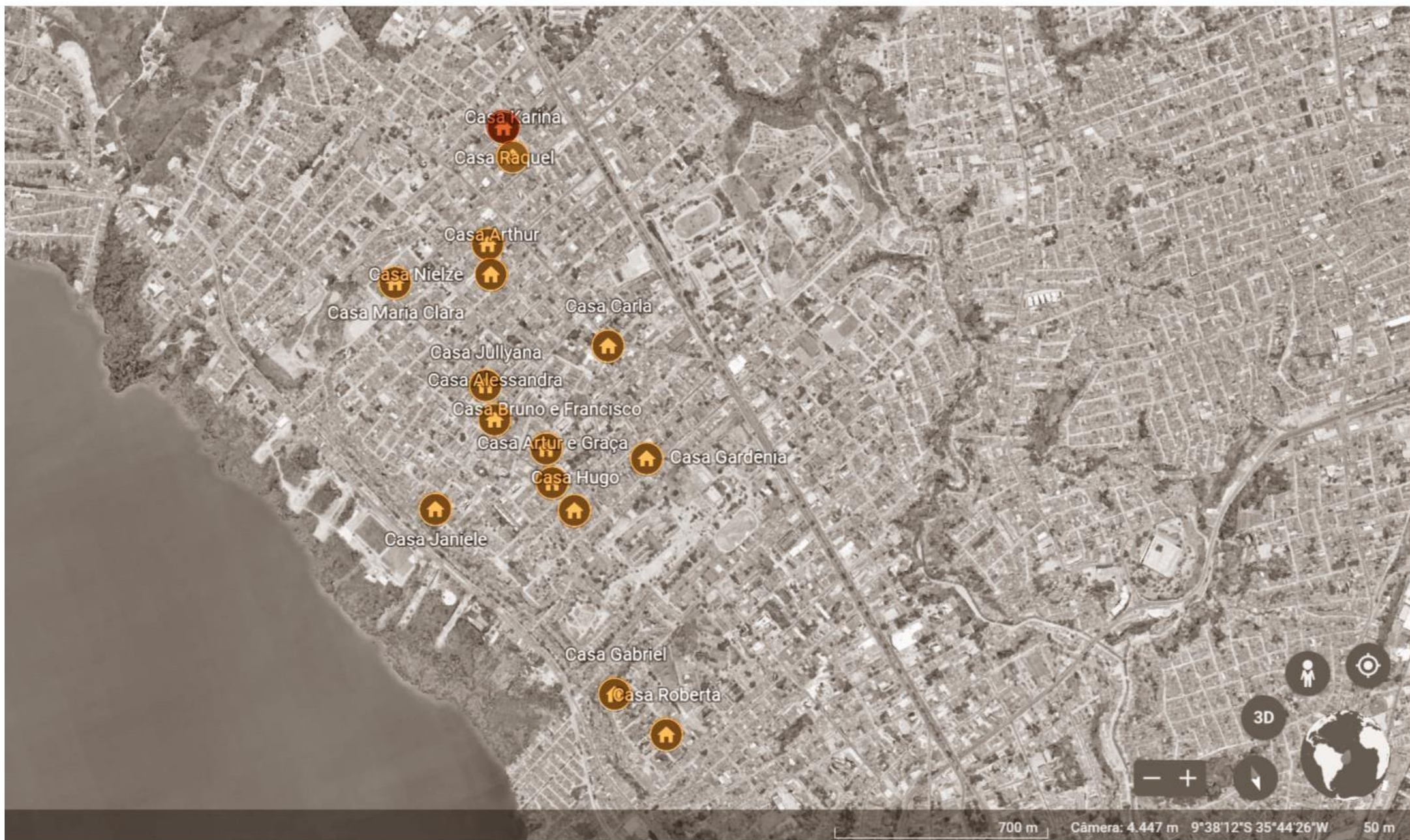


Figura 07 Casas que conversei. Fonte: Google Maps - modificado, 2022

Foi interessante perceber como algumas histórias se cruzavam umas às outras, como existiam semelhanças, mesmo diante dessa intimidade particular de cada família. O habitar se transformava a cada casa, mas era como se fosse possível sentir uma dimensão única que transbordava por esses relatos: o afeto. Narrativas repletas de sentimento, de histórias familiares.

Diante dessa diversidade, me debrucei naquelas que, de alguma forma, se assemelhavam à minha vivência, em que os relatos eram mais minuciosos, que exploravam, de fato, diferentes dimensões desse habitar – desde o vínculo à casa à tragédia de ter que abandoná-la. Essa escolha também se atribui ao fato de que essas entrevistas construíram um volume denso de relatos com transcrições feitas manualmente, sendo ainda analisadas expressões e gestos de cada uma das pessoas que aceitaram participar dessa troca.

As escolhas dessas casas partem de conversas bem articuladas, de uma trama bem construída, de depoimentos esclarecedores e ricos em detalhes a cada pergunta. Mas vai além, pois sinto que diante dessas casas que habitam essas pessoas, encontro um pouco do meu habitar.

Em alguns momentos, durante as conversas, me citavam um amigo, que morava na casa da rua vizinha. Esse amigo, por coincidências também iria conversar comigo. Em outra entrevista, descubro que um morador costumava frequentar um certo bar, bem movimentado, que ficava no mesmo terreno da casa de uma outra entrevistada. Às vezes me surpreendia. Ligava a câmera, esperando ansiosa por mais uma conversa. O convidado entra – “Nossa, eu conheço você! Já te vi algumas vezes saindo da academia!” ou até “Karina, seu rosto me lembra uma menininha que estudou com meu filho na infância” – sim, sou eu!

Nesse mundo virtual, foi possível, ainda, derivar entre os caminhos do ciberespaço, acessando plataformas como o Google Street View, percorrendo as ruas desse bairro em diferentes momentos, inclusive antes e depois do crime ambiental.

Na profusão de todos os materiais recolhidos, sentimentos e vivências, se fez possível projetar experimentos corpóreos e visuais de fundo autoral. Cada um desses fragmentos aqui narrados percorreram a extensão do meu corpo, dos meus gestos. Como relata

FEITOZA (2022)¹⁸, uma exploração de memórias e histórias da cidade inscritas na carne. Na minha carne. Como moradora, pesquisadora, narradora e escritora, traduzo essas marcas através desses ensaios, capazes de incitar novas reflexões sobre essa pesquisa.

Além destes, outros caminhos foram sendo percorridos paralelamente e se complementaram a estes escritos. Dentre eles, as disciplinas cursadas no decorrer do mestrado, que foram essenciais para a definição da temática desta pesquisa e para o meu crescimento enquanto pesquisadora. A minha participação enquanto estagiária docente da disciplina Oficina de plástica¹⁹, me colocando diante do ensino e da experimentação, junto aos alunos e a produção da Oficina DESCASULAR²⁰, que se espalhou para além dos limites da Universidade, com a realização de atividades capazes de envolver seus participantes em uma discussão sensível sobre a consonância corpo e cidade.

Outro percurso que devo colocar em destaque, foi a produção do evento NÓS – Patrimônios em Silêncio, o I Congresso Internacional produzido pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, que levantou discussões diante da patrimonialidade e as vozes que as articulam. Aquelas que falam, sussurram, gritam ou até mesmo calam, silenciam, são silenciadas. Dentre os diversos eixos temáticos propostos, ressalto minha participação enquanto mediadora na Teia - denominação que criamos para manter uma aderência metafórica com o conceito de “nós” - “Saudades do meu vizinho – Memória, arte e catástrofe”. Foi uma roda de conversa a qual teve como eixo central, a discussão acerca do crime ambiental da Braskem. Uma roda de conversa que se produziu a partir dos rasgos da materialidade, dos ruídos, dos vestígios, das feridas dos corpos, das memórias e ausências²¹.

¹⁸ A autora, Suzany Marilhá Ferreira Feitoza, é também membro do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, e tem sua dissertação um trabalho que utiliza o corpo enquanto método de pesquisa.

¹⁹ A disciplina Oficina de Plástica compõe a grade do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo enquanto disciplina obrigatória para turmas do primeiro período e tem como objetivo desenvolver a capacidade de concepção formal a partir da análise e síntese da experiência corpórea da cidade e da arquitetura. Em 2021, a condução desta disciplina foi feita pelas professoras Maria Angélica da Silva, Roseline Vanessa Santos Oliveira e Juliana Michaello Macêdo Dias.

²⁰ Oficina produzida como atividade final da disciplina Atelier Cidades, ministrada pela professora Maria Angélica da Silva, da grade do PPGAU FAU/UFAL. A proposta da oficina consistiu na realização de diferentes atividades que tiveram como objetivo envolver os participantes em uma discussão sensível sobre o corpo como forma de experienciar as cidades, e contou com a participação não só de discentes da FAU-UFAL, mas também de professores, pessoas externas à Ufal e de diferentes áreas do conhecimento.

²¹ O Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, que promoveu a construção deste evento, em breve publicará um ebook construído a partir dos debates e encontros que o evento proporcionou.

Esta, foi composta por convidados muito especiais²², que por certo, nunca se cruzaram em seus cotidianos, mas que se aproximavam enquanto corpos marcados por cicatrizes a partir da tragédia.

“Eu particularmente nasci e me criei dentro do bairro do Pinheiro, então a escola que eu estudei que foi no CEPA, do jardim infantil ao Moreira e Silva, todas vão ser desocupadas e provavelmente destruídas. A igreja onde eu cresci e fiz minha primeira comunhão, crisma e me casei, ela já foi destruída, a casa que meu pai, que eu cresci, que é do meu pai, ela já foi destruída. A minha casa onde eu moro, daqui pro final do outro ano, ela vai ser destruída. Como é que fica a minha história, as minhas raízes e a minha memória?”²³ (Gardênia Nascimento, 2021)

A partir das conexões e enlaçamento que esse evento propôs, remonto à fala do mestre Ailton Krenak²⁴, que nos propôs refletir sobre o nosso posicionamento diante da cidade e de como nos tornamos reféns desse lugar que nos traga, nos engole. Aos poucos somos devorados por aquilo que construímos com nossas próprias mãos, como ficou evidente no caso do crime Braskem.

6- FRAGMENTO 06

(DESPEDAÇAR-ME)

Proponho aqui um mergulho nas camadas dessa pesquisa. Mas nesse primeiro momento, trago a reflexão daquilo que coloco como mote de sua construção. Falo que essa trabalho se compõe de fragmentos – e associo essa palavra, de imediato ao múltiplo, partes, pedaços. A origem da palavra FRAGMENTO, vem do latim *fragmentum* – resto, remanescente, pedaço de coisa quebrada.²⁵

Penso em frações. Imagino uma casa onde cada parte que a compõe –telhado, porta, janela -, cada um desses pedaços constitui aquilo que chamo casa. E ela se desdobra sobre ela

²² A teia foi mediada por mim e Marina Melito, à altura aluna do doutorado do PPGAU FAU/UFAL, e contou com a participação de Maria Gardênia Nascimento Santos, arquiteta e urbanista e especialista em conservação e restauração dos Sítios e Monumentos Históricos; Maria José da Silva, conhecida como Zeza do Coco, patrimônio vivo do estado de Alagoas desde 2015 e Mestra do Coco de Roda raízes; e Paulo Accioly, artista visual, desenvolvedor do projeto “A gente foi feliz aqui”, em que retrata as histórias de famílias que foram removidas de suas casas no bairro do Pinheiro.

²³ Depoimento retirado a partir da transcrição da Teia: Saudades do meu vizinho, a partir do depoimento da arquiteta e urbanista Gardênia Nascimento Santos

²⁴ Depoimento retirado a partir da transcrição de sua palestra de abertura no I Congresso Internacional Patrimônios em Silêncio - 2021

²⁵ Significado da palavra fragmento disponível em:
<https://origemdapalavra.com.br/palavras/fragmento/>

mesma. Se imaginarmos nessa casa os aspectos de suas subjetividades, vivências, uma casa com dois, três, quatro moradores... animais, plantas. Partes do tempo, da memória, do imaginário – se fazem múltiplos, mesmo diante daquilo que chamamos de uno. Como se cada ser único, e por si só fragmentado – pensando o corpo que se constitui de diversas partes-, pudesse construir um espaço casa único, e que se divide a cada instante – talvez para alguém “casa” seja um corpo, um objeto, um lugar. Uma visão fragmentada contínua, rizomática.

Antes de retomarmos a casa – aqui nesse trabalho ela perpassará em diversas linhas de fuga –, remonto as ideias de Deleuze e Guatarri (1995), que colhe conceitos na botânica para nomear o pensamento – faz rizoma entre os saberes. O rizoma não se fecha em si, é aberto a experimentações, atravessado, interpelado. Se espalha em todas as direções – ora se abre, ora se fecha, ora constrói e desconstrói.

Os fragmentos que compõe esse trabalho são rizomáticos, ecoam em cada uma de suas linhas, começando por sua estrutura. Escrevo esse documento quase que como um fluxo de pensamento, e por assim ser pode, por vezes, parecer descontinuado, embaralhado, entrelaçado.

Digo que esse processo de escrita não se fez como uma escolha consciente de pesquisa, mas surgiu como um grito, quase que como um desabafo diante dos processos que me tomavam. Sou mulher, escritora, pesquisadora, arquiteta e urbanista e também moradora da cidade de Maceió, do bairro do Pinheiro – este tomado em dilaceramento.

Essa “não linearidade” ou “inconsistência” pode ser vista, por certo, como a fragilidade de um pesquisador – daquele que não tomou as rédeas de seu trabalho, não delimitou seus caminhos. Mas deixei seus processos me guiarem, sendo levada por todo fluxo e seus desvios, inclusive sendo tomada por emoções, como venho salientando em diversas partes deste documento.

Eu vivi cada um desses processos e etapas de pesquisa dentro dessa minha multiplicidade, e sua escrita traduz esse emaranhado. Escrevê-lo foi, de certa forma, expor minha intimidade ao leitor. Cada palavra se coloca como uma grande linha de costura, amarrando aqueles que se deixam levar por elas em um tecido tramado e emaranhado, denso. Proponho um adentrar nessa minha narrativa, e além – vou abrindo portas e a cada passo,

o visitante adentra em camadas do morar, nas expressões dos sonhos, nos gestos dos medos, nos segredos, nas saudades. Minha e de muitos.

Percebo, sinto, penso. Não necessariamente nessa ordem, pois, por vezes, essa construção se mistura, se interpela. Mas quero dizer que, esses escritos se fazem, primeiramente, a partir da subjetividade, da afetação. A construção do conhecimento se coloca aqui através da sensibilidade, da intuição, da forma como o corpo abraça os significados. Vivencio seus processos, internalizo, e por fim, sou levada ao seu entendimento buscando também suporte em outros relatos.

Caminhos que se desdobraram em outros caminhos, e que por vezes não era possível ver um ponto de chegada. Isso se rebate na forma de uma escrita fragmentária, diante da desconstrução textual através de uma dinâmica de rupturas (GONÇALVES, 2017), que se recusa, de uma certa forma, a sua totalização. Lacou-Labarthe e Nancy (apud PONTIERI, 1989) destacam como características do fragmento enquanto gênero de escrita a sua forma ensaística, através dos pensamentos e de uma variedade ou mistura de conjuntos.

Aqui, falo de fragmentos quando entrelaço narrativas – e as coloco enquanto relatos dos moradores, através de entrevistas, dos diários de campo, onde descrevo a experimentação do meu corpo no bairro arruinado, nas fotografias, como narrativa visual, nas lembranças e imaginários, mas principalmente na profusão de cada uma dessas camadas. Como platôs – “que se comunicam uns com os outros através de microfendas”. Deleuze e Guattari chamam de Platô “toda multiplicidade conectável com outras hastes de maneira a formar e estender um rizoma.” (1995, p. 32)

Escrevo sobre experiências, elas são o cerne da narrativa. E a elas se soma um trabalho de campo que talvez não possa simplesmente receber o nome de deriva – com seus mistérios e aventuras no campo, como ocorria com os Situacionistas. Percorro a minha própria história, sinto. São os sentidos que me colocam diante das camadas complexas daquele lugar. Rememoro minha casa, reconstruo, em minha mente, a casa do outro a partir dos seus restos. Uma casa que não vivi, mas me invade. Busco ouvir suas vozes. A fala das pessoas também nos revelam sobre a cidade, sobre o morar. Embora não sejam técnicas, especializadas, elas são repletas de significados. Poderia eu, interpelar essas palavras? Talvez...

Quando busco narrativas, as coloco como únicas. Invado intimidades, mas para além delas, remexo feridas que ainda sangram. São narrativas sobre casas atravessadas por uma tragédia. Acessá-las remontam a dor, desestabiliza. A vista abrangente, como menciona Didi-Huberman (2015), que é “colocada em movimento e subjetiva-se em experiências interiores” (s.p.). Essas marcas não se quantificam, não são mensuráveis, equiparáveis – são sentidas e corporificadas.

Sou autora, mas também ex-moradora, expectadora, ser vivente dessa cidade. Visualizei todo o processo externamente no noticiário, mas por fim, me senti atravessada, debrucei-me: “não experimentamos a distância medindo-a, mas nela penetrando de corpo e alma” DIDI-HUBERMAN (2015, s.p.). Dessa forma, essa dissertação pode adquirir em alguns momentos, um caráter ensaístico. Vivências constroem essa narrativa, e eu as costuro junto a outras, convocando autores para enriquecê-las.

É esse narrar biográfico e autobiográfico que Gomes (2004) denomina como “escrita de si”, uma prática onde os “indivíduos comuns passaram a produzir, deliberadamente, uma memória de si” (GOMES, 2004, p. 10-11). Essa forma de escrita se faz a partir da tecitura do sujeito e sua própria história. Mas devemos considerar que, ao se colocar enquanto sujeito no plano de uma narrativa, esse corpo levará consigo outras camadas que o constituem como o espaço em que se insere, suas vivências, grupos sociais aos quais pertence.

Quando escrevo sobre minhas experiências, nesse trabalho, não falo apenas em meu nome, mas em nome de muitos outros que, nos seus diversos contextos, também foram atravessados por esse crime socioambiental, e que já excede as linhas escritas, que transbordam seus limites. Me desterritorializo, como chamam Deleuze e Guattari (1996), de forma a desagregar os meus próprios sentidos, sejam eles sensações, pensamentos, afetos.

Esta dissertação, menos que se apoiar em autores ou fontes bibliográficas, embora reconheça a fundamental participação delas na construção de um documento científico, concentra seus esforços nas histórias de vida. Assim, a autobiografia bem como os depoimentos de uma série de pessoas, ex-moradoras do bairro Pinheiro, que se dispuseram a compartilhar seus relatos, conformam a fonte principal do documento. Foram cerca de 50 horas de conversa e 387 páginas de transcrições – entrevistando 30 pessoas com perfis distintos – diferentes gêneros, classes sociais, idades que variavam

entre 20 e 75 anos. Em sua maioria, moravam em suas casas por no mínimo 10 anos, e em dois casos especiais, conversei com moradores da mesma família – mãe e filho/ pai e filho -, analisando as diferentes perspectivas em habitar o mesmo espaço.

Ainda as fontes primordiais da dissertação se prolongam em extensos trabalhos de campo. De fato, ecoa aqui, os trabalhos previamente realizados no âmbito da pesquisa do patrimônio imaterial em Alagoas, como já foi mencionado, mas agora, em um formato no qual o entrevistado em momentos é o próprio entrevistador. E em outros, há o entrevistador, mas ele é alguém por vezes até conhecido, pois de fato o que se acessa é uma rede de vizinhança, que aceitou o convite em conversar sobre um tema tão íntimo e delicado e assim, compartilhar suas dores - como o foi o caso de todas as entrevistas que alcancei.

Rememoro meus diálogos enquanto pesquisadora. Em 2022, adentrei os caminhos do LIN.a - Laboratório de Interpretação de Núcleos Habitados -, e em uma conversa conduzida pela professora Roseline Oliveira, nosso grupo refletiu sobre a potência das narrativas e experimentações. Quando essas vozes, por si só, bastam? Como as experiências corpóreas, de campo, derivas, dos gestos, da memória, podem se colocar oficiais, científicas, sem que precisemos amarrá-las em discursos teóricos, conceituações e por vezes, experiências corpóreas de outros autores?

A escrita de si não se trata de uma narrativa isolada de determinado sujeito, como podemos exemplificar através do livro “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus, que fala sobre sua história de vida, mas que revela ainda sua força enquanto mulher marginal, no sentido étnico, social e de gênero, apresentando modos de viver na favela brasileira. Ou mesmo nas cartas que Mário de Andrade e Carlos Drummond trocaram (publicadas no livro “A lição do amigo”, 2015), onde Ângela Gomes (2004), defende que “[...] o diálogo entre os dois constitui uma oportunidade para se ‘ler e sentir’ o movimento modernista sob outros ângulos” (GOMES, 2004, p. 07).

as histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’. (NÓVOA, FINGER, 1988, p.116)

Em um primeiro momento, falo do íntimo, da casa, do meu desmonte em um espaço não lugar e da minha saudade na casa em que vivi a vida inteira. Sigo, rememorando aquilo

que chamamos tragédia. De certa forma, aqui trago um olhar mais amplo, mesclando um voo alto, vendo “tudo de lá de cima”, como reporta Didi-Huberman (2015), mas, por vezes, tecendo momentos de aproximação, me imbricando aos poucos. Mergulho e retomo um pouco de fôlego na superfície. Mas na barbárie sou submergida. Coloco meu corpo em campo, meus sentidos. Nesse bloco, se constroem cruzamentos – ora experiencio, ora questiono, ora escuto a dor do outro, ora deixo que as imagens, que as fotografias falem por si.

No capítulo Aninho rememoro quem sou. E na construção dos meus afetos, trago aquilo que se faz casa em mim, se decalcar na casa do outro, mas também se transformar, reinventar. Ver por dentro daquelas casas vazias, despedaçadas, ver seus restos e, através deles, reencontrar os sentidos do habitar. Remontar e rememorar as casas de antigos moradores, percebendo suas espacialidades, afetações, marcas. De como elas se constroem sentimentalmente em nós, sejam casas de vó, casas corporificadas, casas cidade, casas que crescem, casas que morrem.

Entre tantas delas, construo a camada narrativa que, em campo, me fez rememorar-las e buscar tantas respostas. A casa das miudezas surge porque nesse Pinheiro aos pedaços, foram seus restos, seus fragmentos que me levaram ao reencontro da minha casa e das tantas outras casas que se refletem na minha a partir dessa escrita.

BARBÁRIE



Me encontro em casa. Esse retorno, através da memória, me faz percorrer também o caminho da grande tragédia. Quero dizer que esses escritos não se constroem a partir desse lugar em arruinamento, mas eles se encontram diante dele. Falar da casa, deste lugar que me ensinou a crescer, me aproxima daquilo que ela já foi, mas também daquilo que é. Pensar no hoje é também percorrer os vazios, silenciamentos e restos que compõem o meu passado e se constitui bairro do Pinheiro.

Quis percorrer essas ruas enquanto ainda havia tempo. Revisitá-las se traduz como uma proposta de toque, como uma possibilidade de sentir esse lugar novamente. Antes de imergi-lo, vislumbrei o cenário sendo modificado, principalmente diante das imagens dos noticiários, do grito de moradores nas mídias. Incomodava. Mas apesar de tudo, mesmo conhecendo alguns processos desapropriatórios, de observar as reportagens que colocavam em foco as casas sendo fechadas e lacradas, das pessoas em seu cenário de dor, sendo obrigadas a sair de suas casas o mais depressa possível, eu ainda sentia todo o processo como uma grande cena de filme. Uma realidade tão paralela que não me fazia querer acreditar que esse buraco foi cavado no lugar que chamei de casa por tantos anos.

Não o conjecturei. Como imaginar essa nova realidade? Será que as rachaduras mudariam a percepção que eu tinha daquele lugar? Perpassamos um período pandêmico, com restrições, medidas de distanciamento. Fique em casa. Durante esse tempo não o revisei, nem ao menos perpasssei em suas ruas. Ele estava ali, na minha memória, imodificável.

Me vi sem câmeras, sem máquinas de registro, caderno de anotações. Só eu, meu corpo, meus pés prontos para a caminhada. Em 2020, ao fim do mês de novembro, fiz minha primeira imersão. Foi forte, triste. Não reconhecia mais o local. A partir de meus relatos de campo, retomo meu mergulho nesse lugar.

RASCUNHOS DE UM BAIRRO

Pisei na primeira rua. Estabeleci em minha mente um ponto de partida, um referencial. Era a rua Belo Horizonte. Lugar que me acolheu por tanto tempo, pertinho de casa, abrigava muitos amigos. Era o ponto de intersecção. O caminho marcado como a divisão entre o céu e inferno. De um lado, seguia-se uma vida normal, do outro, um vazio, um nada.

Em sua perpendicular era possível, bem ao fundo, vislumbrar a vista da Lagoa Mundaú. Queria adentrar o bairro, acreditando que esses vestígios, esses restos narrados nos noticiários, só seriam vistos com muito esforço. Dei alguns passos. Em minha frente o Residencial Jardim Alagoas expunha os vazios de suas janelas, com suas esquadrias arrancadas. Não restava mais nada. Não restava ninguém naquele lugar.

Lembrei dos dias de minha infância. Resgato na memória uma amiguinha que morava nesse lugar e me convidava com frequência para corrermos juntas entre os pilotis. Percebi que caminhar dentre essas ruas seria difícil, e que a cada novo passo diversas sensações me tomariam e iriam se sobrepor – um novo Pinheiro se desmoronando diante das lembranças que moravam em mim.

A rua estava deserta. Escrevo sentindo a sensação de paralisação do meu corpo, quando como estamos assustados, desacreditados. Recomeço a andar. Adentrei em mais uma rua buscando vestígios que pudessem casar perfeitamente com as minhas lembranças daquele lugar, mas só encontrei fragmentos, ruínas de um cenário distópico.

Engraçado pensar em como essas edificações aos pedaços podem ser encontradas em outros lugares. Se caminarmos na cidade de Maceió, pelos bairros históricos como Centro ou Jaraguá, por quantas vezes atravessamos ruínas com certa naturalidade? A observamos e tentamos absorver o enfrentamento de sua materialidade com o tempo, completamente alheio ao movimento caótico e desenfreado, como se já estivessem integradas a paisagem urbana. O que as difere? São olhares, de certo, para o esquecimento. Mas as marcas e destroços no Pinheiro não se constroem com o tempo, se fazem diante de um crime que as devora. Já era possível ver que todas as portas e janelas haviam sido arrancadas e seus buracos vedados com grandes blocos de tijolos de concreto impedindo o adentrar. Ainda assim, era possível avistar diversos buracos. Casas violadas.

"É complicado [silêncio, voz embargada] ...é realmente triste você ter que deixar pra trás, você ser forçado a sair daqui. Eu não tô saindo porque eu quero, eu sou obrigado! Eu tenho que pensar na minha mãe e tudo... é triste. Se a gente fica pensando nisso vai batendo uma depressão, uma angústia."

"Dá uma dor, é triste, fica um negócio assim na garganta que as vezes você quer, a voz muda fica trêmula, o olho enche de lágrima (voz emocionada) é uma coisa triste demais... são histórias de vida em cada cantinho, cada casa... coisas que as vezes você nem imagina. São histórias de vida, de famílias, de empresárias, de sustento. Muita gente tinha no Pinheiro o sustento - é a casa do cara, a vida dele e o sustento."

"O que mais me doeu foi quando o prédio, que é meu vizinho, foi totalmente esvaziado. Era um prédio pequeno, só um andar, com quatro apartamentos. Me doeu o coração... eu não sei explicar porque! Ver todas aquelas janelas arrancadas, é horrível. Muito ruim."

"Como a gente tinha um apego muito grande pela nossa casa, mais assim a questão da saída, a gente tava tentando assimilar... acontecer o que tava acontecendo. É como a gente... é como perder um ente querido. A gente não quer aceitar que tá passando por aquilo, demora um tempo pra ir se acostumando. A ficha só veio cair quando a gente tava se mudando, colocando as coisas no caminhão, pra você ter uma ideia"

"Eu mesmo desmanchei a minha própria casa. Eu mesmo trabalhei no desmanche da minha casa... foi um turbilhão de sentimentos que na hora eu nem ... eu só fiz aquilo, coloquei no caminhão e trouxemos o material."

"Você vê o semblante do Pinheiro mudar de status pra tristeza quando você entra e vê a praça e você sente! Aquilo ali foi abalado, a felicidade do Pinheiro foi embora"

Figura 09



Figura 10



Essas brechas, essas lacunas nos muros das casas me permitiram visualizar de perto essas ruínas. Ruínas? Será que poderia me apossar desse termo? A museóloga Isabela Souza (2015) as conceitua enquanto destroços ou vestígios de uma estrutura – em seu sentido arquitetônico. Ou ainda, refletindo sobre o imaginário coletivo, as destacam como aquilo que é abandonado, deixado para trás “o que plantamos e o que vivemos” (idem, p.07) Pensando nas ruas percorridas, na forma forçada que esses moradores saíram dessas casas, o “deixar para trás” me parece contraproducente. O não querer nos coloca diante de uma espécie de “ruína às avessas”, se poderia assim conceituar. Não se traduz enquanto o espaço abandonado que, aos poucos, junto a ação do tempo, foi sendo degradado, pedaço por pedaço.

Não que a temporalidade não se faça presente nesse tipo de ruína, pois de fato, é possível ver a ação do tempo escancarando ainda mais as paredes esburacadas e rachadas desse bairro. Mas ao sair das casas, essas paredes já se despedaçavam. Eram demolidas, arrancadas portas e janelas, seus telhados. Restava o corpo oco. Restos. Tomo então esse termo. “aquilo que fica; vestígios”.

A imersão me fazia ver além das paredes rachadas e carcomidas, me colocando diante da dimensão do que um dia se fez casa, de um espaço que foi habitado por outros corpos, ativando um processo imaginativo sobre como esse ambiente existiu. Como falam essas ruínas? E seus móveis, como se dispunham por entre os cômodos? Como se constituía a família que a habitava? Quem eram eles? Usavam a sala de jantar? A casa é esse espaço capaz de traduzir quem somos no mundo. Eu poderia acessar, através dessas marcas, desses fragmentos materiais, as lembranças daquilo que um dia se fez presente nesses espaços?

Esses espaços me assustavam por sua obscuridade, sem saber direito o que encontraria ao adentrar em cada uma dessas casas. Invado uma casa. Invadir o desapropriado, o inabitado, o vazio. Vejo um corredor extenso que conecta o jardim frontal ao quintal de fundo. Esse espaço agora se transformou em uma porção de terra espalhada por todos os cantos, tocos de plantas que me trouxeram a sensação de terem sido colhidas, talvez, durante a mudança. Quase não era possível ver o piso. Entulhos, pedaços de tijolos, plantas secas, lascas de azulejos.

Escuto barulhos, saio o mais depressa possível. Esses espaços agora eram habitados por outros corpos. Por vezes, por animais perdidos, abandonados, ou por pessoas em situação

de rua em busca de um teto, de um abrigo. Como pode esses restos se colocarem enquanto abrigo? A dura realidade. Vazio para uns, talvez casa para outros. Existia algo nessas construções destruídas que se sobrepunha à sua forma dura, suas geometrias agora, despedaçadas.

Sigo em caminhada. Ao final da rua avisto a escola de ballet. Conhecia aquela família, a história daquelas pessoas. Lembro de me encantar com as criancinhas vestidas em collant e saia de tule caminhando durante o dia em direção à escola. Ainda estava o letreiro azul marinho ressaltando a imagem de uma linda bailarina, Eliana, com seu vestido branco esvoaçante, sorriso e mãos delicadas em movimento de dança. Uma sutileza que se contrasta com o enorme buraco que se forma agora na fachada, onde era possível ver, através dele, que não restava nada mais, além de paredes despedaçadas.

Adiante escuto barulho, vozes. Em um grande prédio pessoas circulavam por entre restos de arquitetura, de pilares, portas, janelas, pias, bancadas, além do que sobrou dos móveis: guarda roupas, mesas de estudo e de jantar. No meio de tudo uma disputa por espaço. Ora entulho do prédio em arruinamento, ora objetos, restos.

Havia carros estacionados em frente ao portão e algumas pessoas circulando. Me aproximei de um grupo que conversava ao lado de um sofá, quando entendi que havia uma negociação sendo feita. Esses objetos estavam sendo vendidos, como em um grande feirão. Fui abordada por Manoel. De um jeito interessado, perguntou se eu gostaria de comprar alguma coisa. Me coloquei como uma simples curiosa, conseguindo a revelação de que aquela era apenas uma, dentre as tantas feiras que foram realizadas na região, e que aquela já estava no final. “Vendemos um bocado, dona!”

Dentre os objetos vendidos, poderia se encontrar desde mobílias completas a apartamentos inteiros, por vezes seminovos, cujos donos abandonavam seus pertences provavelmente por não ter espaço para dispor as peças na nova morada. Em meio à conversa, outra revelação. “E teve gente que não quis mais nada mermo, viu? Ou porque não cabia no canto que foi, ou porque não queria mermo, sabe? Pra não tá atraindo coisa ruim, lembrando de coisa ruim, sabe?” Tudo ficou para trás, pequenos fragmentos da memória.

Mais uma vez, as frestas entre os grandes buracos do que um dia se fez janelas, eram capazes de revelar um pouco do que ainda restava. Paredes em tons de rosa, azul bebê e alguns recortes de papéis de parede nos andares mais baixos me faziam reconstruir a imagem de uma casa com crianças. Rememoro mais uma vez minhas brincadeiras entre os pilares dos prédios. “Será que um dia também correram por aqui?” Essas estruturas que foram ótimos esconderijos em meu passado, hoje sustentam apenas um corpo vazio, oco por dentro.

Continuei com meus passos entre o vazio. Avisto uma praça, com ares de recém reformada. Campo de futebol cercado, grama nova, bancos espalhados debaixo da copa de árvores frondosas. A Praça Gertrudes Leão é bastante movimentada em minhas lembranças. Me recordo do pipoqueiro e do cheiro amanteigado que se espalhava no fim de tarde e de mulheres da comunidade, também moradoras do Pinheiro, que vendiam doces em meio aos gritos agitados das crianças.

Chegar à praça era como um respiro profundo em meio a tanta parede demolida, mas sua forma imaculada refletia o vazio, o novo som que agora configurava esse lugar: o silêncio. Mas bastou olhar ao fundo para encontrar um muro azul que gritava em súplica “O PINHEIRO PEDE SOCORRO”.

Mais alguns prédios ao redor. Em um deles firmava ereto em sua entrada um segurança. Imagina proteger um prédio vazio, uma carcaça arquitetônica sem valor algum! Ao seu lado um condomínio destruído. Cenário de guerra, com pedras e paralelepípedos amontoados em todo lugar.

Me chamou atenção uma calcinha jogada em meio às pedras e em cima das telhas, um livro brochura com capa dura e letras douradas já descascadas, revelando um manual para construção de móveis infantis, com o passo a passo de como montar cômodas, berços e cadeiras de balanço com modelos distintos. Montagem: o inverso daquela cena que eu contemplava. Destruição. Coisas deixadas para trás. Em um gesto sereno, reponho o livro cuidadosamente no local encontrado. Cuidadosamente deixado em um espaço abruptamente arruinado. Adiante o mato crescia, tomava conta, quase me impedia de atravessar, e ao chegar ao centro cercado pelos olhares vazios dos prédios, me deparo com uma piscina de água escura, coberta de lodo, sujeira, escombros e restos – chinelos, armários, pedaços do que viveu aquele lugar. Parecia vazio, por não haver vivacidade, mas estava repleto de memórias.

Sigo em linha reta. Ao alto, a fachada do prédio deteriorado pedia em pixinho “JUSTIÇA”. Um cheiro forte me invadiu. Um odor azedo, podre. Alguns metros à frente o corpo de um animal morto em decomposição jogado na calçada. O muro que o intercede escreve “MINHA CASA”. Como explicar o contraste daquilo que me causa repulsa, diante de palavras que me lembram acolhimento?

Afasto-me até que o embrulho em meu estômago possa cessar. Avisto uma rua predominantemente residencial. Casas com muros vedados, exibindo marcas vermelhas de números e letras garrafais delimitados pelos órgãos públicos responsáveis pela segurança daquele lugar. Lares que hoje são números em série, demarcações. Adiante, uma casa me chama atenção. Um grande buraco na parede de concreto, revestindo o que um dia se fez um portão de entrada. Foi um chamado para uma nova e triste descoberta.

Meu corpo se esgueira por entre o buraco, e ao atravessar, meus pés tocam um denso e alto mato que se espalhava por todo o jardim da casa. Gatos escondidos se assustam com minha presença e fogem por entre os muros.

Por vezes penso que não estou mais na cidade, que atravessei um buraco e estou vivendo em uma realidade paralela, como Alice. Nem de longe aquele lugar se conecta com minhas memórias de infância. Adentrando a casa uma parede demolida revela o que um dia abrigou alguma criança. Na parede que restou, marcas de pequeninas mãos pintadas com tintas azuis e verdes. O teto ainda destacava uma bonita pintura floral.

Esse processo de desvendar o que um dia se fez verdade naquele lugar virou um processo mental e automático. Observar as cores, as disposições dos cômodos, os revestimentos, as marcas e principalmente os restos, esses fragmentos deixados para trás, o que um dia foi mobília, decoração, objeto utilitário. Seria possível caracterizar esse espaço casa a partir daquilo que ficou? Percebendo vida nestes restos, consegui vê-los carregados de sentido.

Retornando ao processo de visita, adentro mais uma casa. Nessa, os ambientes pareciam muito amplos e espaçosos, mas se via grandes rachaduras espalhadas, além de mais marcas de mãos revestindo a parede, algumas, dessa vez, maiores, como mãos de adulto que participou do processo junto aos filhos. As frestas nas paredes me trouxeram medo. Cercada por mato e paredes rachadas, resolvi voltar para a rua e olhar outros caminhos.

Ao sair, piso em um livro com desenhos infantis intitulado Planeta Vivo. Vida. Existe vida naquele lugar?

Sigo adiante. Mais casas. Algumas destelhadas, destroçadas, entulhadas. O cenário de destruição parecia não mudar. Alguns carros percorriam em alta velocidade pela rua principal, como se fosse necessário fugir para não passar muito tempo naquele lugar. No meio de casas vazias, sem ninguém ao redor, uma padaria estava aberta, com vários sacos de pães devidamente organizados sobre o balcão. Um senhor estava sentado, dormindo com as pernas para cima. A quem servia aquele lugar? Resistência e persistência.

Continuo a caminhada sob o calor intenso. Ao fim da rua o muro de uma antiga loja de alimentos. Recordo do sabor doce do melhor bolo de chocolate da infância. De fato, a loja havia fechado há muitos anos, e aquele imóvel nunca havia sido vendido. O letreiro estampado nas paredes da fachada em vermelho contrastava com o amarelo do muro que com o tempo foi sendo apagado por ações de intempéries. Ainda era possível ver seu nome presente – Produtos do sítio. Sempre comentava, ao transitar na região, como era esquisito ver uma casa aparentemente abandonada no meio de um espaço com tanta vitalidade. Hoje, o letreiro vermelho quase ilegível da loja, se tornou o elemento com maior vigor dentre uma rua com muros quebrados e tijolos acinzentados obstruindo o que um dia eram as portas de entrada.

Adentrei em uma região onde minha lembrança alcançava movimentação intensa, fluxo de pessoas, carros, comércios locais. Os prédios de três pavimentos abrigavam um grande número de moradores da região. Eram antigos, e por vezes com fachada de pintura desgastada de cores semelhantes - um amarelo suave, que às vezes eram intercalados por listras de cores mais intensas - mas com o tempo, davam lugar a tons desbotados. Dobro a esquina e avisto o conhecido Mercadinho Pilar, que começou modesto, como um hortifruti local, mas que com o tempo tomou espaço e chegou a ser conhecido como um supermercado.

Mas não era o local que eu recordava. Tinha algo diferente, e apesar do mercado ao fundo, a imagem da minha memória não se cruzava com a imagem daquele instante. Existia um vazio. Um grande terreno margeava o lugar com gradis de ferro interceptando a passagem. Um grande conjunto de apartamentos havia sido implodido, restando apenas uma areia cor caramelo que cobria todo o lugar.

“Quando começou a questão do Pinheiro e a gente já tava na zona vermelha, já era zona de risco. [já começaram a procurar quando perceberam que já estavam na zona de risco], mas eu lembro de um momento que foi bem forte pra mim, que foi quando a gente já entregou pra Braskem a casa e no outro dia assim a minha mãe falou que queria passar por lá, e quando a gente passou tinha assim um monte de gente na frente, umas carroças, um monte de gente dentro da casa e minha mãe falou assim pro meu pai “vai lá, eles estão dentro da nossa casa!!!” e a gente teve que falar assim “mãe, não é mais da gente, a gente já não é mais dono da casa”, mas é muito estranho ver um monte de pessoas que você não sabe quem é, circulando assim na sua casa, onde você viveu toda a sua história assim... foi muito forte.”

“Eu fico muito triste, é como se tivesse apagado uma parte da história da gente, sabe...”

“era muito estranho porque todo dia... todo dia que a gente chegava a gente falava ‘fulano mudou hoje, fulana vai mudar a manhã’ e a pensava que tava mesmo acontecendo.

“A gente decidiu que ia assim [ver a casa], e lá tinha um centro espírita e a gente costumava ir lá e da rua ele foi o último espaço a sair. E aí a gente foi lá pra pegar algumas coisas no centro e minha mãe quis ir olhar a casa. E foi muito estranho, o mato já tava assim bem alto, e a gente ficou bem impressionado como cresceu tão rápido.”

[pergunto como foi o reencontro com a casa e a mãe dela ao fundo, ouvindo nossa entrevista, responde “muito triste...”] “foi muito triste [olha pra mãe] [convido ela pra participar da conversa e ela responde, “vou não se não vou ficar chorando”] muito triste a gente vê que tinha tudo... tudo tava destruído e não tinha volta, não tem conserto...”

“não digo um luto, porque ninguém morreu, mas você fica triste, bastante mesmo de chorar. E ver aquilo ali, tão bonito construído, muitos tiveram que tirar toda a estrutura porque não ia deixar... você sente mesmo. É triste de verdade, de sentir mesmo!”

Figura 11



Figura 12



Figura 13



Chauí (1994) nos fala que:

“Nada mais pungente [...] do que a frase dezenas de vezes repetida pelos recordadores: ‘já não existe mais’. Essa frase dilacera as lembranças como um punhal e, cheios de temor, ficamos esperando que cada um dos lembradores não realize o projeto de buscar uma rua, uma casa, uma árvore guardada na memória, pois sabemos que não irão encontrá-las nesta cidade.” (idem., p.19)

Eu conhecia pessoas que moravam ali, e mesmo que hoje já não façam parte do meu dia a dia, elas um dia o fizeram. Na época da escola o transporte escolar atravessava a região e esperava os alunos fardados adentrarem nos prédios. Por onde andariam agora?

Apesar do grande impacto visual e emocional neste momento, não pude deixar de perceber como o Pilar estava funcionando com tantos entregadores. De certa forma, o espaço, isoladamente, parecia mostrar grande vitalidade, e de fato ouvi muitos colegas, moradores da região informarem o apelo do seu dono em resistir - o mercadinho, se é fonte do sustento de sua família. Na outra esquina, outros conjuntos de apartamentos, ainda de pé, mas totalmente vazios. Na fachada, contrastando com os grandes buracos das janelas arrancadas, uma colagem em tamanho real - a marca do projeto “A gente foi feliz aqui”²⁶, mostrando os rostos de antigos moradores e a lembrança de quem um dia contemplava de uma janela, o movimento de um Pinheiro vivo.

Continuo caminhando sem rumo, até descansar sob a sombra das árvores na praça Menino Jesus de Praga. É impressionante a ausência de pedestres. Essa praça era um símbolo de vitalidade no Pinheiro, e principalmente próximo ao horário do almoço, onde muitas barraquinhas e food trucks tradicionais da região vendiam lanches e acomodavam um grande número de pessoas no local. À noite, era comum a movimentação em barracas de churrasquinho e acarajé, onde as pessoas marcavam encontros e viravam noites conversando acomodados nos bancos de cimento da praça. Na minha adolescência, aos meus 18 anos de idade, tive um namoradinho que morava em uma casa bem próximo dali. Aquele lugar era nosso ponto de encontro, e era bonito perceber que, mesmo à noite, na região central de um bairro, em uma capital como Maceió, as pessoas podiam circular tranquilamente, e conhecer umas às outras a cada esquina. Hoje, não resta mais ninguém.

²⁶ Projeto visual de Paulo Accioly, que será abordado ainda nesta pesquisa.

Adiante, avistei um senhor com muitas sacolas em suas mãos, caminhando em minha direção. Ao cruzar meu caminho observou meu caderno de anotações e se aproximou, dando início a uma breve conversa. Questionou se eu era moradora e em seguida começou a relatar sua relação com o bairro. Não revelando seu nome, disse que morou no Pinheiro e que trabalhava como jardineiro nas casas de famílias mais abastadas da região. Durante o relato, sua voz emocionada às vezes falhava. “Perdi tudo, minha filha. Acabo de receber o meu último pagamento na casa da dona Cleide, depois disso, acabou.” Sem casa, sem trabalho, sem rumo. Ainda emocionado, apontou para uma grande casa no fim da rua e disse que trabalhou para o dono por muito tempo. “Ele adoeceu. Era um senhor bem velhinho já, sabe. Não aguentou isso tudo. Tá bem doente mesmo, minha filha”.

Foi difícil ouvir aquilo e pensar que era um discurso que seria tão recorrente. O quanto se perde quando se destrói uma casa? E um bairro? E cinco deles?

Vejo o jardineiro partir e continuo minha caminhada. Está vazio ao redor, vazio aqui dentro. Uma casa me chama atenção, quando ao fundo, na parede de pedra que margeava a piscina, se fazia possível ver, mesmo por detrás do portão de ferro, as palavras em tinta preta “FORA BRASKEM”. Atônita, paro em frente e fico observando os detalhes. Parecia uma bela casa, com acabamentos em madeira e pedras naturais.

Escuto um carro se aproximando. Era um colega da região. Arthur morou no Pinheiro, como ele gosta de lembrar “durante minha vida toda”. Ofereceu carona e me convidou a perpassar por outras ruas, dessa vez de carro. Seguimos agora vendo tudo desfilar depressa pela janela. O cenário se repetia. Via rostos nessas casas. Além da pareidolia que se formava nessas casas sem janelas, eu só pensava, constantemente, naquilo que elas abrigavam.

Algumas regiões me deixavam extremamente assustada, pois era possível encontrar uma sujeira maior nas ruas - devido aos escombros das residências -, e uma quantidade muito grande de pombos que circulavam em cada trecho em busca de resto de alimento ou provavelmente insetos como baratas que agora começavam a habitar mais livremente aquele espaço. É confuso pensar que com a saída das pessoas outras formas de vida foram se espalhando por ali. O mato cresceu e as plantas dos antigos jardins das próprias casas já alcançavam os muros livremente, sem poda, sem limites. De fato, muitos animais foram abandonados e agora buscavam formas de sobreviver em meio a essa natureza insólita que disputava espaço com os restos, os pedaços de casa, fragmentos de memória. Como

destaca Simmel (2005), está é a “vingança da natureza”, transformando esse espaço arruinado em um elemento de melancolia.

Ver a natureza se apoderar do lugar, criando suas formas ao redor das brechas, das rachaduras. Construindo relações com a materialidade, fornecendo novos sentidos, surgindo nos lugares mais improváveis. Seria essa é a verdadeira sedução desse lugar arruinado? Aquilo que ainda persiste? “o que constitui a sedução da ruína é que nela uma obra humana é afinal percebida como um produto da natureza” (Ibid., p.137), se apoderando desse lugar e desse direito que a pertence), “há por trás de cada fenômeno singular, de cada impulso singular algo que continua a existir”. (Ibid., p.140) Me questionava a cada fotografia sobre sua dubiedade. Questionava, inclusive, a moralidade em ver algo belo nesses registros dolorosos. Essa natureza se apossando, invadindo.

Após atravessar muitas ruas, chegamos em um local onde era possível ver um grande tapume metálico da Braskem. Em sua base surgiam plantinhas verdes pintadas – quanta ironia! Essa região formava uma divisa com o bairro do Mutange, e já era possível perceber a mudança no padrão construtivo, além de ruas mais estreitas e o maior número de lixo e entulho, dificultando até mesmo a passagem de carros. O colega comenta assustado sobre as mudanças, revelando que caminhou na mesma rua duas semanas atrás e ainda havia uma dinâmica, pessoas circulando, habitando os espaços. “Agora não sobrou mais nada!”

Em outro trecho, encontramos o tapume de ferro deslocado revelando uma ruela estreita com diversas casas, lembrando um vilarejo. Desço do carro e adentro a rua, vendo que nada mais restava por ali, além de paredes e pilares entrecortados, com vigas e estruturas de ferro aparecendo. Mais à frente, uma grande surpresa. Era possível ver a paisagem ao fundo se revelando nos grandes buracos do que um dia se fez presente uma janela com uma bela vista. A lagoa brilhava ao longe. À frente de suas margens via-se uma equipe da Braskem trabalhando com grandes maquinários.

Ao olhar abaixo da janela, a visão do morro com diversas habitações sem telhados, parecendo uma grande maquete em planta baixa de tamanho real. Era possível perceber todos os espaços que um dia foram ambientes habitados por famílias, que viviam naquele lugar. Imaginar pessoas circulando por entre os cômodos, diálogos, vivências, emoções, gestos. Hoje se sobram restos.

"A Braskem tá acabando com Maceió! Você imagina a tristeza de tirar esse povo todo de casa! Eu só vejo os depoimentos de tristeza. É revoltante. Eu passei lá no Pinheiro pra ir na missa e tinha uma casa ocupada, lá perto. Aí eu parei pra conversar. E eles disseram que não iam sair de jeito nenhum, que a casa deles não tem nada!! E o vizinho, o vizinho que eu conhecia muito, e é uma casa enorme, tem três andares. E a filha dele morreu, e ele disse que não sai de lá!"

"você agora vai ver uma casa triste, abandonada, como fecharam as portas, com mato, o mato cobrindo..."

"Demoramos um bocado (pra construir) e pra desmanchar foi rápido. Pra deixar selada... e já foi... fechada né. Já fui muitas vezes lá... bate uma tristeza. Mas agora, Karina, tenho a impressão que eu tô adormecida, assim, como se tivessem colocado um bálsamo...meio anestesiada... eu sei que é Deus, pra gente aguentar"

"É muito triste, é tipo assim, é uma coisa que eu nunca pensei que fosse acontecer, sabe, porque sempre teve lá, e nesse de sempre estar lá, a gente nunca pensa que não vai estar. Então é um sentimento de impotência, de tristeza, tipo, não é culpa nossa, mas a gente se pergunta de será que tem alguma coisa diferente que a gente poderia ter feito antes disso, sabe. Sei lá... não sei. Essencialmente sentimentos ruins e tristes."

" Foi muito difícil, muito triste. Eu lembro de ver várias vezes a minha mãe chorando porque, coincidiu com a piora do meu avô né, então assim, era ... o pior momento possível pra ter qualquer outro tipo de problema, e foi terrível, foi muito, muito, muito triste, eu tive que segurar as pontas assim na casa, e tentar, tipo... conversar com minha mãe, ver o que ela tava sentindo, e tipo, foi muito tenso. Eu diria que foi uma das piores situações familiares que eu já passei. E olhe que eu já passei por situações bem estranhas na minha família."

Figura 14



Figura 15



Figura 16



Acredito na poética do espaço de Bachelard (1957) que nos faz perceber que, ao perder sua funcionalidade a casa não perde seu sentido, pois diante dessa compreensão, esta se constrói como um espaço de sonhos e de lembranças. Percebe-se que na cidade, esses lugares esvaziados já não possuem mais valor. O quanto ainda se fala sobre esse buraco? O vazio ao meio de Maceió? Aqueles que não foram atingidos direta ou indiretamente, talvez já tenham esquecido. Tornou-se ruína, perdeu seu valor social. No entanto, faço o exercício de buscar nessas casas um olhar, por vezes, arqueológico. Escavar em seus restos uma possibilidade memorial. As casas para sempre perdidas também vivem em nós, e é desta forma “que se mantivermos o sonho na memória, se ultrapassarmos a coleção das lembranças precisas, a casa perdida na noite dos tempos sai da sombra, parte por parte. Nada fazemos para reorganizá-la. Seu ser se reconstitui a partir de sua intimidade, na doçura e na imprecisão da vida interior” (Ibid., p.171).

OUTROS PASSOS

Retomei esses caminhos. Apesar de ser sempre na mesma cidade, esses percursos que tomava até o Pinheiro me pareciam uma grande viagem. Era como um buraco negro, onde atravessava o trânsito intenso, barulho de cidade, burburinhos, cheiros e gente na principal avenida da cidade e depois cruzava um outro universo, do silêncio, da desocupação, de outros seres habitantes, mas também desabitantes, vazios.

Busquei, por vezes, percorrer os mesmos lugares das primeiras visitas, na tentativa de registrar esses espaços através de fotografias, utilizando meu olhar atrás da lente de uma câmera, resgatando os detalhes que marcaram minha mente e que ainda me faziam pensar sobre o caso durante tanto tempo. Lembro que em minha segunda visita já era possível ver que as casas que consegui adentrar, com os buracos em forma de porta de entrada, já haviam sido novamente vedadas com tijolos de concreto.

Era visível que um novo revestimento havia sido colocado, pois a cor do concreto contrastava com a base mais antiga e desgastada. Senti um pouco de frustração, pois ainda conseguia lembrar de todas as casas do caminho e dos detalhes que ficaram em minha memória, mas não foram registrados em fotografias. O que será que eu encontraria nesse novo caminhar?

Percorro em novos rumos, novas ruas, talvez numa tentativa de encontrar pessoas, moradores resistentes, rastros permanentes. Fui sentindo a solidão desse campo, nos percursos vazios, só me restava imaginar aquilo que um dia poderia ter sido.

Avistei uma grande casa. O vão da porta parecia ter sido retirado recentemente, ainda tinha um pouco da estrutura do alizar, quebradiço, desgastado. Através do vão, com meu corpo ainda sobre a calçada, observo em seu interior o pilar na varanda elevada. Uma mensagem me convidou para entrar “Aqui deixo parte da minha história. 30 anos”

A casa estava coberta de entulhos e galhos de plantas retorcidos na varanda. No outro pilar, mais uma mensagem: “Obrigada, Meu Deus, por tudo que aqui vivi”. A porta de entrada estava com muitas pedras ao redor, tive dificuldades de acessar o interior da casa. Diferente das outras que eu visitei anteriormente, nesta os vãos de janelas haviam sido fechados, deixando seu interior bastante escuro. O entulho se misturava com alguns móveis, espelhos quebrados e objetos deixados para trás. Restos. Relembrar Bachelard e o sentido da memória espacializada. “É no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem especializadas.” (1957, p.203) Como diria Calvino (2004, p.49), “abandonada antes ou depois de ser habitada, não se pode dizer que [...] seja deserta”.

Presença na ausência. Me senti como o velho senhor em “A casa dos pequenos cubinhos”²⁷ (2008), mergulhando fundo nas profundezas de sua memória. De certo, reconstruí cada casa a partir daquilo que me constrói – uso minhas referências de lar, de abrigo e remonto cada um desses espaços diante dos seus fragmentos – e dos meus.

Na grande parede da sala, muitas mensagens e desenhos foram deixados por toda a família, como marcas de um adeus. Era possível identificar desenhos infantis e mais escritos saudosos. O cheiro forte de poeira predominava e a quantidade de escombros dificultava a locomoção. Fiquei alguns momentos observando a grande sala escura, vazia, mas cheia de restos. Não foi possível percorrer outros ambientes da casa, voltei até a rua principal refletindo sobre o que faz aquelas pessoas que habitavam a casa deixar tanta coisa para trás?

²⁷ A Casa de Pequenos Cubinhos (La Maison en Petits Cubes) curta metragem japonês produzido por Kunio Kato em 2008, Vencedor do Oscar de Melhor Curta de Animação em 2009. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9KM7TrJ2CHw>, Acesso em: 30 de agosto de 2022

"primeiro saiu o jardim acácia e tal, e depois saiu uma que morava junto do prédio, mas ela viajava muito pro interior, que ela tinha outra casa lá, aí passou um tempo e quando voltou ela saiu de vez. E as outras vizinhas coladas, saíram depois da gente [...] foi muita tristeza ver, a gente ia vendo sair e ia contando. Mesmo a gente sabendo que eles iam sair, foi muito desespero, é o medo que toma conta da gente, misturado com tristeza. A gente nem se despediu. Não aguentamos. (não se despediu dos vizinhos). Conversou antes né, mas no dia quando via lá o caminhão... e depois só falando no zap.

Quando a gente passava e via "aqui morava Seu Teixeira, aqui morava Fátima, aqui morava Ilane",
entendeu?"

"Demoramos um bocado (pra construir) e pra desmanchar foi rápido. Pra deixar selada... e já foi... fechada né. Já fui muitas vezes lá... bate uma tristeza. Mas agora, Karina, tenho a impressão que eu tô adormecida, assim, como se tivessem colocado um bálsamo... meio anestesiada... eu sei que é Deus, pra gente aguentar"

"Às vezes eu choro. Chorei no dia 23 de outubro, na vinda. E do nada assim, é como se eles tivessem tirando assim umas galinhas que desse pra botar em outro lugar. Você não imagina o que bate em mim... Tem horas que não tenho nem desejo de limpar, de ajeitar, porque agora final de setembro já termina meu contrato e ou a gente sai ou... não é fácil, não é fácil. Toda família morava lá, e com o tempo, quando foram casando, só restou 2 irmãos. Mas a casa continuou sendo espaço de acolhimento."

"Participei de tudo, desde os preparativos, colocando nas caixas, até a mudança. Eles prometeram dois carros, que um ia pra barra e outro pra Jatiúca. Foi doloroso. Ainda teve a pandemia, e não deu pra reunir todo mundo. Foi um momento assim de tristeza, eu fui chorando. Mas era aquele entre e sai do pessoal da Braskem, como se fosse um terreno onde cada um pegasse uma vassoura. É uma coisa tão rápida que parece que eles estão arrancando algo da gente, Karina. Como se a gente fosse uma árvore e eles fossem arrancando assim, nossas folhas. Uma casa que a gente lutou, tantos momentos, e fica tudo ali arraigado, não é no cimento, não é o apego ao material, mas é o apego ao que tudo aquilo representou pra gente. É uma vida assim que ninguém consegue arrancar... e eu não sei o que vão fazer daquilo."



Figura 17

Figura 18



Figura 19

A SE PERGUNTA
DE QUEM É
CULPA!

Figura 20

BRAS KEM
CHATA @ INO

O tom amarelado das paredes se confundia com um pó caramelo de madeira misturado com a poeira que cobria todo o piso, desde a garagem, na frente da casa, até os outros cômodos internos. Atravessei a sala de estar vazia e me deparei com um pequeno cômodo, onde móveis planejados ainda estavam lá. Era um escritório, com grandes estantes em madeira maciça, onde algumas prateleiras estavam um pouco derrubadas. No armário embaixo da escrivaninha, as portas estavam penduradas por uma única dobradiça - talvez já estivessem assim posteriormente, talvez o descontentamento durante a mudança tivesse causado esses pequenos incidentes. Questionava sobre a razão de tudo. Queria entender o que era ação do tempo e o que se dilacerou diante da tragédia.

Ao fundo, um grande buraco, onde um dia era possível ter um janelão, iluminava o ambiente. O corredor, na lateral da casa, proporcionava uma vista para o que um dia deveria ter sido um jardim bem cuidado de plantas com folhas largas, que agora dividem espaço com ervas daninhas. Dividindo parede com o escritório, uma outra sala também iluminada pelo extenso corredor lateral. Apesar da ausência de móveis, no chão, aberto como se propositalmente, uma grande folha vegetal no formato A1 se misturava ao pó caramelo do chão e a transparência do papel fazia suas linhas se destacarem - uma grande planta baixa datada de 1990, feita precisamente com caneta nanquim. De início achei que poderia ser a planta baixa da própria casa, mas analisando melhor, vi que se tratava de um espaço muito diferente. No canto esquerdo a constatação - Santa Casa de Misericórdia de Maceió. Tratava-se da planta baixa de um dos pavimentos do hospital. Quem morava aqui? Um arquiteto? Um possível médico que participou da construção naquele tempo? Perguntas, que por certo, não encontraria respostas.

Aquele material me pareceu importante de ser guardado. Dobrei delicadamente tentando colocar na pequena mochila que carregava. Ao lado da sala, um outro ambiente estava repleto de livros antigos, alguns infantis, outros clássicos da literatura brasileira, jogados no chão empoeirado e pendurados no grande armário de madeira embutido na parede, onde as prateleiras, assim como as do escritório, estava desmoronando aos poucos. Alguns me chamaram atenção, devido ao contraste do título com o momento em que aquele ambiente se encontrava - “Inocência”; “Vive tua vida!” Como? Além de materiais escolares de alguma criança, com atividades provavelmente feitas em casa, com letras de um adulto que questionava “Coloque o nome das partes da planta” e um desenho infantil com letras garrafais que respondia detalhadamente a cada uma das setinhas

apontadas e corrigidas pelo adulto dedicado que possivelmente ajudou a construir aquela atividade - talvez a mãe, a professora da escola? Essas relações de intimidade, como se eu conseguisse, através daqueles objetos, projetar a família que um dia residiu naquela casa.

Tudo se fazia como uma verdadeira trama de casas, escombros e restos. Eu imaginava que tudo ali estava em iminência de desaparecer rapidamente, lugares condenados por interesses ordinários. Meu olhar buscava extrair algum resquício do que um dia existiu. Por vezes me questionava sobre o meu olhar, pois ver pedaços desses elementos que um dia compunha o habitar era como um respiro em meio aquilo que desabava ao redor. Era como se visse “a beleza misteriosa no que é fugidio” (PEIXOTO, 1998, p. 230). Ali, de fato, nada era belo, mas reconstruir em meu imaginário aquilo que um dia poderia ter sido, de uma forma estranha, me acalentava.

RE-CAMINHO

Em um espaço com muitas transformações em tão pouco tempo. É bastante confuso observar determinada rua e suas dinâmicas e pouco tempo depois, tudo aquilo já nem existir mais. Me lembrou do relato de Arthur (o amigo que me acompanhou o primeiro campo), sobre as mudanças nas ruas. Isso convoca as minhas relações, ou melhor dizendo, as relações humanas diante do tempo e sobre o fato de que, apesar de entendermos a impermanência (ou ao menos tentarmos entender), ver o conhecido “caso Pinheiro” nos afeta profundamente por ser antinatural. Não foi possível ver as casas se deteriorando, as estruturas sendo esfaceladas e as dobradiças enferrujadas pouco a pouco. Foi abrupto e voraz. O Pinheiro foi apagado.

Minha visita no mês de fevereiro foi bastante intensa, pois consegui adentrar em novos espaços e ter uma percepção diferente de alguns lugares que se faziam presentes na minha memória. Mais uma vez contei com a ajuda de um grande amigo, Ricardo, que aceitou me acompanhar devido a curiosidade latente que, acredito eu, seja o de muitos moradores da cidade.

Fomos de carro até o bairro e pedi para meu acompanhante estacionar na antiga rua Belo Horizonte. Essa avenida é uma das principais ruas do bairro e por muitos anos participou

da minha história, concentrando um grande número de estabelecimentos comerciais e sendo via de ligação para ruas residenciais onde moravam amigos próximos. Foi interessante perceber uma linha de apagamento existente ao centro dela, onde de um lado era possível encontrar muitos estabelecimentos fechados e vedados pelos já conhecidos tijolos de concreto e as marcações numéricas da Braskem, e do outro, grande movimento comercial, fluxo intenso de pessoas e carros. Era uma linha invisível de silenciamento.

Decidimos fazer todo o percurso a pé até o fim da tarde - e é importante aqui destacar que essa visita foi feita, pela primeira vez, no início da tarde, pois queria perceber se existia diferença no fluxo de pessoas, nas dinâmicas ainda existentes na região. Era até estranho entender como essas ruas se cruzavam, porque era possível vermos o vazio. Não havia ninguém circulando e o único som possível de ser ouvido eram os motores dos carros passando ao fundo na rua principal. Era como entrar em um portal de memórias e silêncios.

Poucos passos adiante, era possível ver um grande muro - do que seria uma grande casa -, com o espaço da porta principal revelando um grande terraço interior. Adentramos em nossa primeira história do dia. Ricardo ficou impressionado - e confesso que eu também -, com o tamanho da área externa da casa. Um imenso jardim, com árvores e um frondoso canteiro que cobria cada canto dos muros ao redor, além de uma mesa com banquinhos de concreto que se refugiavam sob a sombra da copa das árvores. A casa era realmente grande, pois o que antes parecia dar lugar a uma sala de estar, possuía duas grandes aberturas, onde ainda era possível ver os trilhos de uma grande porta de correr - e imagino que deveria ter um material transparente, talvez portas de vidro, permitindo a visibilidade do que havia sido um frondoso jardim.

Essa grande sala possuía um espelho de vidro que estava totalmente quebrado, com pedaços espalhados pelo piso da casa - e devo ressaltar que o piso nos pareceu novo e muito bem cuidado. Um porcelanato branco e que apesar da sujeira dos restos, ainda refletia um brilho intenso. Além da sujeira aparente, uma grande poça de água, provavelmente de chuva, se formava ao redor da sala. Conectada a um novo espaço, que presumo ser a sala de jantar - que também fazia ligação com uma cozinha -, era possível ver o que um dia foi um belo jardim de inverno. Uma grande parte das plantas existentes haviam sido retiradas - provavelmente durante a mudança -, pois ainda restavam raízes espalhadas e as frestas de uma pequena abertura superior, encontrava-se retorcida por

galhos e cipós espessos de algumas plantas que foram deixadas para trás e buscavam resistir, buscando um pouco de luz.

Voltamos em direção à sala de jantar e encontrei um novo corredor lateral, dessa vez fazendo ligação com a cozinha. Este nos levava até uma área nos fundos da casa, com mais um quarto e um pequeno banheiro, que seria uma dependência para funcionários. A casa, ao contrário do que costumava perceber em muitas visitas, estava sem móveis ou restos de materiais deixados para trás, mas foi nesse quintal, ao fundo, que o corredor destacava o escrito “Deus é tudo” e bem ao longe, a imagem de Jesus na Última Ceia, reprodução da obra de Da Vinci na parede branca e azulejada da antiga lavanderia.

Decidimos continuar nossa caminhada e voltamos para a área externa da casa, o grande jardim. Por alguns segundos parei defronte as árvores pensando em todo o processo de campo que eu estava vivendo, quando Ricardo chamou minha atenção: “Olha, Ka, é um pinheiro no Pinheiro”. Em um pequeno jardim na lateral da casa, um grande pinheiro balançava sua copa junto ao vento. Lembrei-me da minha infância, da casa onde vivi por tantos anos e do pinheiro frondoso, que para mim, como já dito, era a marca daquele bairro.

Seguimos. Nessa região era possível caminhar no meio das faixas de rolamento sem nenhum perigo. Não havia nenhum veículo circulando e todas as casas estavam vazias e silenciadas. Mesmo com a vedação, meu olhar sempre buscava encontrar alguma fresta no muro, qualquer tipo de buraco em que fosse possível espreitar o olhar e captar alguma “voz”. Em uma delas, a fresta me apresentou uma grande casa com plantas de galhos secos, restos de demolição espalhados no chão, e um gatinho deitado em meio a tudo, me olhando por entre aquele pequeno buraco na parede. Seja os gatos, cachorros, pássaros, baratas, cupins, outras formas de vida estavam se apropriando daquele lugar.

Cruzando uma nova rua, avistamos alguns moradores conversando na porta de uma casa. A família provavelmente estava se despedindo de uma visita que em meio a conversas se encaminhava até o carro estacionado na porta. Ao lado desta, o sol poente iluminava uma casa de muro baixo pintada de um amarelo intenso e vazia, quebrada, repleta de restos. A casa ainda possuía um grande número de entulho por todos os cômodos, sendo até difícil caminhar. Não encontramos móveis, ou objetos pessoais além de alguns CD's espalhados entre os restos. No cômodo que um dia deu lugar a cozinha, azulejos com desenhos de uma bandeja com frutas em tons de ocre estavam quebrados em múltiplos

pedaços pelo chão. Em um gesto rápido, coloquei esse resto em minha mochila - aquele azulejo me fez rememorar o que um dia revestiu as paredes da minha cozinha no Pinheiro. Seria essa a força desses restos, dessas, se assim poderíamos chamar, ruínas? “Nesta possibilidade de fazer aflorar o passado no presente, através destes escombros que resistem ao tempo (...) essas coisas aparentemente mortas são atravessadas por um rumor interior.” (PEIXOTO, 1998 p.238).

Ouvimos um barulho na frente da casa e ao chegarmos no espaço da garagem, a mesma mulher que se despedia dos visitantes, erguia uma grande escada de madeira na fachada frontal. Tentei uma conversa e ela nos informou que aquela casa fora de sua irmã e a mudança tinha ocorrido 3 dias antes da nossa visita. “Ela saiu porque quis, né? Eu moro aqui do lado e não vou sair de jeito nenhum! Não vou perder minha casa, não vou perder meu patrimônio pra Braskem. Já pensou minha filha? Aí a pessoa sai e não recebe nada e quando vai receber tem que aceitar qualquer coisa? Não vou! Isso aqui é tudo o que eu tenho! Não posso entregar assim não. Minha irmã que é besta. (...) Eu tô aqui tirando as telhas dela, porque tem que tirar, né? [retirava e empilhava um a um]” Questionei: “A senhora é a única moradora que restou nessa rua?” e ela com um tom de voz irritado comentou: “Já pensou? Todo mundo correu com medo! Aqui nessa rua não tem uma casa com rachadura, não teve nada com problema de nada! Pois o povo saiu ou porque tem muito dinheiro, né? pra sair comprando outra casa por aí, ou porque é burro mesmo! Isso é pra jornal né? Não bote no jornal não, minha filha!” Expliquei o propósito da minha visita, mas sua desconfiança impediu que eu registrasse seu nome. Apesar disso, me concedeu permissão para continuar fotografando “Pode tirar mais foto viu? fique à vontade!” Aquele tom cordial de quem recebe uma visita me fez refletir, como se sentir bem e a vontade em meio a tanta dor?

Seguimos. Em um muro, adiante, alguns gradis de ferro espalhados circulavam uma casa. A fachada principal estava repleta de móveis, janelas e portas. Ao apontar a câmera e tentar um registro, um homem apareceu e me impediu. “Não posso deixar não fotografar, só com o patrão!” Pedi desculpas pelo inconveniente e segui em caminhada. Mesmo tentando buscar um ângulo mais distante, percebi que o homem me acompanhava com o olhar, de forma intimidadora. Não fotografei. Ao longe ainda avistei no muro dessa mesma casa a frase de uma música de um dos meus cantores brasileiros preferidos: “Na parede da memória essa lembrança é o quadro que dói mais”.

"Eu não desejo isso pra ninguém. É o nosso sonho, o sonho da nossa casa, da casa própria que virou um pesadelo. E um bairro que era tão bom de se viver e hoje se encontra abandonado. É uma dor no coração. É muito triste,"

"Uma situação é de horror, mesmo. De espanto E o vínculo que a gente tinha com os nossos vizinhos, esse trauma aí não tem como ser reparado. Cada vizinho que se mudava era uma facada no coração que a gente recebia. Eles foram saindo assim, sequencialmente em um prazo de 6 meses. É como se cada mês, um vizinho fosse embora, sabe. Até no fim a quadra ficar toda vazia, aí isso dói. E a gente que fica, pensa "será que eu vou ser o próximo.?"

"Desde o início eu gostava de sair por aí, pra olhar... fico muito impactada. Acho que o pior foi ver a vizinhança, a rua de cima, coisa de um mês saíram muito rápido. Teve gente que saiu, seu João da padaria, teve duas paradas cardíacas! E aí cada vez que eu andava tinha já uma casa a menos, e foi indo... até quando não tem mais nada..."

"Enquanto a gente não decide a gente sofre (...) e eu tenho que desapegar e não é desapegar da casa, às vezes... muita gente diz pra desapegar, mas não é desapegar da casa, é da história, é da história e isso não tem preço, não tem preço. Não tem dinheiro no mundo que pague (...) as noites que a gente não dormiu, as trovoadas que davam e você achava que ia desabar... olha, é terrível. Só sabe quem passa!"

"Quando foram saindo, você se chocava, mas era gradual, mas depois que demoliram os prédios, que ficou aquele terrenão, e eu nunca tinha tido essa perspectiva, me impactou muito!! É uma tristeza gigante!"

"Tem uma tristeza muito grande com o que aconteceu, porque é bizarro... porque imagina, todo mundo que vai morar em outro canto, ele tem uma memória de infância... e todo mundo se quiser tipo "Há, tô com 50 anos e quero ir ali ver a casa que eu morava quando tinha 12... eu não posso fazer isso mais, a gente que morava lá não existe isso mais isso, só existe na memória, nas fotos, é muito louco pensar nisso. Porque não é normal, não aconteceu com ninguém, só aconteceu com a gente em Maceió, no bairro do Pinheiro que morava ali. Você não conhece mais ninguém no Brasil todo com uma história dessa, é muito difícil. E isso é muito estranho, muito bizarro... a forma que foi..."

Figura 21



Figura 22



Figura 23



Cruzamos mais uma rua ainda deserta e avistamos um condomínio de apartamentos, com dois blocos de 12 pavimentos. A portaria não existia mais, o que facilitou nosso acesso ao seu interior. Um segurança estava sentado encostado sob um pilar. Me aproximei e pedi autorização para fotografar. Ele concedeu, mas pediu para que tivéssemos cuidado “Eu não sei como tá essa estrutura, sabe? Mas pode entrar sim, fique à vontade”.

A área externa estava totalmente limpa. O forro de gesso do piloti havia sido arrancado, mas não havia, como costumava observar, nenhum entulho no chão. Na abertura que dava acesso ao hall de entrada o cenário era diferente. O piso estava coberto de poeira e o grande buraco do que um dia foram dois elevadores, se encontrava repleto de entulho. Pensando no conselho do segurança, pensei se seria seguro subir, mas ao observar a escada de acesso, avistei alguns restos. Uma bota empoeirada no canto do patamar, um convite de aniversário infantil de Gabriel, datando 03 de novembro de 2018 no outro canto. Quais memórias eu poderia encontrar?

Subi calmamente a escada repleta de entulhos. O corredor estava quase impossível de caminhar. O forro de gesso estava despedaçado no chão e o espaço era tão estreito que era até perigoso caminhar, onde qualquer tropeço poderia nos fazer cair no fosso do elevador ao lado. Ainda assim continuei. À minha frente dois apartamentos com suas portas arrancadas e os grandes vãos das janelas ao fundo mostravam que já não restava mais nada.

O grande janelão da sala me fez avistar a vizinhança. A praça Menino Jesus de Praga estava vazia e com muito entulho. Ninguém circulava por ali. Era possível ver os fundos da igreja, além do telhado arrancados das outras casas da rua. Meu parceiro de campo falou que era melhor irmos embora. Por um instante repensei a possibilidade de subir até o último pavimento, mas a escada de acesso estava com muito entulho impedindo a passagem de forma segura. Saí do apartamento e rapidamente avistei uma porta. Ver uma porta durante essa caminhada me dava sempre a esperança de encontrar pessoas. A porta era o elemento de passagem. No Pinheiro, os caminhos eram sempre obstruídos por tijolos de cimento, mudos, ou escancarados, com grandes buracos e vãos que gritavam o seu interior.

Comentei “Será que tem gente morando no 103? Não é possível!” Caminhei pelo corredor lateral de acesso, cheio de entulhos, observei a porta, o olho mágico. Bati algumas vezes. Silêncio. Ricardo comentou “Por que você bateu? Abre!” Girei a maçaneta, mas estava

trancada. Esperei um pouco e ninguém abriu. Sem esperança de encontrar alguém resistindo naquele espaço.

Já no térreo outro segurança agora conversava com o primeiro. Me aproximei e tentei buscar algumas respostas. “Os senhores estão trabalhando de segurança aqui? Mesmo sem nada?” Um primeiro respondeu: “A gente reveza. É porque tem gente que invade, né? Aí pra não ter ninguém morando aí escondido, e pode até ser perigoso se cair tudo por aí, aí a gente tá aqui de olho”. Eu continuo com as perguntas: “E tá muito inseguro?” “Rapaz, por aqui, acho que por causa da gente de olho vem pouco, sabe? E a igreja aqui do lado ainda tem missa e tudo, aí não. Mas por aí, em outras ruas, tem muita invasão, viu? Tem gente que pula os muro pra vê se tem algo pra levar pra casa, e tem gente que quer ficar né? Quem não tem casa, vê um espaço assim coberto sobrando, aí pronto, vai logo pra lá” e eu pergunto: “E esse prédio, vai ficar assim? Os senhores sabem informar?” e eles respondem juntos “Olhe, sei não viu? Até agora não sabemos o que vai acontecer, né?” “É, a gente não sabe não. Porque os outros [condomínio Jardim Acácia] eles derrubaram tudo né?” “Ah mais o outro era menorzinho né, Zé? Esse bicho daí pra derrubar vai ser uma bagaceira só” continuo: “Ainda tem alguém morando aqui?” um deles respondeu “Não, dona! Já saiu todo mundo. Pessoal saiu no começo de 2019 não foi Zé?” “Foi! Começo de 2019”. Lembrando do convite e de que Gabriel comemorou poucos meses antes, a última festinha naquele lugar.

Saímos do prédio e continuamos a caminhada atravessando a rua da Igreja. Esta estava aparentemente fechada, com gradis de ferro percorrendo a sua volta. Na fachada lateral, era possível ver alguns corredores internos de ligação repletos de móveis, escadas de madeira e outros objetos. Não sabíamos se era uma organização para uma possível retirada, ou apenas entulhos guardados há muito tempo.

Continuamos andando. À frente era possível ver o que restou do edifício Jacarandá - apenas o muro coberto por tijolos de cimento e suas paredes num tom pastel desbotado e vazio por dentro. Dava a sensação de um prédio oco, sendo o único eco, as palavras “RESPEITO” e “JUSTIÇA” que gritavam na fachada. Em frente ao prédio, uma casa tinha em seu muro o grifo “Sonhos destruídos. Éramos felizes aqui”

Continuo. A rua em que me encontrava agora sempre foi um ponto de referência para mim, e rememoro que meu olhar sempre buscava uma casa grande e de esquina com um extenso muro de pedra e algumas frestas circulares onde era possível ver um jardim

lateral, onde as plantas perpassavam dentre o gradil e um cachorro - um vira lata de cor preta -, colocava seu focinho para ganhar algumas carícias.

Era possível ver a casa a poucos metros de mim, e em minha última caminhada pelo bairro, avistava um carro na garagem, garantindo que ainda existia moradores. Um som alto de máquina, furadeira e martelos aguçou minha curiosidade e caminhamos até a casa. De fato, o som estava vindo de lá e era possível ver através do portão de ferro, três homens trabalhando. Eles retiravam as portas e janelas de madeira.

A casa, ainda com muitas plantas, estava repleta de entulho. Os homens estavam espalhados dentre os cômodos da casa, onde um retirava a grande porta que dividia sala de estar e jantar, o outro retirava a janela, e o de aparência mais jovem ajudava no repasse de materiais. As batidas eram incessantes e mesmo com a máscara, por causa da pandemia, sentia o cheiro forte de poeira. Por todos os lados, era possível ver algumas esquadrias já retiradas, encostadas na parede - todas bem conservadas. Por um tempo fiquei observando o trabalho, refletindo sobre a casa, sobre a minha referência naquele lugar. Pensando na família, no cachorrinho e de onde poderiam estar agora.

O trabalhador que retirava a janela lateral tomava um cuidado ainda maior. A parede era revestida com um azulejo branco com detalhes florais em azul. O cuidado era tão grande que muitas peças do azulejo estavam perfeitamente colocadas no chão empoeirado e cheio de entulhos. Perguntei se ele queria preservar o material e ele disse: “Eu acho que vou vender, moça. Tão bonito, né? Já que não é de ninguém mais, vou tirar um trocadinho”. Pedi permissão para guardar um de lembrança e ele aceitou. Guardei o azulejo na bolsa, junto com o outro quebrado.

Enquanto arquiteta, reflito sobre essa subversão diante da função primária da construção. Desfazer uma casa. Arrancar cada pedacinho de revestimento, suas esquadrias, estruturas, até que venha a de fato ruir. Paradoxal. Diante desse amontoado de restos, desse lugar que se esvazia, busco vestígios de significados. A arquitetura passa a ter uma “relação emotiva com o passado, vontade que ele ocupe um lugar” (PEIXOTO, 1998, p. 252).

Figura 24



Figura 25



Figura 26



Figura 27



Figura 28



Percebi que nos outros cômodos ainda existiam móveis embutidos. Perguntei para eles se os donos pediram para retirar as coisas. “Não, moça. A gente trabalha pra uma empresa e aí eles chamam nois pra tirar tudo. Aí a empresa fica com tudinho. O que presta o pessoal vende nessas loja de coisa antiga né. É uma venda, né?” Perguntei se eles já haviam trabalhado em outras casas na região e o mais novo respondeu. “Essa empresa só fez uns três serviço, né? [perguntou ao outro], mas eu sei de gente que trabalha em outros canto que saiu comprando móvel veio por aí [risos]” “A gente vai tirar tudo! Até os vaso sanitário que tem lá por dentro. Você viu lá? Vamo tirar tudo. Aí depois o dono vai ver o que quer né? [o dono da empresa] O que ele gostar ele compra e o que não gostar joga fora ou vende pra outro canto”

Observei por mais um tempo as batidas dos martelos, as esquadrias, a luz do fim de tarde refletindo no vidro das janelas removidas no canto. Na mochila, novos azulejos recolhidos – cozinha, banheiro -, saio da casa continuando o percurso por entre as ruas.

Já era fim de tarde, então decidimos retornar ao carro e percorrer uma última vez. O caminho de volta foi rápido e as batidas do martelo já não se podiam mais ouvir. Só os gritos escritos nas paredes. “Aqui 336 famílias prejudicadas”. Tudo estava bem vazio, sem nenhum caminhante, apenas as casas silenciadas.

As defino como um alguém impedido de falar, como reporta-se FERREIRA (2007) as “casas mudas” que observa em sua cidade natal. Esses lugares onde suas portas e janelas foram vedados com tijolos. São “ruínas anônimas”, pois não é possível perceber, nem ao menos prospectar através de seus restos que se abrigou um dia. “Um espaço fecundo para o sonho – e para a memória.” (ibid., p.24) De uma certa forma, encaro esse processo como uma tentativa de calar aquilo que grita. Como encarar os tapumes metálicos com plantinhas desenhadas disfarçando a imensidão devastada ao redor? pois “é preciso que todos os valores tremam, um valor que não treme é um valor morto” (BACHELARD, 1957, p. 235).

Ao adentrar uma rua, onde todas as casas estavam vedadas, uma cena me chamou atenção. Havia uma senhora com aparente idade avançada, fumando na porta de casa, sentada em uma cadeira de plástico. Nada peculiar, pois esse processo de sentar na rua é bem comum nos municípios de interior e até em certos bairros residenciais de Maceió, onde os vizinhos se juntam e conversam no fim de tarde.

Olhei diversas vezes para todas as casas da rua, e a única que não apresentava sinais de destruição era a dela. Caminhei em sua direção, já percebendo seu olhar desconfiado me observando. Na porta, vários potes com água e ração alimentavam alguns gatinhos esfomeados que rondavam por ali. Dona Cecília, de início, parecia bem resistente à conversa. Falo sobre a situação do bairro e de como ficava triste vendo as casas daquela forma. Ela concordou, ainda com poucas palavras, me observando: “Você é jornalista é? Olhe, eu não quero dar entrevista pra jornalista não! Já teve um pessoal da TV da Record que veio aqui pra falar comigo e eu disse que não queria, porque se fosse pra falar sobre o Pinheiro eu ia esculhambar todo mundo. Essa empresa safada, esses políticos tudo safado também! É um descaso, um absurdo, minha filha!” Me agachei ficando quase da sua altura sentada na cadeira e expliquei que não era jornalista. Falei que era arquiteta, pesquisadora, mas antes de tudo, uma antiga moradora.

Nesse momento senti que ela ficou confortável em desabafar comigo. Não me permitiu fotografá-la e falou que não seria possível entrar em sua casa por causa da pandemia, mas continuou a conversa de forma descontraída.

“A senhora não tem medo de ficar nessa rua sozinha não? Percorremos quase todas as quadras próximas à casa da senhora e não tem ninguém!”

“Eu tinha um pouquinho, sabe? Aí meus filhos vieram pra cá morar comigo, porque eu disse que não ia sair de jeito nenhum! Eu não vou sair, não vou deixar minha casa!”

“A senhora mora aqui há muito tempo?”

“Moro sim! Conhecía todos os vizinhos, todos mesmos! Tinha uns que não era de conversar muito não, sabe. Caladinhos, dava só um tchau [risos], mas conhecía todos. Até os mais novos. Essa outra casa aqui [apontou para a casa ao lado, agora à direita de sua casa] tinha comprado a casa há pouco tempo. E foi triste viu? Porque fizeram uma reforma tão grande, botaram um piso novinho, tudo novinho. Porque a mulher tava grávida e eles queriam deixar tudo bonito pra receber o bebê. Pois tá... tiveram que sair, porque imagina ter um bebê aqui né?”

“Eles saíram antes do bebê nascer?”

“Foi! A reforma ficou pronta e pouco tempo depois a rua foi notificada. Ela já tava com um barrigão imenso! Aí correram logo, né. Aí a casa do outro lado [vizinha a da moça grávida] também tinham reformado. Mudaram umas coisas. Depois tu dá uma olhadinha

lá! Mas tome cuidado, viu? Tem aparecido tanto escorpião aqui, minha filha. É tanta barata, tanto escorpião. Mas aí sim, eles reformaram também e foram simhora depois. Muito triste, muito triste. São muitas histórias, né? E eu não vou sair daqui. Eu tenho certeza que isso não afunda. Isso é conversa desse povo safado que quer ficar com tudo. Tu vai ver daqui há um tempo eles dizendo que não tem mais nada aqui.

“A defesa civil entrou em contato com a senhora? a casa tem rachadura?”

“Nenhuma rachadura! Nenhuma! Minha casa forte. Aliás, não teve casa por aqui com rachadura não. Mas eles marcaram comigo [a Braskem] falaram que iam marcar uma reunião, acho que é pra dar algum valor pra casa, né?! Mas se for igual aqui a casa do lado... o Emerson pediu 1 milhão e 200 mil na casa dele. Uma casa enorme dessa! Tem um quintal bem grande, uma coisa linda. Eles disseram que pagavam 250 mil, tu acredita?! Pois Emerson não quis! Tá aguardando nova proposta. Porque não é só a casa, né? São as nossas lembranças aqui dentro, tudo o que a gente passou e viveu. É muita coisa junta, minha filha.” Olhou pra baixo, um pouco emocionada e depois comentou: “Vá lá ver as casas aqui do lado! Pode tirar foto de tudo!”

Entendi como um momento de dispersão, uma vontade de ficar sozinha com esses sentimentos. Levantei e fui em direção às casas, as duas ao lado direito estavam sem o muro de vedação, expondo seu interior.

A primeira que entrei ainda estava com muito entulho. O piso recém colocado, como informou Dona Cecília, ainda estava lá, mas em uma outra área, parecia ter sido arrancado sendo possível ver o contrapiso. Na cozinha, um armário com aspecto novo, branco, mas muito sujo. Me aproximei e vi muitas baratas mortas espalhadas em cada nicho. Eram tantas que o cheiro era insuportável. A casa inteira tinha esse cheiro de barata e poeira, que mesmo com a máscara, não era possível abafar.

Sáímos de lá e adentramos na casa ao lado e um gatinho na porta me observava. No que um dia foi uma grande porta de entrada, atravessando o pequeno jardim, havia um boneco. Um pequeno palhaço com as mãos em forma de pratos, estava preso na estrutura de ferro que surgia entre os tijolos quebrados. Mais uma casa repleta de baratas mortas e entulhos.

Saí da casa e observei mais duas abertas. Dona Cecília falou alto “foram eles que abriram, o povo da defesa civil. Eles vêm pra cá fazer vistoria, sabe. Aí quebra o muro, olha por aí e depois vai embora. Aí depois vem outro povo pra fechar de novo.”

Olhei rapidamente mais uma casa, apenas observando entre o buraco da porta. Já estava escurecendo e precisava ir embora. Nessa, era possível ver um grande papelão, quase do tamanho de uma criança de seus 4 anos, e um boneco desenhado de forma infantil, jogado em meio aos entulhos. Minha curiosidade foi maior e entrei. A casa estava com muitos restos, o que dificultava a caminhada, mas chamou a atenção, sobre uma bancada de concreto, dois álbuns de fotografia deixados para trás. Eram fotos antigas, talvez dos anos 90 por sua coloração. Fotos de uma família na praia, crianças na escola. Por um instante pensei em guardar na mochila junto às outras recordações, mas imaginei que talvez a pessoa quisesse ter deixado aquelas lembranças ali, na casa onde fora construída. Fotografei e retomei a rua.

Dona Cecília ainda estava lá. Me aproximei novamente e comentei: “Tinha muitas crianças aqui na rua, Dona Cecília?”

“Um monte, minha filha. Essas casas aqui tudinho tinha menino pequeno. Eles brincavam que só aqui na rua. Eu que sempre gostei de botar minha cadeirinha aqui pra olhar, ficava vendo a correria. Era animado aqui” A noite já começava a cair, então decidi pôr fim a nossa conversa.

“Vá com Deus, minha filha. Tome cuidado por aí! Pena que não pode nem apertar a mão né? Já não basta o Pinheiro ainda tem essa doença miserável.”

“A senhora se cuide! E espero que tudo dê certo pra sua família.”

“Vá na paz vocês dois!”

Voltamos para o carro e do retrovisor, vi dona Cecília levantar da cadeira e acompanhar o carro partindo.

Figura 29





Figura 30



Figura 31

Figura 32



Figura 33



Figura 34

A photograph showing a floor completely covered in a chaotic pile of debris. The items include numerous crumpled and torn pieces of white paper, some with text and others blank. A CD-ROM is visible on the left side. A long, dark ruler or measuring tape lies diagonally across the middle. A brown paper shopping bag with green and yellow patterns is in the lower center. A religious image of the Virgin Mary with a red apple is placed in the center. Other items include a yellow bag, a brown leather strap, and various small, unidentifiable objects. The overall scene suggests a state of extreme clutter or hoarding.

Figura 35



Figura 36



FERIDAS

Busco, a partir dessa profusão, traduzir tudo aquilo que me atravessou.²⁸

Coloco esse meu corpo, que de rosto coberto, retorcido, se apresenta enquanto indefinido, podendo ser também tantos outros corpos que diante da tragédia se afetam e sentem a angústia daquilo que foi destruído [e ainda se destrói].

A imagem se apresenta a partir de partes [fragmentos] de um corpo – pés, pernas, coxas, tronco, pescoço, cabeça -, sendo identificado como um inteiro que já não se faz todo. Reflete a minha percepção do campo, entendendo que adentro a esse espaço com a imagem do passado e ao primeiro passo, ao avistar as brechas que se rompem dos vãos que um dia se fez janelas, ele se parte, em uma tentativa de se reencontrar.

Os movimentos, inicialmente, são de um corpo quase inerte, exceto pelas mãos, que perpassam aos pés quase como um toque, e se encontra nas coxas como rasgos, com o perfurar dos dedos, ficando as unhas na pele – percorrendo agora costas, barriga, braços. E os membros antes ilesos, se contorcem, como se estivessem possuídos por esse sentimento, essa agonia. Não dá para negar o que se passa através da pele, as imagens, os instantes vistos por esse corpo em campo. Corpo ferido, que sangra.

Essas imagens são memórias de um testemunho, daquilo que meu olhar sentiu atravessando as ruas desse espaço arruinado. Meu corpo se desmanchou, e foi sendo tomando por uma raiva, uma repulsa, mas também sufocado, emudecido.

O som é estridente, incessante. O som do silêncio desse lugar, desse corpo arruinado. O Pinheiro é esse meu corpo em rasgos.

Essa ruptura, essa pele que se distende e essas feridas que ainda não cicatrizaram, se revelam manchas, como tatuagens “De quem é a culpa?”

Esse corpo [lugar] foi invadido, depredado, está rachado.

²⁸ Experimento produzido a partir da disciplina Atelier Cidades ministrada pela professora Maria Angélica da Silva, com a proposta de transformarmos o tema das teses e dissertações em um videoclipe. Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=PRE2m0cd8M0>

As mãos apertam o pescoço, falta ar. Esse lugar [corpo] está morrendo, se remexendo em espasmos, convulsionando, fragmentando, se esvaindo, até um dia ruir, por completo.

E quando não sobrar nada, ainda resta a lembrança, a memória, a presença dessa ausência que se fez um dia corpo-lugar.

Uso meu corpo como instrumento – quase que como uma cartografia -, registrando cada uma das experiências que lhe atingiram, perfuraram, dilaceraram, em um experimento visual.

BRITTO e JACQUES (2008), já nomeavam esse processo enquanto corpografia, enquanto grafia urbana, dessa cidade vivida, percorrida, que configura o corpo de quem a experimenta. “Dessa relação entre o corpo do cidadão e esse “outro corpo urbano” pode surgir uma outra forma de apreensão urbana, e, conseqüentemente, de reflexão e de intervenção na cidade contemporânea.” (ibid, p.81)

Não a faço conscientemente, no sentido de buscar inscrever essa cartografia corpórea enquanto instrumento de pesquisa, mas através das minhas experimentações, errâncias, vivências, me permitindo produzir essa “forma de cartografar” imaginários, memórias, fragmentos, marcas – como se meu corpo se colocasse como uma grande tela, já devidamente pintado e rasurado, e que se afeta (e se deixa afetar), por novas camadas de tinta que foram se sobrepondo, criando crostas mais densas, às vezes até perfurando a superfície.

Figura 37



Figura 38



Figura 39



MOSAICOS DE SI

Não me lembro ao certo como cheguei até ela. Quando a memória me alcançou, por volta dos meus 4 anos de idade, eu me encontrava lá.

Era casa de vó, daquelas com coração grande que abrigava todo mundo. Por muito tempo, sua porta abriu por idas e vindas de moradores. Meu pai, que após um pequeno período não a vivenciava mais; meus tios, que por alguns anos trouxeram vida com a chegada de meus primos mais novos; de meu irmão, que a dividiu comigo por muitos anos, mas depois achou que deveria se abrigar noutro canto, só seu. Fiquemos então meu corpo, o de minha mãe e vovó, juntas ao corpo de nossa casa.

E nos habitamos por muitos anos. Nos construímos e crescemos juntas.

Por vezes foi abrigo, refúgio, me protegia da chuva, do frio, das dores do mundo.

Por outras eu queria distância, queria me afastar do seu abraço forte demais. Ora foi silêncio, ora barulho ensurdecedor.

Mas sempre voltava, por anos voltei pro meu lugar e permaneci.

Lembro dos seus detalhes, dos jardins que a cercava por todos os lados. Nessa casa aprendi a amar plantas, verde, cheiro de terra. Eu era um eterno plantar, semear, crescer, por vezes secar, murchar, morrer e depois vingar, num novo ciclo.

Casa semente – onde me germino e aprendo a crescer.

Essa prática vem de vovó, que espalhava mudas de todos os tipos. Roseiras, pimenteirias, flores tropicais, hortaliças...

Aprendemos juntas, eu e a casa. As plantas cresciam, esbarravam em suas paredes, sujavam, por vezes se agarravam, invadiam suas brechas, suas janelas. Ela era paciente, se deixava invadir.

Se deixava inundar.

Esse cercar de plantas atraíam outros visitantes para casa, que ela recebia de braços e portas abertas. Passarinhos, beija flor, saguis e lagartixas.



Figura 40 - Fotografias dos fragmentos da minha casa. Fonte: Acervo pessoal

Lembro de ver pousar, toda manhã, sob os galhos da aceroleira, os bem-te-vi. Cada fruto que caía no solo era disputado por esses habitantes errantes, e disputado também por outros animais, os que dividiam junto a família, esse abraço-casa.

Tivemos alguns gatos, mas muitos cachorros ao longo dos anos. E era notório que cada um desses bichinhos desfrutava de um espaço diferente da casa, escolhia seu canto nesse mundo para permanecer.

Essa casa me faz rememorar cada um deles, e de como, a partir dessa vivência, eu cresci amando animais. Os que a visitavam e os que a habitavam em consonância.

Ao atravessar esses jardins, um grande terraço de piso esverdeado com o tempo - por vezes imagino que um dia tenha sido bege, mas gosto de lembrá-lo envelhecido. Nesse espaço já se encontraram outras tantas casas! Festas, danças, dias de vida, encontros, cafés.

As cadeiras de madeira se permitiam espalhar pelo espaço. As crianças, por vezes, jogadas ao chão frio, brincando. Os adultos, conversando em voz alta, e por vezes repreendendo aquele filho que queria se aventurar nos espinhos das roseiras de vovó.

A grande porta de madeira e vidro se espalhava por quase toda a parede desse espaço, como um grande portal para o aconchego do seu interior.

A sala de estar se apresentava com um grande quadro de pôr do sol pintando em tinta à óleo por vovó. As paredes eram brancas, mas já passaram por outros momentos, bem mais breves, de cores distintas - durou pouco, ninguém se acostumou com a rebeldia de suas paredes. Outro destaque para o espelho com moldura de madeira que foi de minha bisavó, que era tão antigo que mamãe tinha medo que mexessem demais nele e ele pudesse quebrar. Aquele espelho pertencia àquela parede e não podíamos tocar!

Esse espaço nos permitia três escolhas. À sua direita, uma porta escondia um quarto/gabinete. Era de certo um gabinete, mas com a dinâmica da família junto a casa, se fez quarto por muito tempo!

Mais adiante uma entrada revelava um encontro com a luminosidade. Nossa sala de jantar era muito espaçosa, com uma grande mesa de granito que me fazia ver todos os bolos de aniversário, todos os almoços e jantares em família. As três grandes janelas que cercavam esse espaço nos faziam sentir o sol, a brisa, e as cores do jardim. Acredito que, por muito tempo, era meu pedaço preferido dela.



Figura 41 - Fotografias dos álbuns de família. Fonte: Acervo pessoal

Os móveis eram grandes, antigos, e se contrastavam com as paredes - ainda brancas -, ao nosso redor. Lembro da cristaleira, no canto, ao lado da janela. Quando criança detestava esse móvel. O achava grande demais, imponente demais, feio. Mamãe e vovó tinham ciúmes dele e dos cristais que eram guardados cuidadosamente em seu interior, sem nenhum tipo de função, apenas apego.

Não entendia como alguém poderia gostar tanto de uma coisa que não servia para tanta coisa assim.

Da sala de jantar era possível observarmos quase todos os cantos da casa, mesmo que um pedacinho deles. Talvez esse fosse o motivo de gostar tanto daquele lugar. Ela conseguia unir tudo, todos, de uma só vez. Era o coração da casa, e ficava exatamente do lado esquerdo de seu peito.

Atravessando a sala de jantar, um grande jardim de inverno abrigava outras tantas plantas. Aprendemos muito com ele. Sua coberta de telha translúcida refletia a luz de um jeito bonito, esbarrava em suas paredes de pedra natural e brilhavam. À tarde ela brilhava. Em tempos de chuva, gostava de sentir o som intenso das gotas colidindo na superfície. Era alto, forte, e me fazia sentar na mureta ao redor e encarar esse barulho por um tempo. A chuva estava lá fora, eu a via chegando, eu a ouvia, forte, mas estava protegida.

Esse jardim era a divisão do céu e da terra, do nosso espaço de vivências e nosso espaço de encontro interior.

A sala, em frente ao jardim, era um local de passagem, que ligava esses dois mundos. Foi, por muitos anos, meu local ideal nas brincadeiras de boneca, de observar vovó tocando teclado, depois da mesa de computador compartilhada, da TV e por fim, da contemplação nos dias de chuva.

Ao atravessá-la, adentramos no corredor de quartos. As paredes externas eram cobertas de novos quadros com fotografias da família e mais pinturas à óleo de vovó e alguns de mamãe, que por alguns anos se arriscou na arte de uma forma bem bonita.

Cada porta separava um tipo de cosmo particular. Era bem evidente identificar quem habitava cada pedacinho por cada tempo. Porque esses ambientes foram feitos para cada uma das pessoas que ali se fixaram, e se moldou à sua maneira. No fim do corredor, o quarto de vovó - mas que abrigou meu tio e sua família por um período da vida.



Figura 42 - Fotografias dos fragmentos da minha casa. Fonte: Acervo pessoal

Era, e ainda é, o maior quarto que eu já entrei em toda a vida. Com certeza um ambiente superdimensionado. Tinha uma grande janela com vista pro quintal, os móveis pareciam, por vezes, espalhados demais, ou talvez não fossem suficientes para preencher aquela imensidão. O piso laminado era de um cinza escuro, que contrastava com os tons amarronzados dos armários antigos. Ao lado da porta de entrada, tinha um outro jardim de inverno, esse com uma porta de vidro e sem a cobertura translúcida. O pergolado se enroscava em algumas plantas e permitia a entrada de uma luz difusa, bonita. As paredes estavam carcomidas, claro, um espaço aberto de chuva e sol. Tinha um lodo que se espalhava, misturado ao resto de tinta que teimava em resistir às intempéries. Essa marca, esse grande sinal na pele da casa era bonito, natural, feito para ser assim. Quando a porta de vidro ficava entreaberta, o cheiro de planta e terra se misturava ao cheiro de minha vó. O quarto tinha esse cheiro da vovó em cada superfície, cada santinho. Esse jardim era parte do universo da vovó, e não existiria melhor lugar para ele se encontrar, senão em confluência com os pedaços desse alguém que me ensinou tanto sobre plantar e colher. O quarto jardim. Mais adiante tinha um banheiro, com louças cor âmbar e paredes revestidas com azulejos floridos. Tinha um bidê, que quando criança acreditava ser feito especialmente para crianças brincarem com a água que jorrava do chuveirinho, e uma cadeira de apoio, onde vovó repousava seu roupão azul, para a saída do banho, e seu robe de seda, que costumava perambular junto ao seu corpo durante as manhãs.

Saindo desse pedaço de casa, voltamos ao corredor. um pouco à frente, um outro quarto que já abrigou muitos de nós. Meus pais se encontravam ali, mas por pouco tempo, e tão breve que não me recordo em detalhes. Depois, mamãe se reinventou sozinha nesse lugar, o transformou para caber quem ela era naquele instante. Tinha uma parede azul escuro, o piso vinílico cinza claro. Era amplo, com um janelão que contemplava o jardim externo - assim como todos os ambientes da casa. A luz era difusa, com a fachada voltada para o sul, onde o sol adentrava no espaço entre o muro e o beiral, esbarrava no muro branco com manchas do tempo, e cintilava leve dentro do quarto. Não era bem iluminado, mas não definiria como um espaço escuro. Talvez pelo meu afeto, o destaque como aconchegante.

Era o espaço onde contemplava uma parede com muitas fotos. Mamãe tinha um grande quadro de fotos que colava instantes e percorria parte do cômodo. Apesar de expressar fortemente que não gostava de ser fotografada - mesmo sendo modelo na adolescência -, gostava de observar essas capturas. Ao contrário do quarto da vovó, que se fez dela por

muito tempo, mamãe migrou para outro canto da casa, e o que era dela, virou quarto do meu irmão, mudando toda a configuração. Era um novo quarto. Mesmo com as mesmas portas, paredes e janelas, não era mais o mesmo.

Assim, se fez com outros quartos. Lembro do tempo em que dividia o espaço com meu irmão. Metade com quadros de aviões, mesa de estudo com jogos de cientistas, tubos de ensaio de brincar e dinossauros. Do outro, várias casinhas da Barbie, ursos, livros e gibis. Era uma mistura desses dois universos tão diferentes, mas que se fundiam em um só, naquele quarto.

Aprendemos a partilhar, e esse foi um dos ensinamentos que tivemos nesta casa.

Quando crescemos, cada um conquistou seu espaço. Mamãe dizia que era o momento de ter responsabilidade e aprender a cuidar de um canto só seu.

Meu canto. Naquele mesmo quarto em que dividi com meu irmão por tantos anos, agora o tinha só para mim. E como ele mudou ao longo do tempo. Como nos transformamos.

Aos fundos da casa, um grande espaço. Tínhamos uma área de festas, coberta, com forno a lenha, e que com o tempo mamãe anexou um grande quadro de giz e uma mesa para estudarmos juntos - um ensinando o outro.

Esse grande espaço ainda abraçava uma outra área verde, com um denso pé de acerola e um mamoeiro, além dos muitos vasos de planta espalhados e da horta que construímos no canteiro. Era o espaço preferido dos nossos cachorros. Podiam correr, brincar com a gente. Lembro até do tempo em que instalamos uma piscina de plástico enorme e passamos o dia inteiro na água até a pele enrugar.

Tudo parecia se encaixar muito bem.

E não quero dizer, aqui, que era uma casa perfeita. Mas é nessa dimensão do afeto que construímos ao longo do tempo, inclusive a da nossa percepção diante das coisas da casa. Detestava o piso marrom de cerâmica artesanal da cozinha quando criança, e depois, da adolescência à fase adulta, passei a amar aqueles tons que se formavam e as imperfeições que ele tinha.

Meus gostos foram se formando e a casa foi se transformando para mim também. O que parecia ser muito grande, passou a tomar novas proporções à medida que fui crescendo.

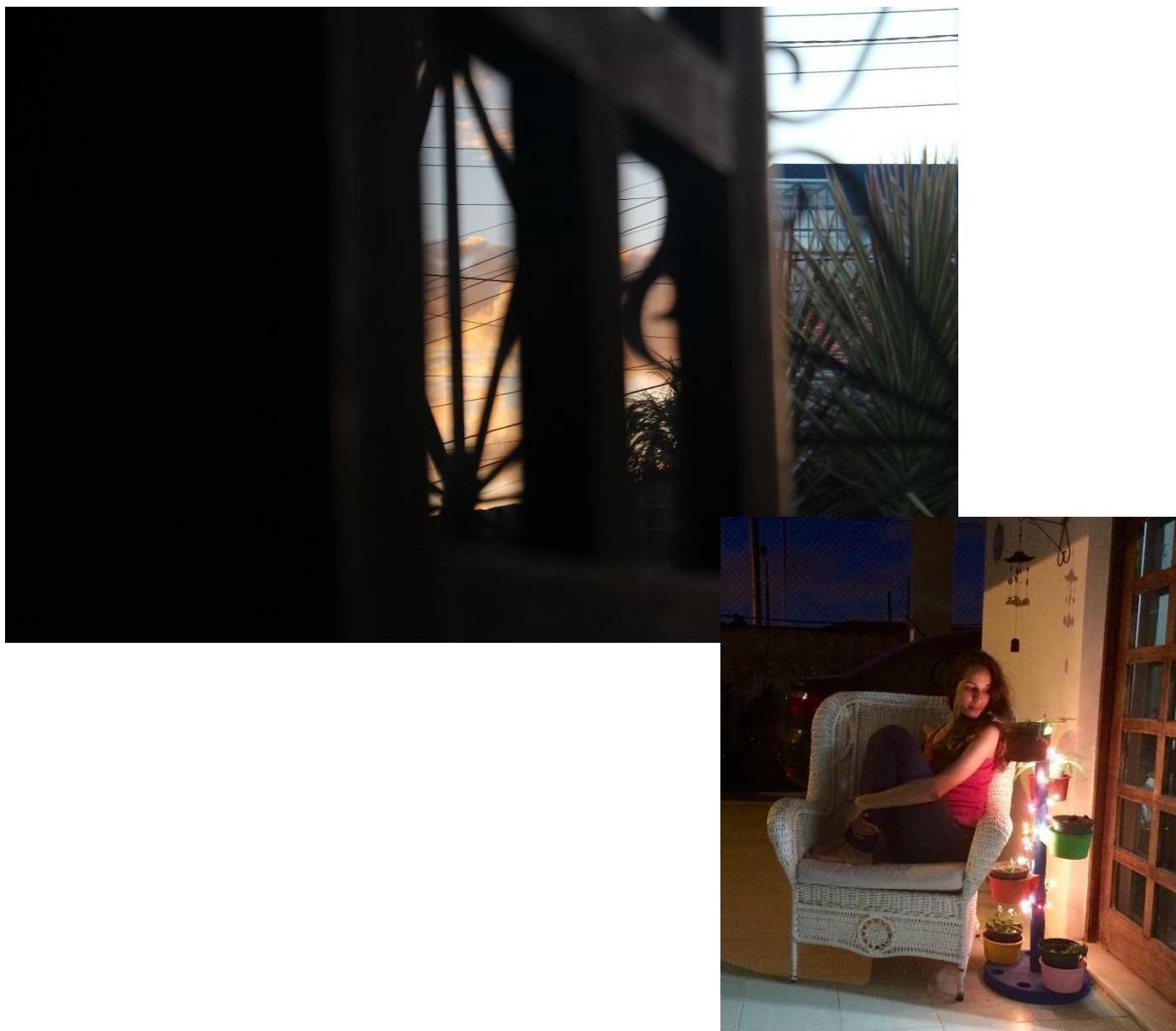


Figura 43 - Fotografias dos fragmentos da minha casa. Fonte: Acervo pessoal

Passei a desgostar do forno a lenha pouco utilizado com o tempo, e a apreciar ainda mais os jardins.

Nessa construção íntima que estabelecemos, entendo que funcionávamos em paralelo: eu a modificava e ela me transformava ao longo do tempo.

Assim como meu corpo, esse corpo casa era vivo, palpável, pulsante. Vivíamos as mesmas coisas, os mesmos cheiros, mesmos sons - e me oferece o abraço, abrigo, acolhimento. A casa é proteção.

Eu a vejo como espelho, reflexo do que sou. Corpos que se habitam.

Nunca imaginei me distanciar dessa casa, a descrevendo como um passado distante, tentando rememorar os detalhes, revivendo nossos caminhos apenas na memória. É um espaço que eu aprendi a gostar em cada momento, me demorando, ficando junto, experienciando. Aos poucos, fui me abrindo para ela, ela para mim. Nesse abrir-se em conjunto, criamos vínculos, deixamos rastros.

Desde 1998 ela se fez minha. Crescemos juntas durante os anos, onde cada uma abria espaço para a outra, adaptando meus modos de viver a ela, ela se estruturando ao meu modo de crescer.

O que é estar em casa? Dentro da multiplicidade daquilo que essa casa “conceito” se faz, mergulharemos aqui naquele que perpassou os caminhos desse trabalho. A casa que se “perde”, que nos é arrancada diante do crime, é rememorada a partir da sensibilidade, da emoção. Aqui, a casa é um sentimento.

Existir junto a ela parece tão simples e sutil. Quando estou em casa sinto uma completude, um extasiamento. É onde me sinto protegida, encasulada. Ela se coloca como uma extensão da minha pele, um ser construído fora, que me engloba, e que tem a capacidade de me invadir, em consonância. Interior e exterior de mim.

Quando falo do não lugar na casa que habito hoje, falo desse não sentir, não pertencer. A construção desses escritos se coloca em um processo com marcas do tempo.

Ecléa Bosi (1994), relata essa nossa relação com a casa: “Ela é o centro do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções. [...] mudar é perder uma parte de si mesmo; é deixar para trás lembranças que precisam desse ambiente para reviver” (Ibid, p. 435-6)

“Casa não é apenas a edificação”, mas se constrói a partir dos seus usos. Esta atende “as funções previstas para operar como casa “, integra as ações do habitar, transformando esse espaço, concomitantemente em sujeito e objeto, porque para além daquilo que a corporifica, ela guarda em sua materialidade, seus espaços e vãos, uma dimensão simbólica.

Quando me vejo diante do Pinheiro novamente, como em um reencontro, produzo imagens dessa casa em preto e branco, encaixotada, em um tempo pandêmico de clausura. Essa sensação de estar presa em um corpo que não me cabe, não me pertence, incitou essa

inquietação. Hoje, me vejo construindo formas junto a essa nova casa, construindo paisagens, memórias.

O que mudou? E o que faz dessa casa do hoje diferir da casa semente?

Enquanto objeto arquitetônico, posso descrevê-las com certas semelhanças. Quartos, banheiros, cozinha, sala de estar. Ela atende as necessidades básicas do morar. Protege da chuva, abriga meu corpo, meus objetos, móveis, livros, coisas que fazem parte da construção do meu eu. Qual é a parte que falta?

Como nos descreve Bachelard (1957, pg.201) é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos. Ela surge como um grande berço que protege e agasalha o ser humano no início da vida.

Retomo o útero e na forma-casulo que fui sendo construída nesse, se assim podemos chamar, espaço casa – colocaríamos esse lugar enquanto casa natal, a casa primitiva? Fui protegida, alimentada, recebi todo o oxigênio e nutrientes necessários. Além do alento, do amor e carinho que nutri de minha mãe, aquela que se faz abrigo. Mãe também é casa.

O útero surge como esse elo de ligação, nos conectando, enquanto feto, a essa lugar-mãe que nos abriga, nos alimenta e protege. Tudo o que precisamos naquele momento está ali.

Tem em si uma certa relação animal e instintiva de proteção, de buscarmos abrigo, nos aninhar. A casa enquanto ninho “O ninho é um esconderijo da vida alada” (BACHELARD, 1957, p.258)

Quando chegada a hora de nascer, um novo mundo se abre. É o choque de temperatura, de luzes, cheiros. Sentir o ar invadir o corpo pela primeira vez. Dói nascer. É esse desconforto de sair de casa, de se sentir vulnerável por estar longe do seu espaço no mundo. É nesse instante que esse pequeno corpo começa a reconhecer as coisas ao redor. Vai-se utilizando os sentidos, primeiros cheiros, gostos, cores. Buscamos para além do corpo o sentido de casa, de proteção e acolhimento.

“Mesmo para quem nunca teve uma morada convencional, a casa envolve um pensamento de abrigo, de proteção, seja ele um pedaço de um material ou um objeto que cubra o corpo das intempéries climáticas, vento, frio, calor, até relações interpessoais. Instintivamente buscamos um lugar que nos proporcione o bem estar e o acolhimento; algo que substitua o aspecto formal e físico da casa e libere o sentido mais essencial de seu significado” (ALÍBIO, 2017, p.25)

Essa busca por um sentido se coloca aberta, pois cada um constrói esse universo casa de forma íntima e particular, uma construção subjetiva do ser humano. É a partir dela que territorializamos nossa existência e formamos nosso olhar sobre o mundo. Um lugar habitado por lembranças que podem perpassar cada um dos seus cômodos.

Sei que morei em outras casas após o meu nascimento, e só pousei meu corpo no Pinheiro aos 5 anos de idade. Entendo que nesse começo a minha memória não alcança os momentos vividos, mas jamais os contesto importantes para a construção e desconstrução de quem sou hoje. Sou o espaço onde estou. “nossos habitats sucessivos jamais desaparecem totalmente, nós os deixamos sem deixá-los, pois, eles habitam, por sua vez, invisíveis e presentes, nas nossas memórias e nos nossos sonhos. Eles viajam conosco” (CERTEAU, 1996. p. 207)

Desvelando meu habitar primeiro, a partir da memória, tenho a casa do Pinheiro enquanto “casa natal”.

“(...) a casa natal está fisicamente inscrita em nós (...) mais que um centro de moradia, a casa natal é um centro de sonho”. (BACHELARD, 1957, p.206) Entendo que ao construir essa afirmação, o autor nos coloca a pensar na força da intimidade. Vejo a casa do Pinheiro, essa casa semente, como o lugar onde me construí como pessoa. Aprendi a ler, sentada na cadeira ao lado do telefone com fio, juntando as sílabas das palavras escritas no jornal local para minha tia, em meio a ligações. Do primeiro dente de leite perdido no meio da sala, junto a risada de minha mãe e meu choro por não o encontrar debaixo do sofá. Do primeiro pé de feijão crescendo firme no algodão defronte a janela do quarto. Veja, são momentos de um dia qualquer, de um acordar tranquilo, um processo habitual do habitar, para além daqueles momentos ditos especiais – as festas comemorativas, os natais e aniversários.

É a construção da moradia enquanto um referencial no mundo. É através da casa natal que é criada a “casa onírica” – que prevalece para além das lembranças, pois mesmos após o desaparecimento da casa natal, esta, a casa onírica, prevalece em nós através da memória – como um sonho -, onde as lembranças se perpetuam, enraizadas por toda a vida – é um processo desterritorializante entre aquilo que é físico, palpável, e aquilo que se coloca intangível.

A casa existirá enquanto eu conseguir enxergar nela aquilo que sou e fui um dia. Compõe as dialéticas do habitar, que envolve corpo e casa, se transpondo para além do abrigar e compreendendo uma intenção de pertencer.

Na língua portuguesa, a palavra habitar, do latim habitare, provém do hábito, daquilo que construímos dia após dia, diante dos gestos, dos rituais, das práticas. A casa surge como um corpo vivo, indo além dos seus aspectos utilitaristas.

“Se de uma casa fazemos um poema, não é raro que as mais intensas contradições venham despertar-nos [...] de nossos sonos conceptuais e libertar-nos de nossas geometrias utilitárias” (BACHELARD, 1957, p. 231). De uma certa forma, ela carrega em si essa experiência bachelardiana, pois se coloca enquanto minha primeira casa, o espaço que fundou minha experiência de morar, mas vai além, me fazendo perceber um espaço múltiplo, que perpassa os limites daquilo que se faz objeto arquitetônico, que compõe a casa em seus diversos fragmentos – porta, telhado, janela, piso -, porque ela também se faz rizoma, conecta-se ao meu eu e suas diversas camadas – sociais, biológicas, econômicas -, e tudo aquilo que a habita, como seus animais, plantas, histórias, objetos.

É o espaço do experimentar. ZEVI (1996, p.18) afirma que esse interior não pode ser representado perfeitamente por formas quaisquer, que não pode ser conhecido e vivido a não ser que exista a experiência direta. Habitar a casa é experimentá-la.

Todos os dias acordamos na mesma casa, tomamos banho, fazemos as refeições necessárias, vemos as mesmas coisas naquele espaço. Essa camada vai sendo construída dia após dia, solidificando sentimentos, acostumando nosso corpo, moldando, criando-se os laços. São nessas construções sutis que esse espaço se construiu em mim casa.

E esses processos são únicos.

“Pode-se afirmar que uma casa-rizoma põe em contato as mais variadas cadeias, da ordem (desordem) da vida e da morte.” (BRANDÃO, 2002, p.33)

A casa é semente. É uno, mas também é múltipla; é objeto arquitetônico, mas também é corpo; é raiz, mas também é rizoma.

Pergunto para vovó sobre a minha casa semente. Pergunto que palavra ela daria ao pensar em sua casa - para ela, a casa é saudade.

“Foi a casa que eu mais gostei de morar e acho que gostaria de morar ainda hoje! Eu vejo as minhas plantinhas logo na

entrada, né (risadas), vejo meu pé de couve, minhas pimentas, a hortinha. Era tudo bem ventilado por todos os lados, era gostoso ficar ali na varanda, né? Tudo bem grande, aquela sala de jantar com a mesa de jantar, tudo bem espaçoso, dava pra receber todas as minhas irmãs, netos, fazer todas as festas! Tinha meu mamoeiro, minha goiabeira! Eu gostava demais daquela goiabeira (risadas), você lembra dela, né?!” (Casa da Vó Miriam)

A casa da Vó Miriam é a minha casa, mas também é só dela. Reconstruímos lugares diferentes na memória, mas que se cruzam e por vezes se afastam. Não cito mamoeiro, confesso que nem me recordava. Isto significa que cada habitar conta uma história. Vivenciamos o mesmo lugar, mas contemplamos a casa da nossa própria realidade.

Vovó, aos 90 anos, já viveu em muitas cidades, muitas casas, muitas histórias. Sempre gostou de casa com jardim e lugares para plantar, porque aprendeu, em sua primeira morada, a tecer esses cuidados junto a sua mãe. Ela recorda que em um certo momento da vida, precisou morar em um apartamento. “Foi a pior coisa, minha filha. Eu me sentia presa ali, porque você sabe que eu gosto do verde, de ter minhas plantinhas ali no canto, andar pertinho delas”

Percebo que a minha forma de habitar também se molda um pouco a de vovó, porque a minha casa semente é a casa dela, moldada a partir da sua experiência de morar, mas que ao longo do tempo, teve meu corpo e outros corpos residentes que a construíram em consonância. A casa de vó se ramificou em tantas outras, proliferou novos significados.

Me faz rememorar os escritos de Calvino e seu “As cidades invisíveis”: “A cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar; cada uma merece um nome diferente; talvez eu já tenha falado de Irene sob outros nomes, talvez eu só tenha falado de Irene” (p. 115). Remontando este pensamento para casa, entendendo que esta também se faz cidade, interligo essas formas de co-habitar diante da multiplicidade das significações. São únicas, mas também são múltiplas. E

mesmo que essas camadas, por vezes, não se cruzem, isto não quer dizer que se anulem. São como faces de uma mesma moeda, indivisíveis.

Enquanto reconhecermos essas casas enquanto reflexo daquilo que ainda somos, de um pedaço de nós que ainda existe, mesmo que na memória, continuaremos a identificando como nossa casa, e não como um espaço outro, um lugar qualquer.



Figura 44 - Fotografias enviada pelos entrevistados. Fonte: Acervo dos entrevistados

É isso que me faz contrapor a casa do hoje e a casa semente - as relações construídas, o tempo vivido. Vislumbrando esse processo, retomando a minha casa no Pinheiro como um espaço de lembranças e construção do meu habitar, rememoro um bairro em arruinamento.

É uma profusão de emoções. Como essa relação do morar se estabelece diante da dor? Da ruptura? Entendendo esse sentimento sobre a minha casa, me coloquei diante da dor do outro, e busquei entender seus símbolos.

O que essa casa representa para você?

Para muitos, a casa se faz história e memória. É o lugar no mundo onde cresceram, construíram momentos, moldaram suas formas de viver, de ser e estar no mundo.

"Essa casa representa toda a minha história, tudo o que aconteceu, tudo o que é vinculado na minha vida, a minha casa, essa casa, fazia parte (...) essa casa, juntamente com a da vizinha também foram as primeiras casas da rua, elas só não são mais antigas, se eu não me engano, do que o Conjunto Jardim Acácia, mas foi construído na mesma época. Então assim, a praça não existia, a rua não existia, não era pavimentada. Pra minha mãe, por exemplo, era o local de morte dela, ela só iria sair dali após, infelizmente, falecer. Então assim, são inúmeras memórias. Como a casa era grande a gente sempre dava espaço pra todo mundo. Pros amigos que estavam vindo, pros parentes que queriam ir pra lá, enfim, é uma memória de tudo, minha vida inteira foi ali e ela representa, basicamente toda a minha história, tudo! Não tem realmente o que falar, sabe. Eu só conheço uma casa, uma moradia, uma forma de convivência." (Casa da Alessandra)

Ela definiu sua casa em uma única palavra: "Felicidade... A gente foi muito feliz ali. Era uma casa que acolhia a todos. Por ser grande, todo mundo que vinha podia ficar. Cabia

um time de futebol se você quisesse, cabia todo mundo. É realmente felicidade e acolhimento. Nós fomos muito felizes ali, eu não mudaria nada.”

Rememoro a minha casa semente: “Era casa de vó, daquelas com coração grande que abrigava todo mundo.” Diante das minhas conversas, percebo que esse sentimento compreende muitas outras casas.

"Era o imã, minha casa era o imã de pessoas da minha família, tipo assim, a cola. Às vezes grudenta demais, as vezes meio estranho, meio [risos], sei lá, mas era! Com certeza. Não tem nenhum lugar hoje em dia que a gente vai ter uma reunião de família como teria se fosse naquela casa. Lá era o único lugar onde isso poderia acontecer, e não vai acontecer nunca mais!" (Casa de Artur)

Entendo aqui o sentido de imã enquanto atração. A casa com esse sentido de congregar tudo e todos, de receber e acolher.

"Era... era... simbolicamente era minha família, a gente sabia que quando tinha um problema tinha onde recorrer, se quisesse conversar com alguém, seria lá, onde...qualquer coisa... [emocionado], tudo da nossa vida era resolvido lá! De problemas, coisas boas eram comemoradas lá. Era como se fosse o reduto da gente, ali. “(Casa de Bruno)

“Afeto. A nossa família é... a gente nunca foi assim de demonstrar carinho, sempre foi uma coisa mais robusta, cada um demonstrava da sua forma e a gente sempre entendeu assim... e depois que a gente percebeu isso a gente passou a se unir mais. E pensar nessa palavra e na minha casa me faz pensar nos momentos que vivi lá com meus

irmãos, e quando minha mãe ia trabalhar a gente tinha que tá bem pra quando ela voltasse [risos] e lembrar do meu pai da feira que subia a ladeirinha da casa e a gente ia ajudar ele. E eram pequenas coisas, mas que hoje em dia que eu lembro, faz muita diferença, faz muita falta. [emocionada]”
(Casa de Janiele)

A casa de Janiele é afeto e a fez rememorar pequenos momentos que a construíram. Penso nos momentos que relato sobre a minha casa e como ela se define quase que inteiramente a partir deles. É esse espaço se moldando, adquirindo um lado emocional, se construindo enquanto uma representação física e sentimental do que somos. E à medida que a vivência ao longo do tempo, é como se as casualidades fossem sendo vinculadas a cada ambiente, pessoa e objeto que habitam esse lugar, ora se transbordando para as ruas...

“A gente conhecia todo mundo, por mais que não tivesse contato próximo... a gente conhecia, a gente sabia, sabia que tinham pessoas que estavam ali há muito tempo. E eles já conheciam nossos costumes e não se importavam. A gente gostava, por exemplo, de fazer uma festinha, botar uma música, e eles gostavam, iam lá! Então era um simbolismo, era minha base pra tudo! Coisa boa, tudo! Tudo era resolvido lá! ” (Casa de Bruno)

Mas também se fechando em si...

"Olha, era nossa vida... assim. Era a felicidade da gente. Mesmo sem a minha mãe, meio que ela tava em todas as coisas, e depois de um tempo... quando a gente mudou pra casa por exemplo, a minha vó deu os móveis da casa dela que cabiam na nossa casa, então a mesa de jantar, um móvel que ficava no corredor, que tinha os santos, e minha mãe gostava, era muito católica, então tinha os santos, as coisas.

Então assim, todas essas coisas eram a felicidade da gente, então imagine uma mesa com oito pessoas jantando juntas, aí chega mais alguém e todo mundo se aperta... então todas as pessoas se encontravam e se conectavam ali [limpa as lágrimas]. É a mesma coisa do Bachelard, o seu lugar no mundo, que protege do mundo, dos devaneios, das coisas ruins, e mesmo depois da gente perder a minha mãe, se esvaziou das pessoas, mas toda nossa vida estava ali, né. Não tinha mais a minha mãe rezando, mas tinha os santos, a gente ocupava menos lugares nas mesas, mas era a nossa mesa, que tinha sido do meu avô, que tinha sido... enfim. Então isso tudo... lógico que os significados que a gente sente, as coisas que a gente sente se transformam e agora já com um pouco de distância eu acho que... é isso assim, sabe. A casa foi mudando junto com a gente, apesar dela ter permanecido com tudo igual, a gente se transformou e ela ficou ali assistindo tudo isso, meio que sendo um suporte pra gente se transformar e ter coragem pras outras coisas, depois de ter perdido a minha mãe, sabe. Foi assim, um sonho, foi bem sonhado, e a gente foi muito feliz lá assim, acho que de todas as coisas que meu pai queria, tudo funcionou muito bem, né." (Casa da Carla)

Questiono: “Se você me convidasse para sua casa, o que eu iria ver quando chegasse lá?”. Essa foi a primeira pergunta que fiz em minhas conversas sobre o morar. Diante do que a minha casa semente representa para mim, e sobre a rememoração desse espaço casa a partir da construção do não lugar onde vivo hoje, reflito sobre a imagem que se forma diante dessa pergunta. Quando pensamos a palavra casa, o que nos vem à mente? Como esse espaço se forma? Ele se traduz a partir da sua estrutura arquitetônica? – confesso que, meu ímpeto enquanto arquiteta foi esperar meras descrições de “2 quartos, 1 sala” - ou diante de suas histórias e acontecimentos vividos?

Me colocar enquanto convidada, me transporta para um imaginário de visitante, como se estivesse parada em cada porta, esperando o chamado para entrar. Quando indago sobre o que eu veria ao chegar, entendo que abro margem para múltiplas interpretações, e que são propositais, pois buscava aqui ir adentrando aos poucos nessas casas, se me permitissem. Eu poderia ouvir respostas como a cor da fachada, na visão da rua, o portão e a altura do muro, até mesmo sobre a possível árvore que cruza a calçada. Poderia ouvir sobre a entrada da casa, na visão de quem chega, talvez de um jardim, uma varanda, sala de estar?

Eu queria sentir como cada um receberia essa pergunta e na minha primeira conversa, sou surpreendida: “O lugar que eu moro hoje ou a minha casa mesmo?” Coloco “sua casa” em meu questionamento, e percebo que a dimensão da tragédia começa a surgir, mesmo que em palavras silenciosas. Retomo “qual é a sua casa mesmo?” “a minha casa é a que eu morei a vida toda, a casa do Pinheiro!” Penso que essa casa da vida inteira se apresenta de duas formas: a casa que vivemos desde o nascimento – como coloco, para mim, a casa semente -, e aquela do futuro, de um permanecer.

“Eu morei nessa casa desde que eu nasci. Quando eu nasci, eu saí da maternidade e já vim pra cá, então tem 29 anos.” (Casa de Arthur)

“Eu fiz essa casa do jeitinho que eu queria, sabe? Lembro de cada detalhe pensado, cada coisinha comprada (...) eu moraria na minha casa até ficar velhinha.” (Casa de Gardênia)

Para Bachelard (1957) essa casa adulta, como a casa de Gardênia, se constrói a partir das imagens e experiências da casa natal, onde buscamos esse passado de intimidade, sendo esses dois pilares atravessados por uma camada que se constrói diante dos sentimentos de ser [a primeira casa] e ficar [permanecer na casa] – o tempo.

O tempo vai nos propondo experimentar, aproximando em um diálogo o nosso corpo com esse lugar que vai se fazendo casa. Ao questionar o que eu veria ao chegar na casa, recebo respostas que alimentam essa construção corpo e casa diante do tempo, porque me coloco diante de espaços que foram, antes de tudo, vividos.

“você entrava, e ia ter assim, dois portões de ferro, um grande, que normalmente era o que entrava, e um pequeno que praticamente ninguém usava pra entrar porque ele só

abria pelo lado de dentro, então a gente abria o portão do lado de fora, e aí ele tinha, como se fosse... a gente chamava de rampa, mas não era uma rampa (risada) porque era plano, era um lugar pra colocar um carro (...)" (Casa de Artur)

Ao entrar nessa casa, me deparei com uma descrição daquilo que só alguém que a percorreu com tanta intimidade poderia me contar. E ele continua...

"aí mais pra esquerda tinha um local que tinha algumas plantas e já tiveram diversas plantas, mas a única fixa era a roseira da minha vó, e essa roseira era clássica, era uma roseira que não tinha espinho, então vários pedestres passavam por lá e queriam pegar a rosa da minha vó, porque é difícil de achar uma roseira que não tenha espinhos, que seja bonita, que dê... dê rosas tão bonitas [...]" (Casa de Artur)

Sinto como se conseguisse construir essa casa na minha mente. Porque não me deparei com uma casa genérica, com uma descrição de cômodos, portas e janelas, mas estou diante de uma narrativa daquilo que se sentiu – e é ainda mais perceptível ao som de sua voz durante a conversa, e dos olhos que se movimentam como se rememorasse cada detalhe a partir do momento em que se fala.

Começo a ver um pouco da minha casa na casa de José e também nas outras casas que se abriram para mim nessas conversas. Percebo nessa roseira do jardim a dimensão afetiva das plantas que percorriam a minha casa.

Penso que, talvez, as nossas formas de morar sejam parecidas, mesmo que cada qual à sua maneira. É essa relação dos sentidos, dos gestos. Essa busca por proteção, acolhimento, as dinâmicas familiares. O ser humano é um corpo frágil no mundo e que procura, através de elementos, de fragmentos, esse abrigo, esse pertencer.

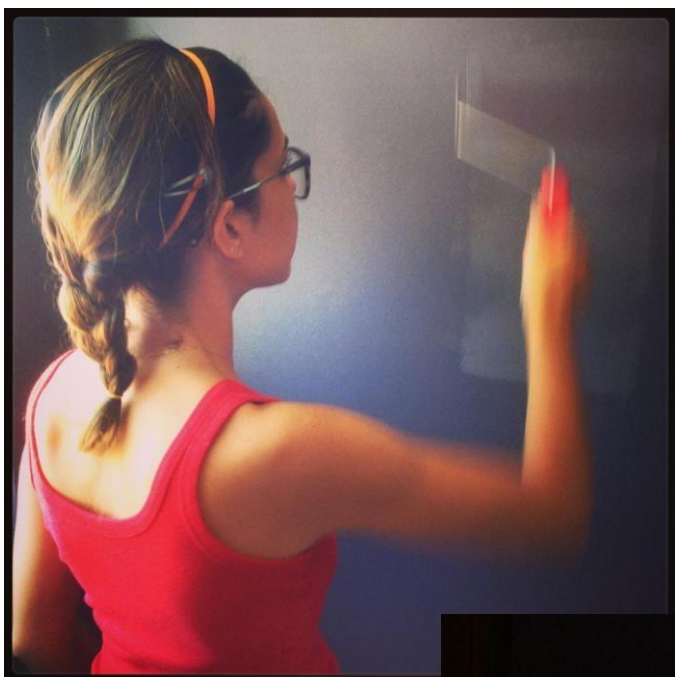


Figura 45 - Fotografias enviada pelos entrevistados. Fonte: Acervo dos entrevistados

Esses gestos vão se multiplicando a cada narrativa, onde algumas casas vão sendo reveladas com mais detalhes, descritas nas suas miudezas, e outras vão surgindo mais tímidas.

Caminho para uma outra casa:

“Eu morava em duas casas, que era uma coladinha na outra. A você ia ver na nossa antiga casa, que foi nossa primeira casa, que era meio que um sitiozinho, aí tinha árvores, umas plantinhas. Aí a entrada tinha porta de madeira - depois que meu pai mudou -, aí tinha uma escada pra chegar lá, porque tinha meio que uma descidazinha... e a nossa outra casa, era uma casa de escada também e você ia ver assim, era um portão de ferro, a frente era verde. Da nossa casa dava pra ver a lagoa Mundaú, dava pra ver a linha do trem, dava pra ver o campo do CSA. Era bem assim, bem bonitinho (risadas). A primeira casa, desde quando eu nasci a gente morou lá, meus pais foram pra outra casa quando eu tinha assim uns 17 anos. A nossa família é um pouquinho grande (risadas), são 5 filhos, e a nossa primeira casa era uma casa de dois cômodos, era bem pequenininha, e essa outra casa era maior. Meu pai primeiro foi morar lá de aluguel, e tinha mais... tinha um espaço maior e dava pra gente circular tranquilamente, e como era uma bem dizer, do lado da outra, a gente podia ficar olhando a casa, pra não acontecer nada. E meu pai criava uns animaizinhos assim, aí seria bom pra gente, que ia ter um conforto maior, mas a gente ainda ia cuidar assim do lado, na outra casa. Sempre uma cuidando da outra.” (Casa de Janiele Rocha)

Percebo nessa narrativa um certo cuidado nas palavras, que foi sendo construída por um olhar atento de sua mãe na janela, enquanto conversávamos. À medida que adentrávamos juntas nessas casas “coladinhas”, vou percebendo um sorriso em sua mãe, como se

conseguisse nos acompanhar entre as “plantinhas”. A jovem descreve esse espaço entre palavras em diminutivo, mas expressando a grandeza de um carinho latente.

"A casa ela existe há 30 anos, o meu avô ele dizia que a casa, da janela do, dos quartos, dava pra ver o Divaldo Suruagy, e é bem distante assim, e na época que eles construíram o Divaldo dava pra ver da casa assim, então eu estimo que seja mais de 30 anos, é muito tempo! (...) era uma casa que, era aberta família." (Casa de José Artur)

E aqui, já é possível perceber a partir desses dois recortes que essas casas vão se reconstruindo a partir de vivências, para além do objeto arquitetônico - quando pergunto o que vejo da casa, me permitem ver memórias, acessar essa profusão daquilo que sou, daquilo que é casa. Elas surgem como um reflexo dessa realidade construída individualmente.

Ouvindo essas casas e apreendendo as diversas formas de senti-las, consegui, até certo modo, encontrá-las em suas semelhanças, perceber as características que as aproximam, que as caracterizam. A partir da minha casa, do meu corpo em um bairro arruinado e com marcas de um crime, do meu olhar, das vozes que se cruzaram, elas compõe uma espécie de relicário das casas. Reúno essas casas em formas de existir, para que seja possível percebermos o quão único e ao mesmo tempo múltiplo é o habitar – mas as tenho, de uma certa forma, enquanto fragmento daquilo que, no meu íntimo, chamo de casa. A força do meu imaginário se costura aos dos outros.

Ouvi muito uma espécie de aconchego em forma de casa. A “casa de vó” surgiu em quase todos os meus diálogos sobre o habitar. É a casa onde aconteciam as festas de família, onde reunia as pessoas, onde se dividia cômodos, moravam muitos, todos juntos. Tio, filhos, netos, irmãos. É a casa refúgio, que dá colo quando se precisa de alento.

Para alguns, os mais novos, a casa de vó é também a casa dos pais. Uma casa construída na imaginação, de um futuro distante.

“Ela seria a casa da vó, né. Se eu tiver sobrinhos e possíveis filhos, eles ficariam aqui enquanto eu saia, por exemplo. Natal seria aqui, tem muito isso. (Casa de Roberta)

Relembro meus caminhos acadêmicos. Enquanto estagiária docente, discutia com alguns grupos sobre a arquitetura, e surgiu, em meio as conversas, a relação desta enquanto espaço de memória. A partir disso, nomearam-se VÍNCULO, partindo dessa percepção corpo e espaço. A casa surgiu em meio ao diálogo. A casa enquanto esse espaço carregado de histórias. Lembro de uma das alunas relatando ter vivido em muitas casas ao longo da vida, mas que sempre associou a casa de sua avó, no Pinheiro, enquanto um lar, por ser nela onde estavam detidas as suas memórias mais bonitas da infância.

Via no bairro um pouco da construção dessa casa em cada lar, principalmente nas casas mais antigas, construídas em meados dos anos de 1970 por famílias de classe média.

Eram espaçosas, em sua maioria com grandes jardins, quartos amplos, salas de estar e jantar em diferentes cômodos. Algumas apresentavam espaço próprio para trabalho, como gabinetes e/ou escritórios, além de cozinha ampla e área de serviço aos fundos. Casas feitas para, de fato, viver a vida inteira, construídas para permanecer.

"No final assim, nas últimas, nos últimos momentos, moravam eu, a minha mãe, o meu avô e a minha tia. Mas já teve épocas assim de morar oito pessoas [risos], já teve época de morar sei lá, mais gente. Porque assim, boa parte dos meus tios morou lá, dos meus tios e das minhas tias, então assim, é... teve época que tava morando o meu avô, a minha vó, quando ela ainda era viva, aí minha mãe, o meu pai, e eu, minha irmã, meu tio, meu outro tio, as vezes o filho desse tio passava um tempo lá, então assim [risos] era uma casa que, era aberta família." (Casa de Artur)

Me faz rememorar a minha casa semente, e no ciclo de pessoas que já perpassaram em seu habitar. A casa de vó se faz nesse abrigar expansivo, que abraça muitas gerações.

"Meu avô construiu aquela casa quando ele foi de Palmeira dos Índios e segundo reza as histórias, é porque ele achava que em Maceió, teria mais oportunidade de estudos pros filhos dele, entendeu. Então assim, todos os filhos

crescerem naquela casa, e depois os netos e, crescerem assim, já foram um pouco mais velhos, mas tem boas histórias.” (Casa de Artur)

Essa dimensão da casa se cruza com outra camada de narrativa. Porque na casa de vó, se atrela uma imagem de pertença, de alguém que habita e provém as dinâmicas do espaço da casa. A minha casa se faz casa semente, pois desvela meu primeiro habitar, mas é também casa de vó, pois vejo em suas significações, a presença forte dessa mulher que o preenche. É quando a casa se constrói a partir da imagem corpórea de alguém, quando ela assume em seu imaginário o sentido de ser - “A companhia dela era a casa” -, como se habitá-la hoje fizesse viva a existência de alguém que a contempla ou que um dia a contemplou.

“A casa foi construída pelo meu avô. Ele morava em Bebedouro, era empresário lá na região, tinha uma fábrica. E ele pensava em construir uma casa, e o Pinheiro aqui, a região que na época não era nem Pinheiro, era Farol, tava e ascensão, crescendo, tinha muitos terrenos. Aí ele viu uma oportunidade que era próximo de lá, de Bebedouro, que era só subir a ladeira, e viu que era uma localização boa, e aí ele investiu, comprou. E ele mesmo construiu [...] Vovó tem nessa casa um pouco dele, sabe?” (Casa de Arthur)

"Era... era... simbolicamente era minha família (a casa), era a lembrança da minha avó a gente sabia que quando tinha um problema tinha onde recorrer, se quisesse conversar com alguém, seria lá, onde...qualquer coisa... (emocionado), tudo da nossa vida era resolvido lá! (Casa de Bruno)

“(...)meus avós morreram lá! Não morreram no hospital, não ficaram doentes... morreram dentro do apartamento,

estavam dormindo, ambos... estavam muito doentes e a gente cuidava deles em casa mesmo, com um intervalo de tempo muito grande assim, meu avô morreu em 2004 e minha vó em 2012, mas a gente cuidou deles lá e eles morreram lá dentro. É como se eles ainda estivessem ali, sabe. Olhar minha casa me traz essa imagem deles.” (Casa de Antônio)

Ela também se faz expectadora. A casa acompanha nosso sentir e crescer.

“A lembrança que eu tenho, são várias, né, a gente vive lá e sabe, mas assim, cada reforma que aconteceu, a gente foi crescendo e meus pais entenderam que ela também precisava crescer, aí ampliava o quarto, pintava a casa, fez uma suíte. A casa é um pouco a vida da gente, a gente vai evoluindo, e quem consegue assim olhar pra trás e ver assim, eu era solteira, me casei, tive filho, e a casa da gente vai acompanhando isso, a casa da gente é a evolução da vida da gente, não tem como desvincular uma coisa da outra. Então o espelho daquela casa é o espelho de um casal com três filhas. Então as lembranças da casa não são simplesmente da casa, mas da nossa história de vida. As coisas se confundem, né... o material e o imaterial nessa história.” (Casa da Gardênia)

“A casa foi mudando junto com a gente, apesar dela ter permanecido com tudo igual, a gente se transformou e ela ficou ali assistindo tudo isso, meio que sendo um suporte pra gente se transformar e ter coragem pras outras coisas, depois de ter perdido a minha mãe, sabe.” (Casa da Carla)



Figura 46 - Fotografias enviada pelos entrevistados. Fonte: Acervo dos entrevistados

“Ela [a casa] teve várias fases, né. Foram muitos anos, e no começo ela tinha um outro escopo na verdade, porque a casa é uma junção de três terrenos na verdade, aí teve uma época que ela tinha como se fosse, meu pai construiu na metade e a outra deixou pra ver o que ia fazer. Aí com o tempo acabou que ele construiu um bar e ele alugou pra um bar assim (...) Aí teve essas fases assim, dela ser maior e depois ir diminuindo, mas mesmo assim ela ainda é grande ainda, Aí não tem mais o campinho que tinha antes, mas ainda tem o jardimzinho lateral, ainda tem o terraço e uma garagem grande (...) Sempre foi aquela casa de você viver os espaços, mas com o tempo também, quando você é criança você aproveita mais né, depois cada um foi ficando no seu quarto e tal, mas ao mesmo tempo é ótimo também porque cada um tem seu quarto, tem mais espaço assim de vivência. Aí assim, ela foi mudando com o tempo, de acordo com a nossa mudança de família assim. E ela ia virar assim, a casa da vó, sabe, aquela casa assim tipo, dos avós, ainda continuar as festinhas, mas ia ficar assim os meus pais.”
(Casa da Roberta)

Quando atravessada pela tragédia da Braskem, essa casa que se faz um corpo se encontra diante da partida, da morte.

"é como você ter uma coisa que você gosta muito, um familiar, e ver ele indo embora. Porque mesmo que você não tenha a convivência ali diária de todo dia, saber como ele tá e falar com ele (...), mas você sabe que ele tá ali na sua frente. Aí quando você sente a diferença de quando ele tava e de quando ele deixou de tá... aí você ver que o negócio é real... a dor é [emocionado]. Vovó ficou muito triste: Meu esposo que fez, pra mim, do jeito que eu queira, que ele queria, e agora vai ter que sair, eu nunca quis sair

antes... era a lembrança física, material dele, sabe” (Casa de Arthur)

“Então, como a gente tinha um apego muito grande pela nossa casa, mais assim a questão da saída, a gente tava tentando assimilar... acontecer o que tava acontecendo. É como a gente... é como perder um ente querido. A gente não quer aceitar que tá passando por aquilo, demora um tempo... (Casa de Gabriel)

Gabriel não atribuiu a sua casa a corporeidade de um familiar, mas sua perda se faz dor, como o fim da vida de alguém muito querido. A casa aqui ganha espaço para sentir. Percebe-se a atribuição de sentidos a casa, como se ela fosse capaz de sofrer e experienciar a dor, participar sentimentalmente dos acontecimentos que a envolvem – O luto.

"Você vê o semblante da casa mudar de status pra tristeza quando você entra e vê ela assim!" (Casa de Arthur)

"você agora vai ver uma casa triste, abandonada, como fecharam as portas, com mato, o mato cobrindo... (Casa de Maria das Graças)

Como nos coloca Bachelard (1957) é “impossível escrever a história do inconsciente humano sem escrever uma história da casa” (p.89), e é dentro da construção desse inconsciente que entendo que se compõe essa atribuição da casa persona. É uma extensão materializada do que somos intimamente. A casa é física, mas também psicológica. O ser abrigado explora a casa pela sua virtualidade, pelos seus sonhos e pelas suas memórias. Mas existe nesse lugar uma dimensão que se transborda aos limites da casa. O Pinheiro é um bairro que diante da memória dos entrevistados, surge como uma extensão desse espaço de intimidade. Suas ruas e praças se apresentam como um “quintal”²⁹ – dessa forma, mantenho a identificação de minhas narrativas enquanto “casa”.

²⁹ Expressão apresentada por uma entrevistada.

“O Pinheiro pra mim era tudo. A gente andava aqui pelas ruas e conhecia todo mundo, de vista ou não, mas se conhecia. Você entrava numa rua e já era "opa fulaninho, opa" ou ele conhecia você, ou sabia onde ele morava e tal, sabia mais ou menos... E eu tive uma experiência melhor, mesmo tendo uma casa afastada do grande centro do Pinheiro, que eu considerava a Praça Menino Jesus, porque ela era próxima a igreja católica, e o entorno dela, desembocava na praça, eram os conjuntos Divaldo Suruagy e Jardim Acácia. Como eu estudei em colégio do bairro, aí eu tinha a vivência de tudo, de conhecer todo mundo.”
(Casa de Arthur)

Para Magnani (1993) “É a rua que resgata a experiência da diversidade, possibilitando a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares” (ibid., pg.02). Mas nesse caso, transformamos esse eixo unidimensional naquilo que poderíamos chamar de “experiência da rua”, pois esses espaços se colocavam enquanto lugares de encontro, ou poderia até mesmo classificá-los como um espaço das intimidades compartilhadas – crescimento da casa enquanto espaço de intimidade.

"Aquela praça era o anexo da minha casa! Tudo se resumia aquilo ali, era nossa segunda moradia assim. A gente fazia festas, fechava a rua. Era meu quintal mesmo. Quando a gente se mudou, e todo mundo foi saindo também, tinha uma vizinha, dona Terezinha, que sempre reclamava do barulho das festas (risos) e ela comentou que sentia falta até de reclamar do barulho. Até do que era ruim a gente sente falta!" (Casa da Alessandra)

“Era tipo, meu Deus, é muita coisa, sabe. A gente sempre ia na ASFAL, fiz natação na ASFAL, e o professor de natação coincidentemente virou meu amigo, era meu professor quando eu era muito novo e aí eu cresci, ele morava no

Maria Cristina e a gente virou amigo, sabe. E aí depois a gente ficava jogando bola na ASFAL, e eu não sei se pode falar isso porque tá gravando (Risos) subornava o vigia, e aí o vigia deixava a gente entrar pra jogar bola na quadra lá, meio que ilegalmente, pra jogar bola. E sempre teve essa relação. Quando eu fiquei mais velho sempre ia na praça Menino Jesus ali, pra tomar uma cervejinha ali, aí tinha a padaria da Keila, que a gente ia na padaria da Keila. Aí meu amigo namorava com a Keila e a gente ia sempre lá. Tinha todo esse negócio... é muita coisa, muita história, muitas pessoas, muita relação. Acho que meu caráter foi construído nessa, nesse contexto.” (Casa do Artur)

"A morada do bairro, pra mim foi uma experiência muito boa, porque o bairro em si do Pinheiro, é um bairro que meio que... a sensação que eu tive é que ele meio que congrega pessoas muito distintas. A gente morava na Travessa São Benedito que é aquela que vai passar por trás do Cepa, então ali era como se fosse um lugar bem... a sensação que eu tinha era como se fosse uma vizinhança muito próxima da outra. A gente tinha o senhorzinho que vendia as verduras e as frutas ali do lado, tinha a padaria, tinha a senhorinha do milho verde, tinha a senhora da tapioca na praça, tinha o outro que vendia o churrasquinho, na outra esquina, o outro que vendia cachorro quente. As comidas do bairro eram referência (risos). Uma outra coisa, a sensação que a gente tinha era que o nosso prédio, era um prédio de classe média, média baixa, eu diria, de classe média, mas a gente tava meio que no limite assim do bairro que você começava a ter uma população mais carente à medida que você vai se aproximando da Lagoa, e as pessoas que trabalhavam no prédio, porteiro, zelador, elas também moravam no bairro, então elas eram nossos vizinhos. Então

a gente criou uma relação assim, a gente sabia a rua, que cada um morava e tal, então eu achava que tinha um senso de comunidade muito grande assim. E nesses cinco anos eu consegui sentir isso, essa sensação de comunidade pela forma como, a localização pelo menos do meu prédio, ela se dava com relação ao bairro inteiro." (Casa da Vanine)

Sempre tive um certo fascínio por aquilo que chamo “memórias de instantes”. Desde minha adolescência, gosto de guardar objetos ou qualquer material que se constitua, para mim, a lembrança de um momento bom, a memória de alguém muito querido. Guardo cada um desses objetos em uma grande caixa, como se a partir disso, pudesse protegê-los de qualquer mal exterior – FRAGMENTOS. “No cofre estão as coisas inesquecíveis” (BACHELARD, 1957, p.252)

Nunca entendi ao certo esse meu desejo por guardar coisas. Talvez pela minha memória fugidia, elas materializem um cotidiano que, por vezes, poderia ficar esquecido, ou adormecido em meu subconsciente. Ou talvez, por uma certa influência familiar. Vovó Enid – devo lembrar que não é a vovó Miriam, a da casa semente -, sempre foi uma mulher bastante apegada aos seus objetos. Ainda jovem, gostava de viajar o mundo, ao menos uma vez por ano e sempre resgatava alguma lembrança de cada lugar em que percorria. Ao contrário dos meus hábitos de guardá-las e protegê-las, vovó costumava expor cada uma de suas miudezas pelos móveis da casa. Esses, também trazem em si recordações. A mobília da casa é daquelas antigas, muitas com mais de 150 anos, herança familiar de bisavós, tataravôs... alguns, inclusive, que cruzaram o oceano até aqui. Vovó compartilha com todos os visitantes as histórias de cada um desses objetos – da grande cristaleira ao pequenino chaveiro -, mas tem ciúmes de todos eles. Nada é removido do lugar, porque tudo ali tem sua razão de ser. Ela criou em sua casa um verdadeiro santuário de sua própria vida, guardando em cada cantinho uma marca de sua história.

Os caminhos que ela percorreu na vida são atravessados por cada um desses objetos. Fico pensando que, se cada um deles pudesse falar, narrariam e reconstruiriam diversos corpos da vovó, um para cada fase de sua vida, cada momento, cada sentimento. A história de vida de vovó e a história de vida de suas miudezas se encontram – são materialidades daquilo que ela já foi e é.

Recentemente, no fim de sua vida, pediu para ficar em casa, “perto das minhas coisinhas”.

Retomando Bachelard (1957), na construção da casa enquanto abrigo, entendo esse desejo de vovó como esse regresso ao ninho, ao local de proteção e acolhimento.

A casa-ninho nunca é nova. Poder-se-ia dizer, de uma maneira pedante, que ela é o «lugar natural da função de habitar. A ela se volta, ou se sonha voltar, como o pássaro volta ao ninho, como o cordeiro volta ao aprisco. Este signo do retorno marca infinitos devaneios, pois os retornos humanos se fazem sobre o grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta contra todas as ausências através do sonho. (Ibid., p.262)

Jean-Marc Besse (2013) já nos colocava diante da questão do habitar como algo que vai além das paredes. É a morada enquanto uma qualidade emocional, pois residir também perpassa os acontecimentos da casa e sua historicidade. Esse lugar interior “traduz consigo o testemunho da vida, da história que acontece, dos gostos, dos habitantes (ibid. p.38) e perpassa em dois registros “um registro, digamos, decorativo e um registro psicológico” que se representa em nós, no “eu” e nas coisas.

Assim como a casa, que ganha sua própria corporeidade – interior e exterior daquilo que sou -, os objetos são portadores materiais de uma certa humanidade. Ora os vejo como os órgãos desse corpo casa, “verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta” (BACHELARD, 1957, p.258) permitindo a sua funcionalidade, mas além, conferindo uma fisionomia a esse espaço, marcando uma forma de me expressar e me entender no mundo. Poderíamos imaginar um habitar sem objetos? Um corpo oco?

A socióloga francesa Violette Morin (1969), partindo dessa relação entre os nossos corpos e a coisas, criou o conceito de Objeto Biográfico, aqueles que são guardados e incorporados a vida daquele que o possui, que desempenha um papel na memória. Em contra partida, se opõem aqueles que podem ser descartados. O primeiro, são insubstituíveis, representam as experiências vividas, e o que caracteriza essa relação dicotômica nada mais é do que a passagem do tempo.

Incorporando esses conceitos, Ecléa Bosi (2003) nos convida a pensar nesse efeito temporal. Se tomarmos uma arca como exemplo, diz: “O tempo cresce seu valor: a arca passa a velha arca, depois a velha arca que boia no mar, até ser chamada de a velha arca que boia no mar com o sol nascente dentro.” (Ibid., pág. 27) Aqui, percebemos a importância do tempo e da valorização do objeto que incorpora histórias a sua existência – cria suas próprias narrativas. É nesse instante que ele cria sua biografia - na história da casa, o encontramos junto a biografia daquele que a habita, se misturando - “Cada um

desses objetos representa uma experiência vivida. Penetrar na casa em que estão é conhecer as aventuras afetivas de seus moradores.” (BOSI, 1994, p.144)

Ao contar sobre a história de cada um dos objetos de sua casa, vovó conta sua própria história – observa-os, classifica-os. É certo que uns terão maior importância que outros, particularidades, mas os objetos considerados biográficos adquirem o valor diante da vivência, a experiência junto daquele que os possuem. Somente vovó é capaz de perceber e narrar a história de cada um de seus objetos, pois esta relação é fusão, se por assim posso declarar, de suas biografias, acontece no lugar mais íntimo e pessoal. Suas miudezas são únicas e recordam seus momentos, apenas para ela. Talvez para outros, eles constituam um tipo descartável.

Retomo minha casa e na minha narrativa sobre o meu morar. Quantas vezes a rememoro a partir dos detalhes, desses objetos, dos fragmentos. Cadeiras, espelhos, mesas, quadros, robe, fotos, cristaleira, ou até mesmo a temporalidade que os compõe, como as marcas no piso, as cores que se alternam. “Sem esses objetos e alguns outros igualmente valorizados, a nossa vida íntima não teria modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeito. Têm, como nós, para nós, por nós uma intimidade.” (BACHELARD, 1957, p.248).

Esses fragmentos, ao mesmo tempo que confirmam uma presença humana, que materializam a verdade de quem o possui, também são capazes de nos desvelar ausências, vestígios, e de certo também o são presença. Resgatando objetos da minha caixa, consigo rememorar e sentir pessoas que já o interceptaram, construíram, vivenciaram.

Joana Schneider (2022) nos coloca a pensar nas memórias da Segunda Guerra Mundial. Em como os objetos se acumulavam em Auschwitz. Nos relatos orais dos sobreviventes que testemunham o genocídio, são os fragmentos restantes que se preenchem de memórias e vínculos das pessoas perdidas.

“A Alice Lok Cahana, sobrevivente húngara do holocausto, conta que, após a invasão da Alemanha na Hungria, foram emitidos sucessivos decretos limitando a liberdade dos judeus. Um desses decretos os obrigava a fazer uma mala de até 25 quilos. Ela questiona: “Pense em sua casa. O que você levaria com 25 quilos?”. (Ibid. p.59)

Retomo o crime no bairro do Pinheiro. Resgato, mais uma vez, registros da minha deriva. Meu corpo foi percorrendo esse espaço sem o reconhecer. Tinha um silêncio que incomodava, um cheiro de poeira e coisas apodrecidas. Era um cenário de filme, daqueles

de guerra, de casas com muros e portas esburacadas, coberta sem telha, e em sua maioria, com fachadas de portões vedados com grandes blocos de concreto. Era um vazio.

Eu sabia que poderia andar ruas inteiras e não encontraria ninguém saindo de casa, fechando os portões com a tranquilidade de quem vai trabalhar, pegar o filho na escola, jantar com amigos. Mas meu olhar sempre percorria em direções análogas, porque de alguma forma eu sabia o que gostaria de encontrar ali: uma pequena fagulha da vida.

Observava as janelas, ou seus vazios. Era através delas que eu conseguia perceber se o espaço de fato estava desocupado, devido à ausência de esquadrias e os restos de tijolos e revestimentos carcomidos que se destacavam ao redor, além de serem importantes brechas para o interior. Através desses vãos, eu conseguia observar, mesmo que minimamente, alguns móveis abandonados em prédios mais altos, cortinas rasgadas, telas de proteção cortadas e desgastadas. Fragmentos.

Na perspectiva dos diálogos, estas, que podemos dizer, compõem aquilo que denominamos objeto arquitetônico, também carrega em si uma dimensão do afeto. Em minhas narrativas, as janelas se colocam como “um encontro com a luminosidade”. Me conectando com o meu exterior, aquilo que me envolve enquanto casa. Era através dela que eu avistava os animais e plantas de meu jardim. “Acredito que, por muito tempo, era meu pedaço preferido dela.”

Por vezes, as janelas surgem como elo de ligação entre a rua e o lugar de intimidade.

“Eu gostava do quarto, porque meu pai quando tava construindo ele fez um janelão, aí era bem grande, e metade ficava tapado por causa do guarda roupa, porque era enorme [risos], mas a gente gostava de botar a cabeça lá quando meu pai tava voltando da feira, pra ver se ele tava vindo. Aí é a lembrança que eu tenho, de lá do cômodo que tinha esse janelão que a gente via tudo, via o pessoal no ponto na rua de baixo, via a lagoa também. E a gente sempre botava a cabeça lá pra ver se meu pai tava chegando da feira [risos].”
(casa da Janiele)

"Eu tinha acabado de completar 15 anos de idade, e a gente começou a estudar no CEPA e quando a gente chegou lá no

Pinheiro era assim, a rua, em frente à casa da gente era um sítio, não tinha nem a ASFAL, era barro, e a gente brincava na rua. Era tão deserto, mas tão seguro que a gente dormia com a janela aberta” (Casa do Arthur)

Nos coloca diante do tempo e de suas mudanças.

"A casa ela existe há 30 anos, o meu avô ele dizia que a casa, da janela do, dos quartos, dava pra ver o Divaldo Suruagy, e é bem distante assim, e na época que eles construíram o Divaldo dava pra ver da casa assim, hoje não dá mais né, outra paisagem, então eu estimo que seja mais de 30 anos, é muito tempo!" (Casa do Arthur)

Entrega, por vezes, características singulares da casa.

“Na sala de jantar tinha uma janela que era um óculo, várias coisinhas que você percebe que não foi feito de qualquer jeito não, sabe.”

Nos coloca a poetizar sobre os espaços vistos através dela.

“Da janela do meu apartamento a gente conseguia ver a lagoa também e o pôr do sol, e da sala a gente conseguia ver uma parte já do Pinheiro, no sentido do CEPA assim. Então a sensação de você tá imerso assim nessa paisagem assim, sempre foi forte lá! Inclusive eu tô lembrando agora que eu escrevi um texto sobre paisagens, que na época que eu escrevi eu escrevi olhando da janela do meu apartamento.”
(Casa da Vanine)

A partir da tragédia, aquilo que para uns é encontro e contemplação, para outros é dor.

“existe esse processo antes, da preparação, os vizinhos vão tirar o móvel, aí tira a madeira, tira a janela e eu fico vendo

da casa assim, os últimos meses todos foram assim, eu abria a janela e já via uma nova paisagem assim... e agora fica aquela paisagem de cenário de filme assim (...) Me doeu o coração... eu não sei explicar porque! Ver todas aquelas janelas arrancadas, é horrível.” (Casa da Roberta)

É possível habitar uma casa sem janela? No ponto de vista do conforto ambiental, seria totalmente censurável! Imagine uma casa totalmente vedada, sem circulação de ar, entrada de luz..., mas pense agora em uma casa sem janela, apenas com seus vãos, buracos ao redor dela. É como se a partir desse fragmento, pudéssemos nos esconder melhor, nos abrigar da chuva, proteger nossa intimidade. Diante desse caráter último, ela pode, também, se colocar como um objeto biográfico. Uma janela carregada de histórias.

"A gente deixou muita coisa pra trás! Eu fiquei até emocionado porque recentemente meu tio tava reformando uma casa e aí ele levou a janela, da casa do meu avô. Pra você ver, o sentimento da casa... ele levou a janela de Maceió pra Sergipe, que é onde ele tá construindo a casa, e botou a janela na casa dele, ele filmou recentemente assim, a janela da casa... que era tipo... e nem era uma janela bonita assim e tal, era uma janela bonita, por ser rústica, mas não era assim ‘ô meu deus, preciso levar essa janela’. É porque é a janela da casa, não é porque é uma janela cara...é ela"

As letras e desenhos marcados nas paredes das casas foi um outro símbolo que atraiu meu olhar. Esses escritos tinham uma particularidade. Nas fachadas das casas era possível encontrar pichações, pedidos de socorro.

Em sua tese, Marina Milito de Medeiros (2021, p.108) contempla esses escritos expostos nas fachadas, enquanto gritos de indignação. “Se ninguém os ouve, ao menos as paredes devem falar e servir de testemunha. A arquitetura-testamento de uma tragédia, com entrelinhas de rachas e frestas”. São como tatuagens, marcas escritas na pele da casa e que comunicam aos olhos aquilo que não se deve esquecer. Nas minhas conversas, elas

também atingem aqueles que já se foram: "Eu fui algumas vezes pelo bairro, e eu vi cenas deploráveis, tristes. (...) acho que as pixações das pessoas na casa - aqui morava uma família -, essas pixações me marcou bastante"³⁰.

Extrapolando aquilo que se faz palavra, também coloco aqui, nesse espaço fragmento, a composição imagética do artista visual Paulo Accioly, que debruçou seu olhar com o projeto "A gente foi feliz aqui" Enquanto ex-morador do Pinheiro, ele nos coloca frente ao sentimento de angústia diante do caso que oculta as vozes de famílias, amigos, vizinhos e de suas vivências. Para além do caso de bairros que estão afundando, ele nos revela aquilo que se ancora junto aos tijolos e ao concreto. Ele encontra "uma forma mais doce" para espalhar as reminiscências dessa tragédia.

"O meio mais doce que eu encontrei na época que eu estava voltando, desenvolvendo a ideia foi de fotografar as famílias, colar a foto dessas famílias nos muros das casas e em algum momento que eu não sabia quando era, fotografar e filmar a demolição desses muros com as famílias, isso foi minha primeira ideia."³¹ (Accioly, 2021)

Para ele, esse olhar lança luz a efemeridade. Assim como as frases nos muros que um dia irão sucumbir, as colagens são esses fragmentos expostos a ação do tempo "a gente cola, as pessoas podem arrancar, a chuva pode molhar e fazer sair..."

Mas em minhas andanças por entre as casas, eram as palavras marcadas nas paredes internas que me arrebatavam. Enquanto por fora, elas gritam e se comunicam com aqueles que caminham pelas ruas do bairro esvaziado, por dentro elas se fazem despedida, vozes de saudade. "Nessa casa criei meus três filhos, minha maior riqueza. Obrigada meu Deus, por tudo!" A frase se destaca na parede, mesmo envolta por escombros, e eu consigo imaginar como seria aquele espaço. São marcas capazes de me transportar para uma realidade antes da tragédia. A sala grande no interior da casa reconstituiu uma grande mesa de jantar, um almoço em família composta por uma mãe e seus três filhos. Como eles percorriam aquele lugar? Onde se espalhavam os outros móveis? Esses fragmentos palavra me fizeram imaginar quem habitou um Pinheiro vivo.

Talvez influenciada por tudo o que o bairro representava para mim, enquanto lar, espaço que abrigou meu canto no mundo durante tanto tempo, não importava quais caminhos eu

³⁰ Depoimento retirado a partir de entrevistas

³¹ Depoimento retirado a partir da transcrição da Teia: Saudades do meu vizinho, a partir do depoimento do artista visual Paulo Accioly

percorria, meus olhos sempre encontravam as casas. Eu as buscava em todas as minhas derivas. Por vezes, as via lacradas, emudecidas. Isso me frustrava, porque era através das frestas, dos buracos dentre os tijolos, que eu conseguia “ouvi-las”. Era como se elas gritassem, contassem histórias, e eu pudesse ler nas entrelinhas, seus vazios tão cheios de memória.

Porque adentrar essas casas me permitiu acessar uma camada que não se coloca a vista daquele que percorre as ruas desse bairro hoje. Me coloco diante dessas casas como alguém que adentra a casa de um desconhecido. Entro devagar por entre as frestas, vou captando as coisas ao redor. Como tudo se mistura – paredes quebradas, poeira, plantas que cresceram e preencheram os vazios –, meus olhos saltam as miudezas. Os restos, fragmentos de casa espalhados, me conectam, mesmo que indiretamente, aos corpos que um dia preencheram esse lugar –revelam características íntimas do ser.

Paul Auster (1999), após a morte de seu pai, fala em “A invenção da solidão”, sobre a experiência de esvaziamento. Ele apreende a casa como metáfora do seu pai – assim como a casa corpo –, e relata sobre o processo de lidar com a perda, ao mesmo tempo que vasculha seus objetos.

“Toda vez que eu abria uma gaveta ou metia a cabeça em um armário, me sentia como um intruso, um assaltante que vasculha os recantos secretos da mente de um homem. Eu continuava à espera de que meu pai entrasse de repente, olhasse para mim espantado e me perguntasse que diabo eu estava fazendo. Não parecia justo que ele não pudesse protestar. Eu não tinha nenhum direito de invadir sua privacidade. (AUSTER, 1999, pág. 17)”

Reflito sobre minha postura diante dos restos. Em meu primeiro campo, encontro o livro de marcenaria. “Em um gesto sereno, reponho o livro cuidadosamente no local encontrado. Cuidadosamente deixado em um espaço abruptamente arruinado.” Assim como Auster, diante das coisas de seu pai, me senti remexendo a intimidade de um desconhecido. Eu tinha o direito de pegar aquilo? Era como se estivesse invadindo a intimidade de alguém. Essa minha postura diante dos restos muda no momento que encontro uma casa, onde o quarto estava repleto de papéis e resto de coisas que pareciam, de fato, terem sido descartadas. Como se alguém tivesse revirado todos os armários, escolhendo aquilo que fazia sentido ficar, e jogando no chão o que não queria mais. Esse livro devolvido seria um objeto descartado?

A confusão começa diante do álbum de fotos. Porque até então, a construção dos restos enquanto descarte fazia sentido. Mesmo tendo encontrado móveis em bom estado de conservação, imaginei que talvez não coubesse no novo ambiente – e por que não os vender? -, ou não se quisesse mais. Mas as fotografias me paralisaram.

Sei que hoje, diante do meio digital, a fotografia tomou outros moldes, com uma certa facilidade de recursos, onde podemos registrar o mesmo momento diversas vezes, por diferentes ângulos e ao fim, selecionar quais gostaríamos de guardar. Mas as fotos antigas e principalmente, as fotos reveladas em um álbum, elas têm, para mim, uma conotação de lembrança. Um registro tão único que vale a pena ser envelopado e guardado, para que possamos acessar a mão sempre que quisermos rememorar.

Por que deixar para trás fotografias?

Foi só a partir das minhas conversas que pude entender a dimensão desses fragmentos e de como eles se construíram múltiplos a partir de cada casa.

Muitos não tiveram escolha. O processo foi rápido e a busca por um novo lugar para ficar se interpelavam com questões financeiras³², com adaptações – seja da distância para o trabalho, para a família, amigos, grupos sociais, além do tamanho da residência que não adequava a realidade vivida anteriormente. Deixou-se para trás pois a vida de antes já não cabia mais nesse novo lugar; deixou-se também porque aqueles objetos, aqueles móveis, cada um daqueles fragmentos, rememoravam uma casa de momentos de amor, mas que hoje se atravessava pelo luto; deixou-se, pois, se imaginava que era passageiro, que o processo não perduraria muito tempo – na esperança de um dia voltar a viver em seu lugar; deixou-se também pelo desapego, pela busca por uma vida nova, sem as amarras de tudo o que aconteceu; ou ainda porque não se importava, não existia elo com nenhum daqueles fragmentos. Deixaram-se...

“Teve um móvel que a gente não desapegou, que era uma mesa que ela leva pra todo lugar, quando a gente se mudava, a bendita da mesa ia junto, só que a mesa é 2x2 e ela não queria se desfazer da mesa... e botou na cabeça... ela que

³² a empresa que causou os danos ofertou, para todos, apenas 1000,00 reais para o aluguel de uma nova casa. Com o grande movimento de pessoas saindo de suas casas e buscando nova moradia, a cidade de Maceió teve seu mercado imobiliário aquecido, fazendo os alugueis subirem exorbitantemente, impactando diretamente na vida dos familiares que estavam sofrendo diretamente com a perda de moradia.

teve que arrumar e desarrumar, sabe. Pra ela foi muito difícil... até ela sair e comprar outra casa pra ela...de saber que agora ela pode fazer o que ela quiser, pintar a casa, botar armário, tirar armário... ela tinha muita... como ela passa mais tempo em casa do que eu, é isso, algumas pessoas mais velhas sentem mais... porque ela não podia fazer tudo que queria num apartamento alugado, a gente não conseguia botar um prego na parede sem medo se ia dar algo errado, sei lá, então pra ela era isso assim, muito difícil.” (Casa de Maria Clara)

Atrás aqui dessa cortina, tá vendo essa cortina begezinha, tem uma marcação do crescimento das minhas filhas, e dos amigos das minhas filhas. Uma marcação com o ano, que foi medido e quem era né. Aí tem do ano tal até ela crescer, aí parou né, porque agora, pararam de crescer (risos), e os amigos da minha filha e tem um que tá com 1,95, então ficava lá em cima pra medir (risos). E essa parede eu queria levar comigo, e eu não consigo né... então a casa é a evolução da vida da gente. A casa é o que a gente é! Então aquele rabisco eu coloquei atrás da cortina pra justamente a gente não pintar, eu nunca pintaria! Eu poderia pintar a casa todinha, mas ia ficar uma janela ali (risos). Então, é um tempo que passou. Minhas filhas tem amigos daqueles amigos fieis, que até a mesma profissão quis fazer, e vivem aqui, e me consideram super bem e eu considero como filhos. Então é a extensão da casa da gente, da vida da gente... então são lembranças. Se você dissesse, Gardênia, o que é que você queria levar dessa casa, se você pudesse levar uma coisa... essa parede, era essa parede que eu queria levar, mas não vou levar, né... Já pensei mil coisas pra fazer, será que se eu tirar uma foto... será que... não sei. Eu tinha que dar um jeito de não perder... Eu pensei em tirar uma

foto, bem real, e vou colocar na altura, e fazer um quadro (risos), enfim... tolices, coisas que a gente vai pensando, mas não são a mesma coisa, né. (Casa de Gardênia)

"Eu deixei meu quarto completo lá..., mas eu também não sou muito apegada, porque eu sabia que uma hora eu ia sair de lá pra planejar a minha vida. E a situação foi justamente essa, eu não saí por escolha, de planejar sair de casa, de ir comprando as minhas coisas pra montar um novo canto. Pra mim isso foi problemático. Mas pra minha mãe foi muito pior porque ela comprou as coisas daquela casa exatamente como ela queria. A sala era como ela queria, que ela imaginava a sala dela. Mas aqui não cabe. Tem uma cadeira de balanço, que essa cadeira de balanço foi do meu pai que comprou pra minha mãe ninar o meu irmão mais velho. Quando eu nasci minha mãe me ninava, depois meu irmão ninou o meu sobrinho e assim, ninou pelo menos quatro gerações na família, e essa cadeira não pode vir, então assim... ela passou meses dizendo que a gente tinha que pegar a cadeira de balanço "vamos pegar a cadeira de balanço!" e até hoje quando a gente fala da casa, ela comenta "será que minha cadeira de balanço ainda tá lá?!" porque era uma coisa muito importante pra ela. As plantas ela não conseguiu trazer, e ela vivia perguntando quem ia regar as plantas dela lá... então são várias coisas que assim, ela ainda tinha esperança. E hoje a esperança dela, se a gente comprar outra casa, é ir pegar o que ficou lá... "Então quando a gente se mudar eu vou pegar minhas plantas, minha cadeira, minha sala... aí a gente vai e bota na casa nova" (Casa de Alessandra)

RE - FRAGMENTAR-SE

A porta não rangeu
Não tinha trincos, fechaduras, aberturas
Silêncio
Escuto o silencio
Entrei, mas nem vi como
Corpo casa
O corpo oco da casa se preenche ao meu adentrar nela
Quantas memorias
O chão exala silêncio
Paredes descascadas, arrancadas, depredadas
Rachaduras
A casa onde um dia houve vida hoje deixa rastro
A minha pele sangra
As paredes sussurram
Corpo aos pedaços
Machucados que continuam gritando
Eu não me sinto em casa, eu me sinto a casa
O cheio, o vazio
Será que posso deixar de existir? Deixei pedaços que não quero mais
Casa a perecer
Deixo por fim uma lembrança de mim, de nós
Lembrar para não esquecer
Tem pedaços de mim aqui e em todo lugar



Figura 47 – Experimento corpóreo CORPO CASA. Fonte: Acervo pessoal

Caminho em direção ao fim – pelo menos ao fim de uma escrita, mas não de um processamento de ideias, pois entendo que essa dissertação se desdobra em múltiplas outras camadas, que um dia, poderão ser exploradas, desdobradas, reinventadas. São os fragmentos que colhi – e outros que deixei nos caminhos que cruzei. Pedacos do outro em mim, pedacos de mim no outro.

Construo um invólucro a partir de pedacos. Visto-me desse trabalho. Papéis rasgados, pedacos de cerâmicas, telhas, plantas, materiais que capturei em minhas errâncias. Colo em meu corpo, eles se conectam a mim, cravados, colados na pele. Representam o múltiplo – o fragmento enquanto pessoas, enquanto memória, casas, histórias de vida, enquanto restos.

Eles se constroem na superfície da pele, criando uma camada própria que se fixa a ela – pele sob pele –, a carapaça que protege o esqueleto oco aos olhos [o vazio].

A “costura” desses pedacos em mim não se colocam como a organicidade dos gestos que perpassaram meus caminhos. Meu corpo todo se entrega. Totalmente coberto, um túmulo.

No seu construir, o rasgar dos papéis produzia sons, quase como arranhões – aqueles que me remetiam ao adentrar dos dedos em minha pele –, o som daquilo que vai se rompendo. E são texturas diferentes, e por certo, intensidades diferentes que se deterioram. Uns se esvaem com facilidade, outros resistem, geram atrito na pele que se contrai – as veias saltam diante da força –, mas por fim se parte ao meio, espedaçado [os corpos que persistem em permanecer no lugar].

Os azulejos – restos avistados em meio a poeira do que sobrou –, são quebrados. Som do martelo trincando a matéria, me transporta para os trabalhadores que retiram as esquadrias, a cena do homem coberto de pó cinza das paredes esfaceladas, e que persiste em martelar sob a madeira, arrancar o que restou.

Colo as partes na “pele”, e a cola se espalha sob o dedo, seca, endurece. Penso nas marcas, naquilo que sobra e se impregna na pele [como as memórias].

Em mim ela se rasga [me rasgo], dilacera a pele e se desfaz. É o Pinheiro sendo desmanchado, são aqueles que o cruzaram [histórias] sendo feridos. O azulejo marca a pele, o rasgar de papéis se fazem de fato o rasgar da pele que se rompe. Não sobra nada

sobre o corpo, mas ao redor, restos. Esse processo foi desfeito em um ato. Arranco de mim cada uma das partes.

Os restos do chão se fazem os restos que perpasso durante as errâncias – são os chinelos, os livros, as fotografias deixadas para trás. As marcas das vozes dos moradores em mim [as minhas podem também deixar marcas?].

Meu corpo é fragmento, suas vozes, meu caminhar em campo e seus encontros, as fotografias, esses escritos, sua composição, suas nuances, suas escolhas, certezas, silêncios. Um corpo de gestos, palavras, referências daquilo que é CASA.

Ao longo dessa dissertação, tentei deixar explícita as formas como mergulhei em cada brecha, cada resto. As narrativas que apresento são, e não poderia deixar de sê-lo, pessoais, e enlaça a construção de um trabalho que se descobriu ser, durante o processo de sua feitura – abraçando os imprevistos, o não dito, o esquecido, o surpreendente, o emocionante.

Feita de imagens, lembranças, histórias, lugares, onde cada percurso, cada fotografia, cada porta que adentrei – as derrubadas pelo crime e as que fui recebida, como quem recebe um amigo muito querido -, contribuíram para minha construção enquanto mulher, pesquisadora, arquiteta e urbanista...

Falo sobre casa e essa escrita de si que percorrem todo o processo. Desde o início, quando me transporto para esse trabalho, até chegarmos naquilo que denominamos “conclusão” – de algo que não termina em si -, estamos eu e ela [casa], um eu interpelado por tantos outros.

E que desafiador é falar de si, transpor o outro. Mais ainda falar das dores, de um espaço que não para de se transformar. Foi difícil percorrer cada uma dessas etapas – o medo do caminhar em um campo vazio, inseguro; as mudanças que esse crime ambiental perpassa e que ocorrem diariamente, sejam novas áreas, novas desapropriações, novas crateras e rachaduras; a insegurança ao acessar a intimidade do outro, suas belezas e suas dores; a inquietude em me invadir, abrir a mim mesma, meu corpo casa a todos os que leram ou que possam vir a ler esse trabalho. Mas todos esses fragmentos compõem essas palavras – sejam elas expostas, a mostra, ou até mesmo aquelas que silencieei, que escolhi não desvelar.

Sinto que as imagens criam um grande arquivo de memórias frente a toda essa rápida transformação. Muitas casas que se apresentam aqui, já não existem mais fisicamente. É através delas, das fotografias, que vejo força para interpelar um novo fragmentar-se, em percursos e trabalhos futuros. Elas ainda me inquietam muito.

Além delas, também vejo em cada linha de relato uma multiplicidade e riqueza que me fariam escrever novas histórias – sobre a casa, sobre o bairro, a cidade, até mesmo sobre formas de viver a vida. Aqui, insiro recortes, lampejos de suas histórias, mas que poderiam ser claramente aprofundadas de tantas outras formas, extraídas de tantos outros modos.

Cada uma das partes que compõe esse trabalho, de certo, poderiam tomar caminhos isoladamente, falar por si – as errâncias, as fotografias, as entrevistas. Mas aqui as interpelo, crio e traço esses pedaços de história, costuro-os – ora bem apertados, ora com frouxidão -, bordando a imagem daquilo que de certo, posso chamar de um habitar a partir das ausências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIBIO, Helena Campos. **Onde habitam os afetos?** 2017. 65 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

ARAÚJO, Flávia; CALDEIRA, João Victor; TORRES, Adryelle. Contrastes e Interrupções na produção da cidade contemporânea: análise dos impactos socioespaciais de empreendimentos inacabados em Maceió-AL. In: ARQUI SUR, 23., 2019, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9. ed. São Paulo: Papirus, 1994.

AUSTER, Paul. **A invenção da solidão**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BACHELARD, Gaston. (1957). **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1974

BESSE, J.M. (2012). **Estar na paisagem, habita, caminhar** in I.L. Cardoso (coord.) Paisagem e património. 2013. Porto: Dafne Editora Chaia, p. 33-53.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** – lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A casa subjetiva**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BRITTO, Fabiana Dutra; JACQUES, Paola Berenstein. CENOGRÁFIAS E CORPOGRÁFIAS URBANAS: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. **Cadernos PPG-AU**: Paisagens do Corpo, Salvador, v. 1, n. 1, p. 79-86, jun. 2008.

BULHÕES, Júlia Amorim. **Colapso urbano?** narrativas de moradores do pinheiro sobre a subsistência do solo em Maceió- AL. 2022. 127 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CAVALCANTE, Joaldo. **Salgema**: do erro à tragédia. Maceió: Cesmac, 2020.

CERQUEIRA, Louise Maria Martins. **Embaralhando a Profusão**: feiras livres a partir de gestos e imagens em alagoas. 2020. 432 f. Tese (Doutorado) - Curso de Cidades, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce. Entremeio. IN: _____ e MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano** – 2. Morar, cozinhar. 6 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CHAUÍ, Marilena. Apresentação – Os trabalhos da memória. IN: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** – lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo, Editora 34, 1995.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. Trad: André Telles. São Paulo: Editora 34, 2017a.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Olhos livres de história. **Revista Ícone**, Recife, v. 16, n. 02, p. 161-172, 06 ago. 2018.

DIDI-HUBERMAN. **Pensar debruçado**. Trad. V. Brito, ed. J. F. Figueira e V. Silva. KKYM, 2015.

DIDI-HUBERMAN. s'inquiéter devant chaque image » (entrevista com Georges Didi-Huberman realizada por Mathieu Potte- Bonneville e Pierre Zaoui), in **Vacarme**, nº37, outubro de 2006b. <http://www.vacarme.org/article1210.htm>

DUARTE, R. **Orla Lagunar de Maceió**: apropriação e paisagem (1960-2009). 2010. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2012.

FEITOZA, Suzany Marihá Ferreira. **(In)versos**: entre músicas, corpos e periferias. 2022. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

FERREIRA, Beatriz Rodrigues. **Faço um filme da cidade sob a lente do meu olho**: ensaios sobre fotografia, paisagem urbana e ruínas. 2007. 133 f. TCC (Graduação) - Curso de História Bacharelado, Departamento de Biblioteconomia e História, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2007.

FREITAS, M. J. L. **Habitação e Cidadania**: no trilho da complexidade de territórios e processos relacionais generativos. Lisboa: ISCTE, 2001. 463p.

GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONÇALVES, Matilde. Perspectivas linguístico-textuais da escrita fragmentária na literatura portuguesa contemporânea. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, (3), pp.99-117, 2017,

GUATTARI, Félix. **Caosmose**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro, Editora 34, 1994.

HIGUCHI, M. I. G. A sociabilidade da estrutura espacial da casa: processo histórico

de diferenciação social por meio e através da habitação. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, n.33, p.49-70, abr. 2003.

JAPIASSÚ, Luana Andressa Teixeira. **Expansão Urbana de Maceió, Alagoas**: caracterização do processo de crescimento territorial urbano em face do plano de desenvolvimento de 1980 a 2000. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **A rua e a evolução da sociabilidade**. Os Urbanitas: Revista Digital de Antropologia Urbana, v. 1, n. 0, 2003.

MARESCA, Sylvain. O silêncio das imagens. In: SAMAIN, Etienne (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Unicamp, 2018. p. 37-40.

MEDEIROS, Marina Milito de. **Maceió à flor da pele**: memória, arte e catástrofe. 2022. 215 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

MORIN, V. **L'objet biographique**. In.: Communications, n. 13, 1969, p. 131-139.

NOVA, Vera Casa. Cascas sobre o papel: memória do dilaceramento. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 65-75, ago. 2014.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014. p. 143-175.

OLIVEIRA, Karina Mendonça Tenório de Magalhães. **Sobre (R)emoções e (RE)começos**: o caso do Residencial Vila dos Pescadores - Maceió/AL. 2018. 141 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

PEIXOTO, Nelson Brissac. As imagens e o outro. IN: NOVAES, Adauto (org.). **O desejo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PONTIERI, Regina. Roland Barthes e a escrita fragmentária. **Língua e Literatura**, São Paulo, (17) 81-98, 1989

SAMAIN, Etienne. **As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo**. In: Revista Visualidades, Goiânia v.10 n.11, pg. 151-164, jan-jun 2012.

SCHNEIDER, Joana. **Casa, objeto e memória**: a narrativa como arte e valor das coisas. 2022. 295 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Visuais, Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

SIMMEL, Georg. A ruína. IN: ÖELZE, José Souza Berthold (org.). **Simmel e a modernidade**. 2 ed. Brasília: UNB, 2005.

SOUZA, Isabela Marques Leite. Ministério da Cultura. **Ruínas ou remanescentes**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Instituto Brasileiro de Museus, 2015. 252 p.

TUAN, Yi-Fu. (1930) (Space and Place: The perspective of experience). [**Espaço e tempo: a perspectiva da experiência**]. (Trad. Livia de Oliveira) São Paulo: DIFEL, 1983.

VELEDA, Raphael; ESTRELA, Igo (ed.). **Maceió está afundando**. 2021. Jornal Metrópoles. Disponível em: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/afundamento-de-maceio-provoca-exodo-urbano-de-55-mil-pessoas>. Acesso em: 25 set. 2021.

ZEVI, Bruno. (1984). **Saber ver a Arquitetura**. (1º ed.) São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1996.